

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE  
COLETIVA**

Dalvan Antônio de Campos

**OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS  
TRAJETÓRIAS DOS MORADORES DE RUA DO  
MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS (SC), 2016**

Florianópolis

2016



Dalvan Antônio de Campos

**OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS  
TRAJETÓRIAS DOS MORADORES DE RUA DO  
MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS (SC), 2016**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Otávio Moretti Pires

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Campos, Dalvan Antonio de Campos

OS EFEITOS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS TRAJETÓRIAS DOS  
MORADORES DE RUA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS (SC), 2016.  
/ Dalvan Antonio de Campos Campos ; orientador, Rodrigo  
Otávio Moretti Pires Moretti-Pires - Florianópolis, SC,  
2016.

198 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós  
Graduação em Saúde Coletiva.

Inclui referências

1. Saúde Coletiva. 2. Moradores de Rua. 3. Trajetória  
Social. 4. Gênero. 5. Construcionismo Social. I. Moretti  
Pires, Rodrigo Otávio Moretti Pires. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Saúde Coletiva. III. Título.

Dedico este trabalho aos moradores e moradoras de rua companheiros nesta jornada.



## AGRADECIMENTOS

Esta, sem dúvida, é parte mais difícil de escrever, pois me arrancar-lá lágrimas de alegria e de tristeza, pela ausência em vida de alguns, pela não presença na vida de outros, devido ao rumo que a vida tomou na trajetória acadêmica, mas, sobretudo pelas mãos, braços, corpos e corações que tive durante estes dois anos, que, sem dúvida, foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

À minha amada companheira de vida Bruna Weber Santos, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos e compartilhar aventuras de constante aprendizado e compreender minhas loucuras. Sem seu apoio não teria conseguido. Que a vida nos seja leve! Amo-te!

Ao meu filho Antônio Santos de Campos, minha eterna fonte de amor e força. Agradeço pelos abraços, beijos, risadas e palavras. Saiba que nos momentos mais difíceis elas foram à luz que busquei para seguir firme.

Aos meus pais, Maria Aparecida Luz de Campos e Antônio de Campos, que me deram a vida e a liberdade para escolher meus caminhos, mas que sempre foram, e continuarão sendo, o porto seguro das minhas jornadas. Amo você de todo meu coração!

À minha irmã, Daiani de Campos, por todos os auxílios durante esta etapa, das conduções do Antônio ao colégio as traduções indispensáveis. Orgulho-me de suas atitudes e trajetórias.

Aos meus tios e padrinhos, Verginia Maria Luz de Campos e Osvaldo Teófilo de Campos Filho, por todo amor, cuidado e pelos ensinamentos. Desculpem-me pela ausência necessária, mas saibam que sempre os levo em meu coração.

A meus avós maternos, Maria do Carmo da Luz e Manoel João da Luz (*in memorian*), agradeço pelo cuidado e pelas experiências que tive junto a vocês.

A minha avó paterna, Margarida de Campos (*in memorian*), que mesmo sendo analfabeta, viúva aos trinta e poucos, mãe solteira e pobre tendo uma vida amarga e de constantes conflitos, me mostrou que sempre é possível sorrir! Que estejas descansando em um lugar muito melhor Vó Crita!

Ao meu irmão, amigo, pai, professor, orientador Rodrigo Otávio Moretti Pires, cujos ensinamentos extrapolam, e muito, as barreiras acadêmicas. Obrigado por sempre acreditar em mim e estar presente nos momentos mais difíceis. Que nossa relação permaneça forte!

Aos demais familiares que sempre estiveram próximos, ou não, agradeço por terem feito parte da minha trajetória dando sentido aos

meus caminhos, principalmente nos anos dourados da infância em Três Riachos, tenho carinho especial por todos vocês e os levo no meu coração. Encontramo-nos pela vida para rememorar nossas histórias!

A todos os amigos e irmãos que contribuíram para que eu me constituísse enquanto ser humano, mas com um agradecimento especial ao Glauber de Souza, amigo de todas as horas, que não desiste de me ligar mesmo quando passo semanas sem atendê-lo. Obrigado pelas risadas, surfes, roles de skate e conversas compartilhadas, sem elas a vida ficaria pesada demais!

Aos colegas e amigos que compartilhei experiências nesses anos de universidade, desde a graduação em Nutrição, nos longínquos tempos de 2009. Em especial aos companheiros, que estão e que passaram, pelo GETTS, NECST e Núcleo de Estudos Epicen@s pelos estudos, trabalhos e companheirismo que me fizeram crescer enquanto ser humano e pesquisador.

Ao professor Murilo dos Santos Moscheta, pela inspiração nessa caminhada de estudos do mestrado. Seus discursos têm uma potência inspiradora inenarrável.

Aos Professores do PPGSC, pelos momentos de troca durante esses dois anos dentro e fora da sala de aula construindo e dando significados ao campo da saúde coletiva.

Ao investimento público no apoio financeiro e estrutural da Universidade Federal de Santa Catarina que me permitiram tranquilidade para concluir a graduação em Nutrição, realizar iniciação científica, monitoria, estar finalizando o mestrado em Saúde Coletiva e ingressar no doutorado em Saúde Coletiva.

### **Sabedoria é não Entender**

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples estado de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doída. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.

(Clarice Lispector)



## RESUMO

A sexualidade é assunto em destaque em nossa sociedade e compõe um campo complexo, com várias narrativas concorrentes, no cenário científico e fora dele. É comum a utilização equivocada do conceito de gênero como sinônimo para sexualidade, promovendo grande dificuldade de dar voz aos discursos da identidade/expressão de gênero e da sexualidade como coisas distintas, mas que se cruzam. Essa forma narrativa é ressaltada pela perspectiva biologicista, legitimando a ideia de identidade/expressão de gênero imaleáveis, vinculadas a genitália e aos papéis sociais vigentes e dominantes. Desse modo, os indivíduos que não se ajustam ao padrão hegemônico são inviabilizados e excluídos nos processos sociais. Assim, a sexualidade e o gênero tem efeito nas trajetórias, em alguns casos sendo o estopim dos conflitos familiares que culminam na ida para as ruas. No Brasil, apesar da presença da população LGBT no âmbito da rua, as especificidades das vivências desses ainda é um tema pouco investigado, diferente do que se observa no cenário internacional. Desta forma, esta dissertação teve como objetivo compreender os efeitos das expressões de gênero nas trajetórias sociais dos moradores de rua do município de Florianópolis/SC. A pesquisa foi desenvolvida nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, com postura construcionista social, utilizando entrevistas individuais com pessoas gays, lésbicas e heterossexuais e registros provenientes da observação participante. A análise foi realizada por meio de imersão do pesquisador nas informações coletadas realizando a descrição dos sentidos construídos sobre a expressão de gênero e seus efeitos nas trajetórias. Os conflitos familiares e a não aceitação das identidades de gênero foram narradas como estopim da ida para a rua e como agravantes para situações de violência no contexto de rua. A submissão constante a atos violentos e de discriminação, nas vivências das ruas e antes dela, foi apresentado pelos interlocutores como um limitador para o exercício de suas expressões de gênero. Além disso, as identidades de gênero foram importantes no processo de desfiliação, tendo efeitos diretos nas vivências e possibilidades de narrativas no contexto da rua. Sendo que o estigma por ser morador de rua e não heterossexual foi entendido como entrave na utilização dos serviços de saúde e assistência social.

**Palavras-chave:** Gênero. Moradores de Rua. Trajetória Social. Construcionismo Social.



## ABSTRACT

Sexuality is subject in focus in our society and makes up a complex field, with several competing narratives, at the scientific scenario and out of it. It is common to use wrong the concept of gender as a synonym for sexuality, promoting great difficulty to give voice to the discourses of gender identity/expression. and sexuality as separate things, but they intersect. This narrative form is highlighted by biologicista perspective, legitimizing the idea of gender identity/expression adamant, linked to the genitals and the prevailing and dominant social roles. In this way, individuals who do not fit the pattern are blocked and deleted in the hegemonic social processes. Thus, sexuality and gender has an effect on the trajectories, in some cases being the fuse of family conflicts that culminate on the way to the streets. In Brazil, despite the presence of LGBT population under the street, the specifics of the experiences of those still is a little investigated, different from what is observed in the international arena. Thus, this project aimed to understand the effects of gender expression in social trajectories of the homeless in the city of Florianopolis/SC. The survey was developed in the months of January and February 2016, with social constructionist stance, using individuals interviews with gay people, lesbians and heterosexuals and records from the participant observation. The analysis was performed by means of immersion of the researcher in the information collected by description of senses built on gender expression and its effects on the trajectory. Family dysfunctions and non-acceptance of gender identities were narrated as a reason for going to the street and how aggravating to violence situations in the street context. The constant submission to acts of violence and discrimination, in the experiences of street and before her, was presented by the interlocutors as a limiter for the exercise of their gender expression. Moreover, gender identities were important in the disaffiliation process, having direct effects on the experiences and possibilities of narratives in the street context. The stigma for being homeless and not heterosexual was perceived as obstacles in the use of health services and social assistance.

**Keywords:** Gender. Homeless. Social Trajectory. Social Constructionism.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pertences usados constantemente durante a pesquisa de campo .....	82
Figura 2	Imagens da Praça XV de Novembro .....	84
Figura 3	Imagens da Marquise do Largo da Alfândega .....	86
Figura 4	Imagens das Marquises da Previdência Social .....	89
Figura 5	Imagens da Marquise do Xande .....	92
Figura 6	Frase escrita pelo “Gringo” no diário de campo “Se a tristeza falasse só ela poderia dizer como dói a saudade” .....	111



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Locais de permanência dos moradores de rua identificados no centro de Florianópolis/SC. ....	83
-------------------------------------------------------------------------------------------------------	----



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	19
<b>2</b>	<b>CONSTRUCIONISMO SOCIAL</b> .....	25
<b>3</b>	<b>DISCURSOS CIENTÍFICOS: DA SEXUALIDADE A DIVERSIDADE SEXUAL</b> .....	31
<b>4</b>	<b>UM OLHAR PARA O MORAR E PARA OS MO- RADORES DE RUA</b> .....	39
<b>5</b>	<b>DIVERSIDADE SEXUAL E OS MORADORES DE RUA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASI- LEIRAS</b> .....	51
<b>6</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU: TRA- JETÓRIA SOCIAL</b> .....	55
<b>7</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	59
7.1	OBJETIVO GERAL .....	59
7.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	59
<b>8</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	61
8.1	CONSTRUCIONISMO SOCIAL .....	61
8.2	LOCAL DO ESTUDO E PARTICIPANTES .....	62
8.3	MÉTODOS DE COLETA E ANÁLISE .....	63
8.4	ASPECTOS ÉTICOS .....	64
<b>9</b>	<b>ANDANÇAS, VIVÊNCIAS E DIÁLOGOS: UMA AVENTURA ETNOGRÁFICA NAS RUAS DE FLORIANÓPOLIS</b> .....	67
9.1	AS ANDANÇAS: O INÍCIO, AS BUSCAS, OS LUGA- RES E OS PEDAÇOS .....	73
9.2	AS VIVÊNCIAS E DIÁLOGOS: OS PRIMEIROS CON- TATOS, AS TENTATIVAS, A ENTRADA NO CAMPO, O CONVITE E AS 24HS. ....	94
<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125
	<b>APÊNDICE A – ARTIGO 1</b> .....	139
	<b>APÊNDICE B – ARTIGO 2</b> .....	173
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	195



## 1 APRESENTAÇÃO

Iniciar este trabalho sem tratar de aspectos relacionados a minha jornada pregressa, seria reduzi-lo exclusivamente a uma prática de pesquisa do mestrado, retirando dele elementos que o tornam efeitos da minha vida. Assim, compartilharei nesta seção algumas narrativas que me emocionam, pelo seu aspecto pessoal, e que são fundamentais para a idealização e construção deste trabalho. Opto em iniciar narrando um acontecimento do dia 07 de Dezembro de 1990, data de meu nascimento, entretanto irei discorrer algumas linhas para chegarmos até esta data.

Sendo de uma família formada exclusivamente por agricultores, com baixa ou nenhuma escolaridade, que retiravam da terra o necessário para (sobre)viver nos vales, cercados por grandes montanhas no interior do município de Biguaçu, mais precisamente na localidade de Três Riachos. Um lugar exuberante, que mais tarde marcou minha vida, mas que na época em que meus pais cresceram, poderia ser caracterizado como inóspito, segundo suas diversas narrativas sobre o período. Era a falta do mínimo, a fome que os assombrava e muitas vezes a natureza que os acalentava. Tiveram o necessário para sobreviver e talvez o fundamental para assentar-se em valores plurais, a chamada “escola da vida”.

Neste contexto, a cidade - como denominam meus amigos, familiares e conhecido de Três Riachos, as regiões urbanizadas da Grande Florianópolis e mais especificamente o município de Florianópolis - foi um destino quase que inevitável. Foram, inicialmente, ocupar os trabalhos de serviços gerais em casas das famílias tradicionais, mas com o tempo e com certa sorte conseguiram abrir um comércio próprio, que os deu outras possibilidades de vida. Assim passaram a compor a pequena parte do êxodo rural brasileiro que conseguiu se estabelecer nas cidades, como pequenos comerciantes e proporcionar a suas famílias algum conforto e possibilidade de estudo.

Meus pais compartilham desta narrativa, ou melhor, essa é minha narrativa sobre a história deles. Sendo que, o comércio foi o caminho em que conseguiram se estabelecer. Entretanto, trabalhar no comércio em uma cidade é estar com todos os tipos de indivíduos é compartilhar conversas com os grandes empresários, com os funcionários públicos, com os demais comerciantes, com os trabalhadores das empresas, com os aposentados, com os moradores de rua, entre outras figuras que compõe diversidade de um centro urbano.

Precisávamos chegar até aqui para retornar ao acontecimento do dia 07 de Dezembro de 1990, isso porque ele aconteceu quando estávamos no primeiro comércio de meus pais, uma pequena “verdureira” (comércio de frutas e verduras), localizada na antiga rodoviária de Florianópolis. Neste dia, minha mãe iria parir este que vos escreve e meu pai teria que acompanhá-la até a maternidade. No momento, estávamos em quatro na “verdureira”, meu pai, minha mãe, eu (na barriga) e o “Borboleta”, que frequentemente ajudava meus pais em troca de algumas frutas e verduras. Sem pestanejar, meu pai deixou o “Borboleta” no comando da “verdureira” e foi para maternidade.

E você pode estar pensando. E aí? O “Borboleta”, era nativo de Florianópolis, cresceu no morro da Caixa, ao lado da antiga rodoviária e a recorrência do uso de drogas o levou pra ruas. Habitar este espaço não era uma necessidade absoluta, pois tinha a casa dos pais e até o apoio deles, mas se tornou um hábito. Ele tinha ali seu local de conversa, seus trabalhos, seus amigos, suas substâncias, sua “boca de rango”, enfim suas relações entendidas como necessárias. Assim, como outros moradores de rua que conheci no comércio, era bem quisto pelas pessoas da região.

Assim, literalmente cresci dentro do comércio, mais especificamente dos três comércios a verdureira da antiga rodoviária até 1994, em outra verdureira em Balneário Camboriú até 1996 e posteriormente no restaurante, na rua Presidente Coutinho, no Centro de Florianópolis, em que meus pais trabalham até hoje. Nesses espaços, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas, que revejo em idas para o centro, entre elas moradores de rua. O contato e as lembranças são mais fortes no período do restaurante, pois já era maior e recebíamos muitos moradores de rua após o horário do almoço em busca do prato de comida.

Neste período ajudava meus pais como garçom e entregador, então o final do “expediente” coincidia com a chegada deles, servíamos a refeições ali mesmo no balcão do restaurante, mesmo que muitos deles levassem consigo o odor fétido dos dias sem banho que se espalhava rapidamente pelo interior do pequeno estabelecimento. Entre uma garfada e outra, conversávamos sobre a vida, naqueles papos de comércio. Geralmente o assunto era a vida deles, pois eu perguntava-lhes muito, assim conheci o Papagaio, o Cocote, o Ronaldo, o Índio, o Mudinho (que mais tarde descobri que não era mudo), o Caveira e muitos outros que não recorro o nome, mas tenho a imagem e o aceno certo quando passo por eles em algum lugar.

Eles eram migrantes, ex-presidiários, usuários de drogas, aposen-

tados, pensionistas, etc. O Ronaldo afirmava estar na rua por opção, recebia sua aposentadoria, com a qual poderia pagar aluguel, mas permanecia na rua com seu capital social, já o “Cocote”, usuário de drogas, sempre relatavam a vontade de restabelecer os laços familiares e morar em uma casa. As histórias de vidas que foram comigo compartilhadas me fizeram sempre admirar e respeitar estas pessoas, tornando-os visíveis e parte de meu repertório narrativo. Nesse sentido, falar e trabalhar com essa população é, em parte, falar de mim e da minha história.

Trazer estas narrativas de minha vida neste trabalho é compartilhar a proximidade que tive com moradores de rua no decorrer de minha vida, mas, além disso, é provocar-lhes a refletir sobre a presença dessa população em nosso dia-a-dia, no caminho para o trabalho, para casa, nos arredores dos restaurantes em que comemos. Contudo quando os percebemos? E quando percebemos como reagimos?

Outro elemento de minha jornada que irei destacar, só foi possível pela oportunidade de acesso a educação. Neste espaço, sem dúvidas, foi um dos que mais lutei para estar, inicialmente na escola e posteriormente a universidade. Apesar do pouco estímulo a leitura, pelo ambiente prático em que cresci, sempre vi ali um caminho, árduo, todavia possível e instigante.

Neste contexto, destaco ingresso no curso de Nutrição da Universidade Federal de Santa Catarina e posterior aproximação aos trabalhos de pesquisa com o Prof<sup>o</sup> Rodrigo Otávio Moretti Pires, lá no início de 2009, foram fundamentais para que pudesse conceber esta caminhada como possível. Ensinou-me e possibilitou-me imersão no mundo da pesquisa científica me inspirando enquanto exemplo de pesquisador. Sempre com seu ímpeto de trabalhar com uma postura transformadora e abordando questões silenciadas e populações em vulnerabilidade social. Formamos juntos o grupo de pesquisa GETTS (Grupo de Estudo do Trabalho e Trabalhadores de Saúde), que tornou-se o NECSTS (Núcleo de Estudos Críticos em Saúde e Transformação Social) e atualmente chama-se EPICEN@S (Núcleo de Estudos em Gênero e Saúde Coletiva).

Durante este período tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com diversas posturas e formas de pesquisa, dentre elas o Construcionismo Social, postura reflexiva que possibilitou questionar ideias de verdade e realidade, que frequentemente produzimos e legitimamos no meio científico.

Com as transformações do grupo, principalmente a aproximação ao Construcionismo Social e as pesquisa na temática de diversidade

sexual, desenvolvidas pelo Prof<sup>o</sup> Murilo dos Santos Mosqueta, migramos da pesquisa qualitativa moderna voltada para a Atenção Básica e passamos a pensar e desenvolver estudos na área de diversidade sexual. Neste sentido, destaco o trabalho do meu colega Marcelo Vieira “Quero existir”: experiências de enfrentamento da violência simbólica como recursividade para universitários LGBT, o primeiro trabalho na temática do novo grupo de pesquisa EPICEN@S e da Pós Graduação em Saúde Coletiva recém defendido.

Em meio a este contexto de aprendizados, construções e mudanças, que trago de forma sucinta, surgiu a proposta de elaborarmos esta dissertação para estudar os efeitos das reações de gênero nas trajetórias dos moradores de rua do município de Florianópolis, a partir de uma postura construcionista social. Para isso, a pesquisa foi estruturada da seguinte forma, no capítulo 2 “Construcionismo Social”, trago pressupostos básicos da postura epistemológica que este trabalho se apoiará, buscando realizar a articulação com os moradores de rua e expressão de gênero.

No capítulo 3 “Discursos científicos: da sexualidade a diversidade sexual” apresentado uma narrativa sobre a construção histórica da sexualidade, assim como conceitos que circundam o tema e são relevantes para esta pesquisa.

No capítulo 4 “Um olhar para o morar e para os moradores de rua” trago algumas narrativas sobre os moradores de rua no decorrer da história, localizando e definindo alguns conceitos, além de elencar aspectos da literatura relevantes acerca da diversidade sexual.

No capítulo 5 “Diversidade sexual e os moradores de rua nas políticas públicas brasileiras” exponho as contribuições das políticas públicas brasileiras para a temática da diversidade sexual e moradores de rua, assim como as intersecções presentes neste cenário.

No capítulo 6 “Contribuições de Pierre Bourdieu: trajetória social” trabalho alguns conceitos desse autor, com enfoque na trajetória social, que será utilizada como contribuição teórica na construção do presente trabalho.

Nos capítulos 7 e 8, apresento, respectivamente, os objetivos e o percurso metodológico.

No capítulo 9, “Andanças, vivências e diálogos: uma aventura etnográfica nas ruas de Florianópolis” narro os desafios da pesquisa com os moradores de rua, assim como todo o processo de aproximação, diálogos e vivências com essa população olhadas pela literatura de gênero e moradores de rua.

No capítulo 10, “Considerações Finais?” faço o fechamento da

dissertação levantando alguns pontos que entendo como relevantes e propondo um olhar contínuo e não estanque para a temática.

Além disso, com intuito de apresentar os resultados provenientes das entrevistas e registros da observação participante acerca das trajetórias dos moradores de rua, são apresentados nos apêndices (Apêndice A e Apêndice B) dois artigos, para a posterior submissão a periódicos científicos.

Desejo, a você que inicia a leitura, uma excelente viagem com muitas reflexões acerca das relações de gênero entre os moradores de rua e seus efeitos na saúde dessa população.



## 2 CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Com o intuito de contextualizar o leitor, antes de iniciar os diálogos sobre expressão de gênero e moradores de rua construídos na literatura serão apresentados pressupostos básicos do Construcionismo Social, postura epistemológica, filosófica, a forma de olhar para o mundo adotada para a construção deste trabalho.

O Construcionismo Social pode ser tratado enquanto uma forma de olhar o mundo, ou seja, como uma postura filosófica. Contudo há narrativas que o abordam enquanto uma teoria, entretanto, uma teoria pode ser compreendida no meio da pesquisa científica como algo que representa a realidade de modo válido e confiável. Sob outra forma de olhar, este entendimento não é compartilhado pelo Construcionismo Social, o qual compreende que as realidades são construídas e pactuadas a partir das relações sociais em um determinado contexto cultural e histórico (CORRADI-WEBSTER, 2009). Gergen e Gergen (2010) sugerem que se fale em um movimento construcionista social, visto que não há uma unidade ou consenso. Até porque qualquer tentativa em se definir o construcionismo como algo recai sobre o risco de entendê-lo como uma realidade existente, independente da forma com que é descrita. Assim, prefere-se assumir a pluralidade deste campo, integrando-se os diferentes posicionamentos e, de forma coerente à proposta, valorizando-se a fluidez e as diversidades existentes, alimentando-se um processo contínuo de mudanças (MCNAMEE; SANTOS, 2010).

Assim, é possível compreender o Construcionismo Social como uma nova inteligibilidade em ciência, derivado de um movimento maior que abrange ciência, cultura e arte, denominado pós-modernidade (LORENZI et al., 2014). Esse movimento se propõe a olhar de maneira crítica as narrativas da modernidade e da ciência moderna, que sugerem a existência de uma realidade objetiva que pode ser estudada e retratada em leis gerais de funcionamento (MCNAMEE; SANTOS, 2010). Sendo assim, o Construcionismo Social questiona a existência de realidades pré-concebidas e verdades universais, propondo que essas são produtos de construções e pactuações sociais localizadas em um determinado contexto social, cultural e histórico (CORRADI-WEBSTER, 2009; GERGEN; GERGEN, 2010).

Podemos definir como modernidade o período que se inicia por volta de 1500, quando a igreja católica ainda era hegemônica na produção de conhecimento no mundo que narramos enquanto ocidental. Na idade média, ocorrem mudanças sociais impulsionadas pela tecnologia,

que alteram a relação estabelecida com o conhecimento. A invenção do microscópio, por exemplo, e em especial, a criação da imprensa, a qual amplia o acesso a informação. Além disto, a imprensa ao produzir caracteres em série, passa a deixar a autoria menos evidente, reforçando o plano discursivo da modernidade da representação. Segundo Ibáñez (2001) constrói-se a ideia de que os textos impressos representam a realidade, já que ele não são mais ditados pelo autor.

No campo das ciências, é durante a modernidade que se fortalece a ideia do pesquisador como capaz de produzir retratos da realidade nas suas pesquisas, a qual é endossada por alguns pressupostos: separação entre pesquisador e mundo a ser pesquisado; capacidade de diagnóstico de uma realidade que é: exterior ao sujeito que a pesquisa; independente de quem a investiga, precedente a sua investigação, definida com suas características estáveis e singular, independente de quem a observa (LAW, 2004).

É válido ressaltar, que o discurso da ciência moderna se fortalece em oposição ao discurso medieval, fundamentado nas leis espirituais. Embora este tenha sido responsável por grandes avanços no campo das ciências e transformações sócio-culturais a partir da idade média, é importante o entendimento de que, ao passo em que o discurso moderno destitui Deus da verdade, que deixa de ser propriedade das leis divinas, a verdade passa ser acessada pelo seguimento dos métodos racionais de investigação científica. Desta forma, ao se assumir o método científico como forma de acesso à realidade, a ciência moderna ocupa o espaço do qual a igreja foi destituída (MOSCHETA, 2011).

Dessa forma, é num cenário de grandes transformações de ideias, da valorização de um novo discurso para desfazer o espaço privilegiado da verdade, onde se aumentam as incertezas em relação aos padrões universais, a objetividade, a racionalidade, o progresso e a moralidade, fortalecidos na modernidade, que o diálogo construcionista emerge (GERGEN; GERGEN, 2010). Vários nomes são atribuídos a essa transformação do pensamento: pós modernidade, modernidade tardia ou modernidade reflexiva. São formas de pensamento que questionam os padrões científicos instituídos na modernidade (GERGEN; GERGEN, 2010; SPINK, 2010).

Nesta nova forma de olhar o mundo, que vamos chamar de pós-moderno, pode ser entendida como atuante em dois eixos centrais. No primeiro, crítico ao discurso moderno. Toma-se por base, a valorização da razão, que produz enquanto efeitos o ocultamento das diferenças. No movimento de universalizar, classificar e normatizar, incorre no efeito de ao mesmo tempo, reduzir a multiplicidade, neutralizar e suprimir di-

ferenças (IBÁÑEZ, 2001). Em um segundo eixo, o discurso pós moderno investe em legitimar as diferenças existentes, considerando a pluralidade de valores, sujeitos, realidades e verdades (MOSCHETA, 2011).

Nesse sentido, pensar as temáticas de gênero e moradores de rua a partir de um olhar construcionista torna-se relevante ao passo que a cristalização, construção de ideias de “verdades” ou leis gerais imutáveis acerca do gênero e do morar na rua legitimam algumas narrativas em detrimento de outras. Ocultando, as singularidades e diferenças que constroem e dão sentido a vida dos indivíduos.

A ideia central do Construcionismo Social é: nós construímos o mundo. Tudo o que podemos considerar real é socialmente construído, a partir de um contexto social e histórico. É importante ter clareza que a postura construcionista não se propõe a cair no niilismo, onde nada existe, mas sim situar as realidades sempre a partir de uma tradição cultural (GERGEN; GERGEN, 2010). Para exemplificar esta afirmação, podemos pensar nos diferentes “vocês” a partir de diferentes pontos de vista, proposto por Gergen e Gergen (2010). Para um biólogo, você é “um mamífero”; para um cabeleireiro, você é um “corte do ano passado”; para o professor, você é “alguém com potencial”; para um homossexual, você é um “heterossexual”; para um cristão fundamentalista você é “um pecador”; para um artista, você é “um bom, modelo”; para um psicólogo, você é “ligeiramente neurótico”; para um banqueiro, você é “um futuro cliente”; para um Médico, você é “um hipocondríaco”; para um amante, você é “uma pessoa maravilhosa”; para um morador de rua, você é “alguém que mora em uma casa”.

A partir das diversas descrições sobre “vocês”, é possível perceber que a uma mesma pessoa podem ser atribuídos valores diferentes, dependendo do contexto sócio-cultural que ocupa o observador. Entre as definições atribuídas, é relevante observar que estas variam desde as mais apreciativas “uma pessoa maravilhosa” para o amante, como as menos valorativas, por exemplo: “ligeiramente neurótico”, atribuída pelo médico.

Dessa forma, emerge a preocupação do Construcionismo Social em relativizar as categorizações binomiais de certo e errado, bom e ruim. Esse relativismo se dá não de maneira irresponsável, a fim de descomprometer os envolvidos, mas sim problematizar as definições que são dadas como verdadeiras, e trazer à tona quais são os atores legitimados e quais os oprimidos em cada discurso.

Nesta perspectiva podemos refletir sobre duas construções sociais, importante para este trabalho, que em muitos casos são narradas como “verdades”: o morador de rua como sinônimo de vagabundo e a

heterossexualidade como condição “normal” ou “saudável” do ser humano. Nestes dois casos, construções históricas, legitimadas por discursos dotados do poder e intencionalidade, legitimados socialmente, foram sendo produzidos e reproduzidos. Assim, geraram efeitos nos diferentes espaços da sociedade até tornarem-se ideias hegemônicas e compartilhadas por grande parte dos grupos que há compõe, dando um tom de “verdade” a uma construção social.

Nota-se que a comunicação e a linguagem também passam por transformações com a emergência da ideia pós moderna. A linguagem deixa de ser entendida como o retrato da realidade e passa a ser compreendida como um discurso, carregado de intencionalidades. Dessa forma, para os construcionistas a linguagem é um elemento central, não apenas pela sua capacidade de transmitir informações, retratar e relatar realidades como é compreendida e utilizada na postura moderna, mas sim pela capacidade de (re)construir realidades assim como suas interpretações e impactos (GERGEN; GERGEN, 2010; MCNAMEE, 2010). Neste sentido o conhecimento, a realidade e as verdades são construídas por meio das relações e interações e sustentado pelos processos sociais. Dessa forma, podemos observar a linguagem como uma ação coordenada de construção, não apenas como transmissora de informações podendo manter-se como válida ou ser silenciada em determinado contexto (GERGEN; GERGEN, 2010).

Na pesquisa construcionista assume-se que as realidades são socialmente construídas, desse modo entende-se que o mais importante não são as narrativas sobre algo, mas sim as várias possibilidades de narrar e construir as realidades. Por isso as investigações construcionistas buscam compreender os processos de construção e não os produtos (GERGEN; GERGEN, 2010; LORENZI et al., 2014). Sendo assim, essa forma de pesquisa científica considera a realidade como um processo relacional com múltiplos sentidos, discursos e verdades por vezes concorrentes (MCNAMEE, 2010).

Assim, compreendemos o discurso como o conjunto de ações, falas, sentidos, histórias e imagens que contribuem com a construção de algo. Sendo que, é por meio do discurso que se criam os fatos e os nossos modos de vida são regulados. Então, são os discursos que sustentam os processos sociais por meio dos quais o poder age. Já os sentidos podem ser compreendidos como formas de construções sociais pautadas em valores, ideias e ações que emerge na interação em diferentes cenários históricos, culturais culminando nas relações sociais. Sendo assim, é possível visualizar que os discursos e sentidos atribuídos para o mundo variam de acordo com as relações e interações interpessoais (BURR,

2003; SPINK; LIMA, 2004).

Então, mesmo habitando um mesmo município, pessoas que moram na rua e pessoas que não moram na rua desenvolvem relações e interações interpessoais diferentes, pois os valores, ideias e ações nestes cenários apresentarão diferenças. Essas irão implicar na forma com esses dois grupos narrarão e construirão os sentidos sobre um dado tema. Do mesmo modo, a experiência do habitar as ruas possui particularidades para cada morador de rua, pois as experiências são singulares e não cabem em um discurso totalizador.

Dessa forma, é possível a produção de conhecimento a partir da postura construcionista social, utilizando as práticas discursivas e compreendendo-as como processos das formas de relação interpessoais e com as coisas que produzem sentidos para o mundo (SPINK; LIMA, 2004). É importante destacar que a produção de conhecimento científico implica em dar voz a alguns discursos em detrimento a outros, que são silenciados. Esse processo produz efeitos práticos de legitimação ou silenciamento, benefícios ou opressões que dependerão, entre outras coisas, da posição, da intenção e da motivação de quem fala e para quem se fala (LORENZI et al., 2014).

A partir desta perspectiva, surge um convite para pensarmos nos discursos e sentidos produzidos socialmente sobre expressão de gênero entre os moradores de rua e seus efeitos na trajetória dessa população. Quais os efeitos dessas expressões na trajetória de vida dos gays, lésbicas, travestis, bissexuais, transexuais e/ou heterossexuais que atualmente são moradores de rua? Que conflitos de discursos ocasionaram o rompimento e a ida para as ruas? Quais os motivos que os mantém na rua? E neste ambiente, quais os efeitos da expressão de gênero nas relações interpessoais e com as instituições de apoio? As oportunidades da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) são as mesmas que dos heterossexuais? A fim de contribuir com essa discussão, as duas seções a seguir trarão elementos da literatura a respeito das temáticas centrais deste trabalho.



### 3 DISCURSOS CIENTÍFICOS: DA SEXUALIDADE A DIVERSIDADE SEXUAL

Basta uma busca rápida na internet, alguns minutos lendo, ouvindo ou vendo o jornal, folheando uma revista, na conversa descontraída com os amigos, uma passada na biblioteca, nos anúncios de palestras afixados nos murais, em discussões no ambiente universitário ou mesmo no senado brasileiro para nos depararmos com alguma informação relacionada a sexualidade e suas diversas facetas. Os discursos são os mais variados, indo do conservadorismo ortodoxo, que preza pelo modelo tradicional de família, aos que desconstruem todas as formas e padrões que regulam as formas de expressão.

A sexualidade é assunto em destaque em nossa sociedade e compõe um campo complexo, com várias narrativas concorrentes, no cenário científico e fora dele. Pensar a temática atualmente, requer um olhar para o passado com atenção especial para os mecanismos de poder e as diferentes significações atribuídas a ela ao longo do tempo. Nesse sentido Foucault (1979) aponta que a centralidade da sexualidade na vida humana na sociedade ocidental, assim como sua regulação, passam a constituir um discurso de “verdade” a partir do cristianismo, sendo os mecanismos de confissão e a importância da “carne” fundamentais para a legitimação desse. Então a sexualidade fica encerrada no âmbito familiar tradicional, no lar e restrita à função reprodutiva silenciando e criminalizando qualquer outra forma de expressão.

Entretanto, no final do século XVIII há uma alteração no discurso religioso acerca da sexualidade que desloca a centralidade do ato sexual para o desejo, controlando-a por meio da confissão. Essa alteração torna a sexualidade um elemento discursivo, e o controle do desejo, devido aos seus efeitos em tudo que é humano, por meio de sua descrição densa nos confessionários atribuí, a este, a ideia de verdade (FOUCAULT, 1988).

A questão a ser pensada passa do por que somos reprimidos, para por que dizemos que somos e a partir disso, é construído o discurso da ordem. Ao realizar a aproximação do sexo e do desejos ao pecado, é exercido o controle não apenas sobre a sexualidade, mas também ao prazer cotidiano (FOUCAULT, 1988).

Essas questões instigam o saber, sendo assim nasce a possibilidade da constituição de uma ciência da sexualidade. Assim, destaca-se os três últimos séculos, pelas intensas transformações sociais houve uma produção discursiva ampla e concorrente sobre a sexualidade, como se

pode observar na passagem do caráter religioso do discurso ao caráter médico-legal (FOUCAULT, 1988).

Acerca do discurso médico-legal sobre sexualidade, podemos dizer que está geralmente associado e justificado a partir das características anatômicas e fisiológicas, entendendo o indivíduo a partir da genitália e desconsiderando outros aspectos que compõe e influenciam a sexualidade (STEVENS, 1995).

Em uma perspectiva ampliada, podemos observar a sexualidade como resultante de aspectos sociais, intelectuais e emocionais dos seres humanos, sendo um tema complexo que possui relações estreitas com os componentes biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, étnicos, legais, históricos e religiosos ou espirituais. Entende-se sexualidade como o “conjunto de condições estruturais, fisiológicas, comportamentais e socioculturais que permitem o exercício da função sexual” (ALZATE, 1987), ou seja, esta é uma função regularizada pela cultura e sociedade.

Experimenta-se e expressa-se a sexualidade a partir dos pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas e relações interpessoais. Dessa forma, esta relacionado com reprodução, sexo, identidade de gênero, orientação sexual, erotismo, intimidade e prazer (WHO, 2006).

No Ocidente, é comum a utilização equivocada do conceito de gênero como sinônimo para sexualidade, promovendo grande dificuldade de separar a problemática da identidade de gênero e a sexualidade. Segundo Scott (1998) gênero refere-se:

“ao discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos” (SCOTT, 1998, pag.15).

Dessa forma, o gênero serve para determinar o que é social, cultural e historicamente determinado. Sabe-se que todo indivíduo esta imerso em relações sociais, desde seu nascimento até sua morte. Nesse

sentido, quando estamos nos referindo ao sexo de alguém, estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo (GROSSI, 1998). Em outra perspectiva podemos entender o gênero como resultado de performances, ou seja, não tem existência em si, mas são realidades construídas a partir de contextos que são naturalizados, mas que são processuais e contingentes (BUTLER, 2003)

Há de se considerar nos sentidos construídos sobre gênero, uma naturalização que legitima o discurso de uma performance exclusivamente binária, ou seja, homem ou mulher. Tais narrativas, justificam-se a partir de parâmetros instituídos socialmente que sugerem uma linha de continuidade, unindo o sexo biológico, ao gênero, à prática e orientação sexual, construindo e legitimando uma matriz heterossexual por meio de discursos (BUTLER, 2003).

A orientação sexual é um dos componentes da identidade sexual, a qual se concebe como um conceito complexo em processo de continua construção que abarca tanto a orientação sexual, quanto a identidade de gênero, o sexo biológico e a identidade sócio-sexual (RIDNER; TOPP; FROST, 2007; SADOCK; SADOCK, 2000). Apesar de ser tratada por diversas teorias, no tocante de sua origem, podemos sugerir a partir dos diversos estudos científicos em diferentes áreas, que a orientação sexual é resultante de interação complexa entre os fatores ambientais, cognitivos e biológicos (KLEIN; SEPEKOFF; WOLF, 1985; PEPLAU et al., 1999; DAWOOD et al., 2000). Assim, na sociedade ocidental pode-se definir esta a partir de um padrão persistente de atração física, sexual ou emocional entre membros do mesmo sexo (Homossexual), do sexo oposto (Heterossexual) e dos dois sexos (Bissexual), sendo que nesta última categoria inclui-se os indivíduos que possuem atração por todos os gêneros/sexos (Pansexual) (APA, 2008).

No entanto cabe salientar que a categorizarão dicotômica de homossexualidade e heterossexualidade, é limitada quando tratamos na expressão individual da identidade. Partindo do entendimento das identidades e performances como algo complexo e situacional, é evidente que exista uma diferenciação entre atração, comportamento e identidade, compreendendo a última como forma subjetiva de se identificar com a orientação sexual pertinente. Kinsey et al. (1948), desenvolveram uma escala de comportamento sexual, com o intuito de explicar os resultados da suas investigações, sendo observado que os indivíduos não se encaixavam nas categorias heterossexual ou homossexual de uma forma exclusiva.

A divergência entre comportamento e identidade, foi evidenci-

ado em outros estudos na literatura (MARRAZZO, 2004; DIAMANT et al., 1999). Por exemplo, em alguns trabalhos percebe-se que cerca de 80% das entrevistadas auto-identificadas como lésbicas já haviam mantido relações sexuais com homens (MARRAZZO, 2004). Nesse sentido, observamos a utilização, em estudos, de siglas como HSH (homens que fazem sexo com homens), MSM (mulheres que fazem sexo com mulheres) e MSMH (mulheres que fazem sexo com mulheres e homens), HSHM (homens que fazem sexo com homens e mulheres), para tratar do comportamento sexual e não da identidade sexual.

A identidade de gênero é entendida como a sensação de conformidade de um indivíduo entre seu sexo biológico e psicológico (TRUJILLO, 2007). Nessa perspectiva, quando um indivíduo assume, ou se auto-denomina a partir de uma das orientações sexuais, assume uma identidade que está baseada em respostas psicológicas, valores culturais, expectativas sociais, entre outros (KINSEY et al., 1948; PONSE, 1978). Dessa forma, podemos narra-la como uma sensação subjetiva interna a si mesmo, mas que por meio de uma identidade social coletiva é passível de compartilhamento.

Na contramão da cristalização do gênero e das identidade, Butler (2003), vai pensar o gênero como performance, sendo que essa pode se dar em qualquer corpo. Assim, desnaturaliza-se o corpo ao desconstruir a ideia do gênero condicionado aos corpos. Neste sentido, tanto o gênero quanto o corpo, e até mesmo o sexo biológico, passam a ser superfícies politicamente reguladas.

Com isso, tem-se a intenção de observar e discutir o corpo não como algo natural, dado, mas sim como algo maleável e construído socialmente, do mesmo modo que o gênero. Dessa forma, problematiza-se os limites do gênero tornando cultural a vinculação entre sexo e gênero (Butler, 1987). Com a proposição de gênero como performance, Butler também vai solapar o peso metafísico da identidade de gênero. Para ela, não há identidades que precedam o exercício das normas de gênero, é o exercício mesmo que termina por criar as normas. É a repetição das normas de gênero que promove isto, que no pensamento da desconstrução chamamos de "duplo gesto". A repetição das normas como performance se dá sempre ao mesmo tempo em que se dá a possibilidade de burlá-las, de fazê-las nem verdadeiras, nem falsas (BUTLER, 1987).

Assim, entender o gênero em seu caráter mais amplo, sem reduzi-lo ao sexo biológico ou ao corpo, distinguir identidade de gênero das práticas afetivo-sexuais, nos permite ampliar o olhar acerca dos discursos cristalizados, favorecendo a compreensão da complexidade da

temática. Isso porque os aspectos da biologia e da sexualidade correspondem apenas a duas das variáveis, construídas socialmente, que constroem a identidade de gênero em concomitância com outros elementos, como os papéis de gênero e o significado social da reprodução (GROSSI, 1998).

A sexualidade, assim como o gênero, o corpo, a identidade, a expressão ou performance são entendidas aqui como elementos mutáveis, fluidos e em constante transformação, o que se difere das perspectivas que assumem o gênero como inflexível, estático e intrinsecamente invariável, direcionado ao cumprimento de normas inatas de comportamento individual e social (RODRIGUEZ, 2014).

Essas características, socialmente construídas e fluidas, são externalizadas nas relações a partir da expressão de gênero ou performance de gênero. Segundo Jesus (2012), a expressão de gênero consiste em “Formas como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.” É por meio da expressão ou performance que identidade de gênero é exteriorizada e colocada nas relações.

Como neste trabalho pretende-se compreender os diversos efeitos da construção do gênero no contexto dos moradores de rua, a expressão/performance de gênero é central, pois é por meio dela que os indivíduos expressam e constroem sua identidade na relação, sendo assim, as aproximações e distanciamentos no convívio social se dão por meio dessa expressão.

A partir dessas narrativas apresentadas acerca da temática podemos pensar em uma diversidade sexual. A definição de diversidade sexual parte da compreensão de que o gênero é entidade socialmente construída, não uniforme ao longo da história possuindo variações entre diferentes sociedades, constituindo-se em papéis sociais, modos de ser e agir, desempenhados pelas pessoas conforme sua condição, determinados por relações de poder encontradas no cerne da estrutura social (GIDDENS, 2012).

Só se justifica diversidade sexual como conceito quando a encaramos como sendo algo alheio ao padrão existente para a sexualidade. Na sociedade ocidental atual este padrão, uma norma, é retratado pela heteronormatividade que seriam:

“aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas tam-

bém que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral.” (BERLANT; WARNER, 2002, pag.230).

Os discursos da heteronormatividade moldam a organização social e criam resistência à existência de outras formas de identidades/expressões de gênero. Dessa forma, institui-se a heterossexualidade como única possibilidade legítima, naturalizada, de expressão da identidade e de comportamento sexual. Assim, o diverso se molda em desviante, crime, aberração, patológico, perverso, imoral (WARNER, 1993).

Tal percepção social discriminatória promovida sobre os indivíduos que compõe o grupo LGBT, a partir do padrão heteronormativo, os coloca em situação de vulnerabilidade havendo notadamente a sujeição desses aos atos violentos, seja de caráter simbólico e/ou físico (JESUS, 2012). O cenário das agressões vai desde a família, passando pela escola, amigos, rua, trabalho entre outros, sendo o cotidiano dessa população marcado, em maior ou menor proporção, pela violência e discriminação (CARRARA; VIANNA, 2006).

Nota-se assim que as discriminações enfrentadas por essa população na trajetória de suas vidas difere na forma, quando comparado ao resto da população, e no sentido, no porque da agressão. Sua prática é justificada, de forma insensata, pela normalidade (WARNER, 1993) e os atos discriminatórios são oriundos do preconceito. Sendo concretizado pela homofobia, que seria o:

“medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivência uma orientação sexual não heterossexual.”(JESUS, 2012, pag.29).

Nesse sentido, a discriminação se expressa em ações pontuais situada em determinados contextos, entretanto a existência dessa demanda certa “cumplicidade social” (GOMEZ, 2008).

No contexto social, a expressão de identidade não heterossexual que transparecem características de gênero incongruentes com o sexo ao nascer, a depender do grau de inconformidade, são mais discriminados (CARRARA; VIANNA, 2006). No ambiente familiar, escolar e laboral

tradicional e heterocisnormativo indivíduos que apresentam expressões de gênero “dissidentes”, geralmente sofrem repressão. Mediante a este contexto de legitimação social da violências contra esta população não são raros os casos de indivíduos que são expulsos de casa ou abandonam a casa da família por não seguirem o padrão heterocisnormativo (GARCIA, 2013).

Para aproximação da temática dos moradores de rua, no próximo capítulo será abordada o morar na rua sobre diferentes olhares, trazendo elementos relacionados a diversidade sexual no contexto da rua.



#### 4 UM OLHAR PARA O MORAR E PARA OS MORADORES DE RUA

Na construção das cidades há distinção entre o espaço público e o privado. Os espaços públicos são organizados para receber as pessoas por um determinado tempo, ou seja, são locais de passagem, de lazer, de comércio e serviços. O ambiente privado é construído para guardar a intimidade, seja no âmbito doméstico ou do trabalho.

Nesse sentido, o espaço público e o privado não são espaços “neutros” e dados em termos sociais/culturais. Do mesmo modo que acontece na arte, as formas dadas aos espaços públicos e privados são efeitos das construções sociais de um período (LORENZI et al., 2014). Assim, há formas de expressão, comportamento, estilo, gestualidade, tipo de discurso que são privilegiadas, em função do que é mais valorizado pelos grupos hegemônicos. Para Fraser et al. (1997), o espaço público, e entendemos que também o espaço privado:

“[...] privilegiaria, efetivamente, as normas expressivas de um grupo sobre as de outros, fazendo assim a assimilação cultural e discursiva uma condição para participar no debate público”. (FRASER et al., 1997, pag.84)

A discussão da construção, utilização e legitimação de discursos no espaço público e privado é central quando se trata da população de rua. Neste caso há uma junção dos âmbitos público e privado, na medida em que o espaço público é também o privado e vice-versa (QUINTAO, 2012).

Assim o cenário do morador de rua é o espaço público, todavia esse é negado a ele, mais do que a qualquer outro cidadão. A população de rua geralmente é nômade e perambula pela cidade. Dessa forma, mais do que viver nela ele (re)significa seus espaços para sobreviver aos desafios que a falta de previsibilidade e de constância impõe (QUINTAO, 2012).

A habilidade de se deslocar com seus pertences de forma eficiente e adaptar-se a cidade foi indispensável para a sobrevivência da população que habita as ruas. Sendo essa a principal forma que encontraram de utilizar os “não espaços” que lhes foram proporcionados ao longo da história (HANNERZ, 1997).

Apesar dessa característica nômade ser geral ao grupo, os processos sociais que levam e mantêm os indivíduos nas ruas variam de acordo com o período histórico. Sendo assim, usaremos a história para cons-

truir sentidos sobre o morar na rua em diferentes períodos da sociedade ocidental. A intenção não é esgotar todos os argumentos históricos, tão pouco busca-se firmar um discursos de verdade sobre o tema. Pretende-se trazer elementos para refletir e desconstruir a imagem cristalizada dessa população convidando-o a percebê-lo como produto de uma construção social localizada e complexa (GERGEN; GERGEN, 2010).

É possível pensar a mendicância enquanto fenômeno, na sociedade ocidental, a partir da decomposição da sociedade arcaica, a consolidação da propriedade privada, o direito escrito, o estabelecimento da escravidão e a divisão do trabalho. Podemos assim considerar sua “gênese histórica” resultado da expropriação das terras comunais ocorridas na Grécia Antiga (STOFFELS, 1977). Assim o morador de rua toma um lugar passivo, carregando consigo o sentido da perda e da ausência (PEREIRA, 2010). Nessa perspectiva, Stoffels (1977) coloca os filósofos radicais do helenismo no lugar de homens miseráveis que se tornaram filósofos. Essa forma de narrar, partindo apenas da necessidade material, impossibilita conceber um movimento contrário em que indivíduos dotados de posses se despojassem para viver nas ruas. Além disso, cristaliza a imagem do morador de rua enquanto necessitado, desconsiderando outros determinantes que os levam para a rua e as complexas relações que os mantém nela. Como menciona Pereira (2010) em sua tese de doutorado, a mendicância:

“Não estaria condicionada a um fato inexorável, mas a uma forma, uma escolha. Pensar essa dimensão da mendicância é estilhaçar lugares cristalizados.” (PEREIRA, 2010, pag.127)

Na Roma Antiga, de forma semelhante, a presença de indivíduos habitando as ruas é narrada como produto de perdas e das expropriações, neste caso oriundas das guerras, da dissolução de exércitos e extensão do regime escravocrata. Apesar de não se ter estimativas numéricas, o avanço do Império Romano, e suas grandes conquistas contribuíram para o aumento da população de rua (STOFFELS, 1977).

Com o aumento dessa população, sua aproximação nas cidades e o estabelecimento de relações de apoio a mendicância torna-se uma prática organizada e repleta de especificidades. Cabe destacar neste período histórico, o surgimento e posterior hegemonia da Igreja Católica, no contexto ocidental, que representou grande apoio a essa população (MELO, 2011)

Esse apoio esteve presente principalmente durante a Idade Média. De forma semelhante as narrativas dos estudos de história, pode-se separar os sentidos sobre o morador de rua em duas fases que coincidem

com a Baixa e a Alta Idade Média. Assim percebe-se que os moradores de rua passam de minoria necessária para alcançar o caminho dos céus, para presença incômoda e estereótipo de vagabundo (GABIATTI, 2003; PEREIRA, 2010).

Essas narrativas estão relacionadas com o contexto sociocultural e econômico vivido. Na Baixa Idade Média, o discurso da Igreja católica disseminava a necessidade de realização de caridade para alcançar o reino dos céus após a morte. Dessa forma, não só os moradores de rua, mas a população pobre em geral era assistida pelo princípio de ajuda ao próximo. Já na Alta Idade Média, momento de transição do sistema econômico e produtivo surge uma grande necessidade de mão de obra, assim qualquer pessoa, com condições físicas de trabalho, que não estivesse trabalhando era denominado “vagabundo”, sendo a prática da “vagabundagem” criminalizada em alguns países como a Inglaterra (GABIATTI, 2003; PEREIRA, 2010).

Assim um discurso amplamente difundido na literatura é que as origens do que atualmente chama-se população de rua se deu a partir das cidades pré-industriais da Europa, passando a compor este cenário da vida urbana, nas diversas partes do mundo. Sendo que a maior ou menor presença dessa população variou de acordo com os próprios processos de desenvolvimento do capitalismo (SILVA, 2009; MELO, 2011)

De forma semelhante, mas por motivos diferentes, a população de rua é incrementada pela expropriação e ausência durante a idade moderna. Com o início da industrialização européia, muitos camponeses tiveram suas terras tomadas e viram-se obrigados a migrar para as cidades e trabalhar nas fábricas. Os que não eram absorvidos pelo sistema industrial de produção, restava a circulação pelas ruas, visto que não possuíam mais terras para trabalhar (GABIATTI, 2003; PEREIRA, 2010; MELO, 2011).

Nesse sentido, os migrantes desempregados, tornaram-se moradores de rua forçados à buscar alternativas para sobreviver nas cidades. Re-significado o espaço público, transformando-o em espaço de trabalho e moradia levando sua vida privada para o âmbito público. De modo geral, grande parte dessa população vivia da mendicância ou vinculava-se a trabalhos precários (WITT, 2012).

Nota-se que são atribuídos diferentes sentidos historicamente construídos ao morador de rua, sendo que a valoração dessa população é socialmente construída, logo influenciada pelo contexto histórico e cultural vivenciado. Entretanto independente dos diferentes olhares, esses indivíduos ocuparam e ainda ocupam um lugar de exclusão social e invisibilidade tendo a rua como local de sobrevivência.

Ao refletirmos sobre a pluralidade de termos e seus significados acerca da população e dos indivíduos que habitam as ruas ao longo da história torna-se necessário definir, quais terminologias serão utilizadas neste trabalho.

Considerando a importância da linguagem e seus efeitos para uma postura construcionista, tratando-a não como transmissora de informação, mas como (re)construtora de realidade (GERGEN; GERGEN, 2010; MCNAMEE; SANTOS, 2010), é fundamental situar o vocabulário utilizado e os possíveis sentidos produzidos com a sua utilização.

Inicialmente há que se definir o termo para a população como um todo, ou seja, como se referir a este grupo. Posteriormente, para denominar os indivíduos, considerando e analisando as especificidades dos diversos sub-grupos que compõe a população.

Há também necessidade de considerar os diferentes motivos que levam à rua ou motivos de estar na rua. Que podem ser: por falta de alternativa e por “opção” (indivíduos que, por razões diversas, não vislumbram sair das ruas). Dessa forma, é necessária a análise prévia dos diversos termos que caracterizam os grupos (população que está na rua) e os indivíduos.

Para denominar o conjunto de indivíduos que habita as ruas são utilizados diversos termos como: sem-teto, sem-casa, sem-abrigo mendigos, ou *homeless* – termo em inglês, entre outros. Todavia, no sentido de caracterizar o grupo podemos elencar quatro termos: “População em Situação de Rua”, “Povo da Rua”, “População de Rua” e “Moradores de Rua”.

No âmbito das políticas públicas brasileiras, incluindo as de saúde, utiliza-se o termo “População em Situação de Rua” para caracterizar o grupo de indivíduos que moram na rua. Segundo a Política Nacional Para a População de Rua a “População em Situação de Rua” é:

“[...] o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.” (BRASIL, 2009)

Neste trabalho corroboramos com os apontamentos de Endrigue (2002) em relação ao termo:

“pode sugerir a interpretação de que estar na rua é, sempre, algo passageiro, temporário, provisório. Sabe-se que o processo de saída da rua é lento e gradual, principalmente porque depende de diversos fatores. O termo pode parecer interessante quando utilizado com o intuito de promover a auto-estima da população de rua, como vem sendo utilizado por essa mesma população. O que não é desejável é utilizá-lo com o objetivo de amenizar, para a sociedade, a situação em que o morador de rua se encontra.” (ENDRIGUE, 2002, pag.55).

O termo “Povo da Rua”, é geralmente utilizado por grupos religiosos e organizações que trabalham para a reintegração social desta população. Nesse sentido, utiliza-se o termo “povo” para caracterizar a ideia de união e luta (ENDRIGUE, 2002). Entretanto para o presente trabalho, busca-se um termo que possa ser utilizado para se referir a população, por meio uma característica que seja comum aos diferentes sub-grupos que formam esta população.

A expressão “População de Rua” é definida por Endrigue (2002) “como aquela que sobrevive da rua e tem a rua, de forma circunstancial ou permanente, como moradia.” Tal definição, da voz a ambos os discursos de estar na rua e considera uma situação comum a todos os integrantes, a rua como moradia atual. Esse termo possui grande similaridade com “Moradores de Rua”, no entanto esse traz mais o sentido de indivíduos do que de grupo. (QUINTAO, 2012).

Devido a essa similaridade apresentada adotar-se-á neste trabalho os termos “População de Rua” e “Moradores de Rua”, para referir-se a população heterogênea que habita as ruas. Essa escolha se dá pela intenção da presente pesquisa que pretende dialogar com as narrativas dessas pessoas enquanto habitantes das ruas, situação que lhes é possível no momento.

Semelhante ao que acontece com os grupos, são muitos os termos e expressões utilizados para denominar os indivíduos que residem na rua. Esses são construídos e disseminados de acordo com o momento social, histórico e cultural e sua relação com esses indivíduos e suas práticas.

A apresentação e discussão dos diferentes termos nesta seção, não objetiva apenas justificar a escolha do “melhor termo” que defina os indivíduos no presente trabalho, mas também apresentar por meio deles a composição heterogênea desta população. Nesse sentido a não escolha de alguns deles não implica na inutilização em outros contextos.

As expressões “Desabrigado” e “Sem-teto” possuem significado comum. De acordo com o Dicionário Aurélio “desabrigado é o indivíduo que não tem abrigo, que está exposto às intempéries”; “sem-teto é considerado aquele que não tem moradia, geralmente por falta de condições econômicas” (FERREIRA et al., 1999). Trata-se aqui estritamente da ausência de um abrigo ou teto e as implicações advindas desta situação.

No entanto, esses termos não consideram os tetos e abrigos (re) construídos pela população de rua, tais como, habitação e pernoite sob os viadutos, marquises, em edificações abandonadas, nos abrigos públicos que são locais em que a população de rua constrói seus lares e suas relações com os pertences que carregam consigo (QUINTAO, 2012). Por legitimarem esse discurso, que não alinha-se ao sentido que esse trabalho se propõe, essas expressões não serão utilizados.

Os indivíduos que compõe a população de rua também são identificados como “Pedinte” ou “Mendigo”, ambos os termos representam apenas parte dessa população “que adotam a mendicância como uma estratégia de sobrevivência.” (ENDRIGUE, 2002). Esses termos em especial, relacionam-se ao estereótipo do “vagabundo” considerando que a opção do pedir vincula-se somente ao fato de não querer trabalhar, o que é um sentido reducionista sobre o contexto (ENDRIGUE, 2002; QUINTAO, 2012).

Considerando que cerca de 70% da população de rua brasileira possui algum tipo de trabalho, geralmente informal, que a mendicância é um fenômeno complexo e que o presente trabalho não terá enfoque estrito nestes aspectos, tais definições não serão utilizadas para definir os indivíduos que habitam as ruas (BRASIL, 2008a).

Outra forma de referir-se a estes indivíduos é utilizando a expressão “Pessoa em Situação de Rua”. Esta terminologia está relacionadas principalmente a ações e materiais produzidos por iniciativas do Estado brasileiro, sendo o termo oficialmente empregados nos textos das políticas públicas (BRASIL, 2009). Todavia considerando que a expressão “em situação de” produz o sentido de temporário e passageiro questionamos a utilização deste conceito por legitimar o movimento de saída da rua como única possibilidade. Sendo que em muitos casos ela é fixa, por escolha ou pela falta dela (QUINTAO, 2012).

Entre a população de rua há relatos de duas formas de denominação quanto ao estar na rua. O “definitivo” composto por indivíduos que por motivos diversos vivem na rua atualmente e não vislumbram sair dessa situação e habitar outros espaços e o “temporário” também chamado de “em situação de rua” composto por indivíduos que por

motivos diversos vivem na rua atualmente, mas vislumbram sair dessa situação e habitar outros espaços (QUINTAO, 2012).

Considerando o exposto, no presente trabalho utilizaremos o termo “Morador de Rua” para referir-se aos indivíduos que habitam as ruas e compõe a população de rua. Esse termo traz um elemento comum a toda população de rua, o compartilhamento da mesma condição espacial, a habitação do espaço público. A escolha do termo se dá por sua abrangência, no entanto quando tratarmos de especificidades utilizaremos o termo do sub-grupo para localizar o leitor.

Com o intuito de apresentar o perfil da população de rua no Brasil, usaremos as informações pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em 2007/2008. Este trabalho foi o primeiro levantamento nacional dessa população, a estimativa é que o contingente esteja por volta de 50 mil pessoas, sendo que esta população é na grande maioria constituída por indivíduos do sexo masculino (82%), negros (70%), com idade entre 25 e 44 anos (53%). Os principais motivos relatados para a ida para rua são alcoolismo/drogas, desemprego, problemas familiares, perda de moradia e a separação/decepção amorosa (BRASIL, 2008a).

Quase metade da população vive mais de dois anos na rua, sendo que um terço dela vive a mais de 5 anos. A maioria, cerca de 70%, costuma dormir na rua o restante costuma dormir em abrigos, outras instituições ou alterna esses com a rua. Sendo que quase um terço da população de rua não possui nenhum documento de identificação (BRASIL, 2008a). Neste estudo não foram realizadas questionamentos sobre sexualidade.

Para auxiliar na compreensão dos processos relacionais que se constituem enquanto conhecimento científico, serão explorados os discursos científicos obtidos por meio de revisão da literatura sobre a população de rua. Considerando a postura construcionista deste trabalho, buscou-se dar voz para as diferentes formas de discurso sobre os moradores de rua. Assim após o levantamento bibliográfico elencaram-se dois meta-discursos acerca da temática: “sobre o morador de rua” e “pelo moradores de rua”.

As construções que trazem o discurso sobre o morador de rua pautam-se majoritariamente no olhar biomédico de saúde sobre a situação de estar na rua e suas implicação biológicas. Colocando em primeiro plano os riscos que esta população está submetida pela situação “insalubre” em que vivem. Assim os estudo trazem discussões sobre tuberculose, HIV, helmintoses, hepatite B, hepatite C, psicoses, uso de drogas. Esses discursos constroem o morador de rua enquanto

indivíduo em situação de vulnerabilidade e sujeito com necessidade de intervenção do estado, devido sua situação de risco.

Ainda nestes discursos, são tratadas as questões de mercado de trabalho, habitação, renda, assistência social, cuidado com o corpo, acesso a programas governamentais, ocupação do espaço urbano e violência. Sendo que os discursos não empoderam os indivíduos reforçando a necessidade de intervenção do estado no apoio e “ressocialização” dessa população (BRITO, 2006; FIGUEIREDO; FRARE, 2008; GRAEFF, 2012; CALLE, 2014; GOUVEA; SOUSA; LOVISI, 2007).

Cabe salientar que não busca-se neste trabalho minimizar ou desconsiderar o processo de exclusão social ao qual a população de rua está submetida. Entretanto buscamos refletir sobre a naturalização de estereótipos que ao invés de proporcionar possibilidades de transformação na vida desses indivíduos, os culpabiliza por sua situação atual. Assim, conforme Sposati (1996), entendemos que a exclusão social como um processo amplo que gera:

“[...] impossibilidade de poder partilhar da sociedade e leva à vivência de privações, da recusa, do abandono e da expulsão, inclusive com violência, de uma parcela significativa da população. Por isto, a exclusão social é não só pessoal. Não se trata individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui a pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública.” (SPOSATI, 1996, pag.13)

As produções entendidas como sendo “pelo o moradores de rua”, trouxeram discussões que consideram as narrativas e sentidos construídos pelos indivíduos que habitam as ruas. Nesses trabalhos o grande nó está na pluralidade dessa população, que apesar das vulnerabilidades, desenvolve ações de agência que permitem a produção de possibilidades de viver no contexto da rua.

Entenderemos agência, neste trabalho, como a capacidade do ator de realizar ações, entretanto não se pode considerá-la como a intenção de agir. O distintivo de agência não é a finalidade expressa, mas a capacidade de intervir de forma causal “em uma cadeia de acontecimentos” (GIDDENS, 1989).

Assim, são abordadas questões do morar na rua como: estra-

tégias para viver na rua; obtenção de recursos financeiros; estratégias para dormir na rua e relações de apoio são ações desenvolvidas no seu dia-a-dia, que possibilitam a manutenção da vida na rua (GRABOIS, 1999; BOARETTO, 2005; CORREA, 2009; COSTA, 2003).

Entretanto, percebe-se um silenciamento do discurso dos moradores de rua na literatura científica, corroborada pelo Estado, que em virtude da busca da ordem social, situa todos os habitantes da rua como pessoas em situação de rua, como se o lugar que estão habitando fosse um “não lugar”, apenas situacional e momentâneo. Dessa forma, as políticas e ações voltadas para esta população estão sempre direcionadas para a chamada “reintegração social”, ou seja a saída das ruas, construindo e legitimando um discurso que deslegitima o habitar a rua.

Alguns estudos brasileiros, com moradores de rua, têm trazido questões relativas a sexualidade. No trabalho de Escorel (1999), o autor refere que alguns de seus informantes estimam que cerca de 60% dos homens moradores de rua cariocas têm relações homossexuais, sendo motivados pela carência afetiva que encontram na rua, um ambiente de convivência quase que exclusivamente masculino e também pela troca eventual por dinheiro. Em estudo realizado em um albergue masculino em São Paulo, Lucca (2007) refere que apesar do preconceito contra homossexuais, há muito “namoro e sexo” entre os homens moradores de rua. Sendo que os ruídos das relações sexuais é constante nos dormitórios durante à noite.

O trabalho desenvolvido por Frangella (2004), no bairro do Brás, localizado em São Paulo, relatou a presença de “homossexuais afeminados” nas ruas e refeitórios dos albergues com um comportamento discreto. “Portavam brincos, os cabelos arrumados, alguns tratados com gel. Vestiam calças e camisetas justas, mas sem exagero”(FRANGELLA, 2004, pag.171). A performance apresentada por esses indivíduos, não impedia a convivência com os outros moradores de rua, entretanto, em alguns momentos, certa estigmatização era presente (FRANGELLA, 2004).

Nota-se que os discursos apresentados nos trabalhos sugerem que a pratica sexual entre homens, moradores de rua, não está atrelada a identificação enquanto homossexual. A presença dessa prática sexual sempre esteve atrelada a alguma justificativa seja a “falta” de mulheres, a carência afetiva, a embriaguez ou a necessidade financeira.

Mesmo com a presença da população LGBT no âmbito das ruas, as especificidades das vivências desses ainda são pouco investigadas no país, diferente do que se observa no cenário internacional. Nos Estados Unidos, estudos voltados para a população de rua apresentam

o recorte relativo a orientação sexual. Estes trabalhos geralmente são desenvolvidos com população jovem e adulta, com idade próxima aos 30 anos, que vive nas ruas ou em abrigos. Sendo que cerca de 20% do total da população jovem que reside nas ruas das grandes cidades da costa oeste, identificam-se como LGBT (COCHRAN et al., 2002; KENNEDY, 1991; UNGER et al., 1997).

O principal argumento que justifica esta proporção elevada, vincula-se a maior propensão dos jovens LGBT serem expulsos ou saírem de casa de forma precoce, tendo assim que viver nas ruas ou em abrigos (HYDE, 2005; REW et al., 2005; WHITBECK et al., 2004). Alguns estudos no Brasil, que tratam da violência sofrida por essa população, corroboram com este entendimento da saída precoce de casa, entretanto não abordam os efeitos desta saída (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014; SILVA et al., 2013; FILHO; RODRIGUES, 2012; ALMEIDA, 2006).

Dunne, Prendergast e Telford (2002) em um estudo conduzido na Inglaterra observaram que para mais de um terço dos participantes da pesquisa, a identidade sexual foi o estopim para os problemas familiares que antecederam a saída de casa. Na Austrália, dois terços dos jovens LGBT moradores de rua, que participaram da pesquisa conduzida por Mallett et al. (2009), apontaram os conflitos com os pais como a única razão importante para terem deixado o domicílio de origem.

No cenário internacional, em trabalhos americanos, são elencadas algumas peculiaridades da a população de rua LGBT quando comparada com a que se identifica como heterossexual: maior frequência de violência (física e sexual) no ambiente familiar e na rua, após a saída de casa (WHITBECK et al., 2004); maior vulnerabilidade ao uso de álcool e substâncias ilícitas (COCHRAN et al., 2002); sofrem maior discriminação no contexto da rua, tanto pelos outros moradores como pela polícia (MILBURN et al., 2006); apresentam maior número de parceiros sexuais (COCHRAN et al., 2002); e realizam com maior frequência a troca de alimentos, drogas, abrigo e/ou dinheiro por atividade sexual, sendo mais propensos a ingresso na prostituição (WHITBECK et al., 2004; KRUKS, 1991; PENNBRIDGE; FREESE; MACKENZIE, 1992).

Nesse sentido podemos notar, que aspectos relacionados as questões da sexualidade, identidade e expressão de gênero tem efeitos nas experiências de vida dos moradores de rua. Conforme o exposto no capítulo anterior, há vasta discussão sobre gênero, sexualidade e performances na literatura científica, contudo podemos perceber que ainda são poucos os trabalhos e iniciativas voltadas para a compreensão e discussão da temática e suas implicações entre a população de rua no Brasil. Além disso, os trabalhos que abordam a sexualidade no contexto

brasileiro estão restritos a homossexualidade masculina. Nesse sentido observa-se aqui uma lacuna no conhecimento científico que justifica o desenvolvimento deste trabalho.

Para contextualizar as discussões sobre gênero e moradores de rua no cenário das políticas públicas brasileiras, no próximo capítulo serão apresentadas as principais políticas que abordam essas temáticas.



## 5 DIVERSIDADE SEXUAL E OS MORADORES DE RUA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS

Na década de 1960, os questionamentos dos valores sociais construídos acerca da sexualidade e do significado e finalidade do sexo, estiveram em evidência. Destaca-se o movimento feminista e o movimento lésbico-gay que colocam a temática da sexualidade no centro de suas discussões. Entretanto a epidemia de HIV/AIDS, na década de 1980, fez com que os parâmetros de "normalidade", da heterossexualidade e do monogamismo, fossem ressaltados fazendo com que os "desvios" a estes padrões passassem a ser entendidos como comportamento de risco. Nesse sentido, o aumento do número de casos do HIV/AIDS, fez com que campanhas de prevenção fossem realizadas, com maior enfoque para os homossexual. Promoveu-se assim, uma visibilização mais carregada de preconceito e estigma para com estas populações (CARVALHO; CARRARA, 2013; CZERESNIA; FREITAS, 2009).

As discussões em torno da epidemia do HIV/AIDS, entre outras demandas da população LGBT, mobilizaram a comunidade a lutar por seus direitos na sociedade. No que se refere ao direito à saúde, e no contexto brasileiro, sua inclusão no Sistema Único de Saúde, destaca-se a Portaria nº 880/GM de 13 de maio de 2004, publicada pelo Ministério de Saúde que dispõe sobre a criação do Comitê Técnico para a formulação da Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT. Esta política foi lançada no ano de 2011, com enfoque na construção de uma maior equidade no SUS, reconhecendo as implicações da discriminação e da exclusão no processo de saúde-doença dessa população (BRASIL, 2013a).

Desse mesmo período, destaca-se a criação do Programa "Brasil sem Homofobia" que visa o combate à violência e à discriminação contra LGBT e a promoção da cidadania homossexual. Este programa, visa ações dos ministérios na confecção de e execução políticas públicas voltadas ao combate do estigma e da discriminação contra os homossexuais. Nesse sentido, busca-se a inserção da temática de forma transversal nas políticas pública brasileiras (BRASIL, 2004).

Considerando as demandas específicas da população travesti e transexual, em relação à saúde, instituiu-se o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde, por meio da Portaria GM n. 1.707 de 18 de agosto de 2008 (BRASIL, 2008b).

Percebe-se que a atenção a saúde da população LGBT exige um olhar atento no que tange a ampliação do conceito de saúde, devido

a sua complexidade e fluidez. Assim, as necessidades desta população estão promovendo modificações no âmbito legal, exigindo a percepção e acolhimento destes grupos populacionais pela sociedade e governo, logo com efeitos no setor saúde. Nessa área, é evidente a necessidade de uma reorientação das ações com o intuito de atender as necessidades da população LGBT. Tal movimento deve considerar aspectos dos direitos humanos, a fim de superar a visão biologizante das questões relacionadas as sexualidades e as identidades de gênero, distanciando-se da patologização das experiências diversas (RODRIGUEZ, 2014).

As diferentes formas de discriminação contra a população LGBT, tanto interpessoais como institucionais e estruturais estão presentes no Brasil. No último relatório sobre violência homofóbica no país, realizado no ano de 2012 foram reportadas 9.982 violações de direitos humanos contra esta população, o que representa um total de 13,29 violações/dia. Em relação a 2011, o número de casos representa um aumento de 46,6%. Dentre os casos 37,59% disseram se identificar como lésbicas, 60,44% como gays; 1,47% como travestis e 0,49% como transexuais (BRASIL, 2013b). Este estudo não apresentou dados referentes a população de rua.

Em relação as políticas públicas para a população de rua, destaca-se a criação da Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua. Este trabalho é resultado de reflexões de um grupo de trabalho interministerial, instituído pelo decreto s/nº de 25 de outubro de 2006 formado pelo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Ministério das Cidades, Ministério da Educação, Ministério da Cultura, Ministério da Saúde, Ministério da Cultura, Ministério do Trabalho e Emprego, Ministério da Justiça, Secretaria especial de Direitos Humanos e Defensoria Pública da União. O grupo de trabalho ainda contou com a participação da sociedade civil organizada, por meio do Movimento Nacional de População de Rua (MNPR), da Pastoral do Povo da Rua e do Colegiado Nacional dos Gestores Municipais da Assistência Social (CONGEMAS), que foram fundamentais para a avaliação e discussão das propostas (BRASIL, 2009).

A política pauta-se na Pesquisa Nacional Censitária e por Amostragem da População em Situação de Rua, realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no ano de 2007 (BRASIL, 2008a), que traz as principais contribuições para a reflexão sobre o fenômeno e a caracterização do perfil sociodemográfico e econômico, da população de rua nas grandes cidades brasileiras. Além disso, são apresentadas neste documento as diretrizes e ações estratégicas organizadas por diferentes setores, no intuito de responder as diversas demandas das

pessoas em situação de rua (BRASIL, 2009).

Esta política é constituída por nove diretrizes que direcionam para a consolidação de uma rede de proteção às pessoas em situação de rua com enfoque central na intersectorialidade. O documento contempla ações governamentais articuladas às iniciativas da sociedade civil, priorizando a participação política, principalmente nos espaços de controle social, a formação de profissionais para o trabalho com tal público e promoção de ações educativas direcionadas a sociedade focando a mudança de paradigmas culturais que circundam a vida e o viver na rua (BRASIL, 2009).

No que tange a assistência à saúde da população de rua o Consultório de Rua, instituído pela Política Nacional de Atenção Básica, visa ampliar o acesso da população de rua aos serviços de saúde, ofertando, de maneira mais oportuna, atenção integral para esse grupo, o qual se encontra em condições de vulnerabilidade e com os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados (BRASIL, 2011) .

Sabe-se que a responsabilidade pela atenção à saúde desta população é de todo e qualquer profissional do Sistema Único de Saúde, mesmo este não trabalhe diretamente em uma equipe de Consultório de Rua. Dessa forma, não significa que estas pessoas serão atendidas somente na rua, mas trata-se de uma extensão do sistema de saúde, que visa aproximar o serviço de saúde desta população.

Outra referência, de cuidado público, destinada aos moradores de rua são os Centros de Referência Especializada para População em Situação de Rua, os Centros POP. Esta instituição está prevista pelo Decreto nº 7.053/2009 e na Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais e são unidades de referência de proteção social especial, de natureza pública e estatal (MDS, 2015). Neste espaço são prestados serviços especializados para a população de rua, sendo que outras populações podem ser atendidas, desde que não prejudiquem o atendimento dos moradores de rua. Assim o Centro POP representa um:

“Espaço de referência para o convívio grupal, social e para o desenvolvimento de relações de solidariedade, afetividade e respeito. Na atenção ofertada no Serviço Especializado para Pessoas em Situação de Rua deve-se proporcionar vivências para o alcance da autonomia, estimulando, além disso, a organização, a mobilização e a participação social.” (MDS, 2015).

Ao que se refere a questão da população de rua LGBT, além das políticas específicas, voltadas à população LGBT, há uma inserção

transversal da temática que perpassa e é considerada na construção das políticas públicas brasileira. A Política Nacional de Atenção à População em Situação de Rua (BRASIL, 2009) considera a temática de gênero em sua construção. Esses elementos aparecem no princípio número V e nos objetivo número VI da política:

Princípio V – “respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, **gênero, orientação sexual** e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência. (BRASIL, 2009).”

Objetivo VI – “incentivar a pesquisa, produção e divulgação de conhecimentos sobre a população em situação de rua, contemplando a diversidade humana em toda a sua amplitude étnico-racial, **sexual, de gênero** e geracional, nas diversas áreas do conhecimento.” (BRASIL, 2009).

Apesar da menção transversal e das políticas específicas para a população LGBT, a sociedade brasileira e as redes de atenção à saúde ainda mantêm uma cultura heterocisnormativa. Nesta direção, Sarti (2005) descreve que os médicos, em geral, partem do princípio de que todos são heterossexuais, sendo que esse padrão pode ser estendido aos demais profissionais. O atendimento a casos “fora do normal”, este entendido como o heterossexual, constitui-se então tabu.

Além disso, cabe destacar a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, principalmente a Atenção Básica, pela população de rua. O preconceito e inviabilização social os afasta das equipes e unidades de saúde. Dessa forma, a entrada desses indivíduos no sistema público de saúde é geralmente realizada via serviços de urgência e emergência, com situações graves e que colocam em risco a vida (ABREU, 2013).

Neste sentido, pensar as trajetórias e os efeitos das interações da população de rua que se identifica enquanto gay, lésbica, travesti, bissexual e transexual com as instituições públicas possui extrema relevância, tanto para a organização quanto para a estruturação dos serviços prestados quanto para compreender os processos sociais que perpassam este contexto. Com intuito de apresentar o que compreenderemos como trajetória neste trabalho, no próximo capítulo serão apresentados alguns elementos da teoria de Pierre Bourdieu, com enfoque nas trajetórias sociais.

## 6 CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU: TRAJETÓRIA SOCIAL

Conforme apresentado no capítulo 4, Um olhar para o morar e para os moradores de rua”, no cenário brasileiro, os estudos acerca das violências praticadas contra a população LGBT citam a expulsão ou saída de casa desses indivíduos. Geralmente as narrativas dos indivíduos que saíram ou foram expulsos de casa apresentam a não aceitação da família, a partir de uma postura heteronormativa, em relação a sua identidade ou expressão de gênero (GOMES; REIS; KURASHIGE, 2014; SILVA et al., 2013; FILHO; RODRIGUES, 2012; ALMEIDA, 2006). Esses trabalhos, trazem relatos de indivíduos que apesar da situação vivida, apresentam uma trajetória que os possibilitou o acesso as necessidades básicas de moradia, estudo e renda. Tal construção está ligada aos locais e seleção dos participantes dos estudos, que no Brasil ainda não alcançaram o cenário das ruas e a população LGBT que vive nela.

Ainda neste sentido, a pesquisa desenvolvida pelo Ministério do Desenvolvimento Social brasileiro, com o intuito de elaborar um perfil dos moradores de rua do país, apresentou que cerca de 29,1% dos moradores de rua saíram de suas residências por conflitos familiares (BRASIL, 2008a). Neste estudo, não houve investigação e descrição sobre os motivos desses conflitos.

Nos estudos internacionais, percebe-se que de um terço a dois terços dos moradores de rua LGBT investigados, na Inglaterra e Austrália respectivamente, as questões de gênero foram o motivo principal dos conflitos familiares que precederam a saída de casa (DUNNE; PRENDERGAST; TELFORD, 2002; MALLET et al., 2009). Assim, percebe-se um silenciamento na literatura científica brasileira em relação aos indivíduos que tiveram seus vínculos rompidos, por questões relacionadas ao gênero, e atualmente vivem nas ruas. É nesta lacuna do conhecimento, que o presente estudo pretende se inserir, considerando as trajetórias de saída de casa, chegada e fixação nas ruas observando os efeitos das identidades e expressões de gênero neste processo.

Neste sentido, serão utilizadas as contribuições teóricas do sociólogo Pierre Bourdieu acerca da trajetória social, entendendo-o como um discurso construído que possibilita a compreensão de narrativas e construção de sentidos (GERGEN; GERGEN, 2010).

Antes de adentrarmos as discussões e sentidos construídos pelo autor acerca da trajetória é necessário compreendermos as críticas realizadas por ele acerca da biografia ou autobiografia, no que ele denomina

de “ilusão biográfica”, as construções do *habitus*, campo e da personalidade.

O termo “ilusão biográfica”, refere-se a preocupação em apresentar nossas histórias de forma linear, com uma trajetória desprovida de rupturas, construindo um conjunto seguro e equilibrado, algo impensável na realidade (BOURDIEU, 1996b).

Além disso, Bourdieu traz outra reflexão, em relação à biografia ou autobiografia, sugerindo que há um caráter coletivo dos “fatos” e acontecimentos narrados pelos indivíduos, direcionando assim, para o entendimento de que as experiências, apesar de singulares, trazem consigo elementos e experiências coletivas, compartilhadas com as pessoas pertencentes a uma mesma geração ou a um mesmo grupo social (BOURDIEU, 1996b).

Assim, a atenção deve-se voltar para dois pontos: a ilusão de uma singularidade “pura” das pessoas frente às experiências compartilhadas e a ilusão da coerência perfeita em uma biografia ou história de vida (BOURDIEU, 1996b). Deste modo, as narrativas produzidas serão compreendidas como discursos produzidos pelos indivíduos, com influências coletivas e passíveis de “ajustes” discursivos, mas que representam as percepções desses sobre seu percurso.

Para compreendermos este jogo, em que um agente é construído por um conjunto de posições relacionados às disposições pessoais historicamente construídas, em que as disposições pessoais permitam que o agente se torne propenso ao ato e à classificação no mundo social, torna-se necessário o entendimento do conceito de *habitus*. Na definição de Bourdieu (1983) o *habitus* é definido como:

“Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a percepção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para os atingir; objetivamente “regrados” e “regulares” sem ser de forma alguma o produto da obediência a regras, e, sendo assim, coletivamente orquestrados sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.” (BOURDIEU, 1983, pag.65).

Assim, *habitus* pode ser entendido como sistema de esquemas de valores, percepções, juízos, ação e apreciação que são incorporados pelas experiências que ao mesmo tempo que o reproduz, o constrói e

modifica. Esses processos irão se desenvolver na medida em que os grupos apresentam respostas socialmente aprendidas no transcórre da história individual. Sendo desenvolvidas tanto na coletividade como na família, por meio de experiências do correto e do incorreto para determinada sociedade, constituindo-se como *habitus* (BOURDIEU; SILVEIRA; PEGORIM, 2004). Nas palavras de Bourdieu, Silveira e Pegorim (2004),

“(...) funciona como engrenagem do campo de maneira a manter a reprodução social das crenças, por meio da incorporação legítima (“habitus”) de cada agente e da posição social - e de gênero - que ocupa na estrutura que está inserido.” (BOURDIEU; SILVEIRA; PEGORIM, 2004, pag.131).

O *habitus* esta intimamente ligado ao Campo, sendo este o/os espaço/espaços de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, espaço de disputa e jogo de poder. Nesse sentido temos, na sociedade, vários Campos, vários espaços dotados de relativa autonomia, mas regidos por regras próprias. Essas regras são construídas pelos indivíduos ao mesmo tempo que os constroem.

O indivíduo, entendido como socialmente construído, pode ser denominado, no que se refere ao seu aspecto público e de estatuto social, como uma personalidade. Ou seja, um conjunto de posições simultaneamente ocupadas, em um momento dado no tempo, por uma individualidade biológica socialmente instituída, que age como suporte de um conjunto de atributos e de atribuições que permitem sua intervenção como agente eficiente nos diferentes Campos (BOURDIEU, 1996b).

Deste modo, torna-se necessário compreender este indivíduo em seus diversos contextos em que ele convive e conviveu e pretende conviver, ou seja, na família, na rua, com os amigos e colegas, nas instituições para então compreender seu *habitus*. Assim, é possível apreender as mudanças no *habitus*, mas para isso torna-se necessária a construção de uma trajetória em que os diferentes espaços e relações vivenciadas sejam narrados.

Entretando, partindo das críticas de Bourdieu em relação a biografia e autobiografia, como seria possível construir essas narrativas históricas para compreensão das modificações no *habitus*? Bourdieu (1996b) sugere que a compreensão de uma biografia a partir da reconstrução da “trajetória”, sendo essa compreendida como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transforma-

ções incessantes.

Assim é possível, ao indivíduo, uma pluralidade de itinerários possíveis, com possibilidade múltiplas e mutantes em cada campo social. Dessa forma, ao invés de utilizar o termo biografia, Bourdieu (1996a) propõe o conceito de “trajetória social”:

“Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa de envelhecimento social que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representam a história de uma vida.” (BOURDIEU, 1996a, pag.292).

A partir do entendimento dos conceitos apresentados, pretende-se utilizar as “trajetórias sociais” para compreender o percurso dos moradores de rua, observando, em especial os aspectos relacionados aos efeitos da expressão de gênero nessa trajetória. Nos próximos capítulos serão apresentados os objetivos e o percurso metodológico deste trabalho com maior detalhamento do que pretende-se desenvolver a partir deste projeto de pesquisa.

## 7 OBJETIVOS

### 7.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os sentidos construídos sobre os efeitos das expressões de gênero nas trajetórias sociais dos moradores de rua do município de Florianópolis, SC.

### 7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever os efeitos das diferentes expressões de gênero na trajetória de ida para rua.
- Identificar os efeitos das diferentes expressões de gênero nas relações que os moradores de rua estabelecem entre si, com os indivíduos que não residem na rua e com as instituições de apoio.



## 8 PERCURSO METODOLÓGICO

### 8.1 CONSTRUCIONISMO SOCIAL

Este trabalho de pesquisa foi construído a partir de uma postura construcionista enquanto suporte epistemológico e metodológico, e teve como foco os diferentes sentidos produzidos pelos moradores de rua sobre expressão de gênero, no município de Florianópolis. Pretende-se com este estudo proporcionar ao leitor uma reflexão sobre a temática da diversidade sexual no âmbito das ruas e de suas relações.

Visto a postura epistemológica empregada, não foi utilizada uma metodologia fechada ou uma avaliação que trará uma verdade em detrimento de outras, mas sim um processo que levou a compreensão dos diversos sentidos produzidos pelo atores envolvidos, sem expectativa de obter consenso entre eles. Para isso o pesquisador assumirá uma postura reflexiva no desenvolvimento do trabalho, considerando que o desafio do construcionismo é a multiplicidade dos sentidos e não a redução na busca do mais adequado e verdadeiro (MCNAMEE; SANTOS, 2010).

Neste trabalho, partiu-se do pressuposto que não existe uma realidade externa a ser acessada sobre expressão de gênero no contexto da rua. Foi utilizado o processo relacional que se deu durante as entrevistas para construir os sentidos sobre expressão de gênero, considerando o pesquisador e os participantes enquanto vozes ativas. A partir dessa interação foi construída uma realidade para a temática investigada, a qual pode falar sobre processos sociais, mas é única do contexto e dos atores envolvidos (CORRADI-WEBSTER, 2009).

Partiu-se do pressuposto que os discursos são expressados de formas diferentes dependendo do contexto em que os indivíduos estão inseridos, do local em que se situam, com quem falam, o que lhe foi dito anteriormente, qual a interação estabelecida (SPINK, 2010). Dessa forma, buscamos compreender quais os contextos e discursos relacionados às falas dos entrevistados.

Para compreendermos a realidade a partir do Construcionismo Social, transformamos os critérios metodológicos científicos utilizados. Critérios como a neutralidade, objetividade e generalização deixam de ser possíveis na proposta construcionista. Assim buscou-se a aproximação com os processos sociais da pesquisa, com intuito de fomentar discussões e reflexões acerca da temática para que pudessem gerar outras narrativas além daquelas já cristalizadas enquanto verdade. Para

a definição do rigor de pesquisa foram considerados o detalhamento e a descrição de cada etapa da pesquisa, bem como os procedimentos utilizados (CAMARGO-BORGES, 2007).

## 8.2 LOCAL DO ESTUDO E PARTICIPANTES

O estudo foi desenvolvido no município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina entre os meses de janeiro e fevereiro de 2016. Além das questões relativas as migrações oriundas de município vizinhos, outras regiões do estado catarinense e dos outros estados brasileiros, o município é conhecido no cenário nacional e internacional como cidade *gay-friendly*<sup>1</sup>. Essa característica é ressaltada pela gestão estadual e municipal, que desenvolve marketing em torno deste tema, atraindo assim a população LGBT de forma expressiva para a cidade.

Além disso, existe também o discurso da qualidade de vida que Florianópolis proporciona, assim o município é destino de muitos indivíduos e famílias na busca de novas oportunidades. Entretanto essas buscas nem sempre tem o resultado esperado, no tempo esperado e em muitos casos, esses indivíduos acabam ocupando vagas de empregos precários, habitando as periferias e até mesmo tornando-se moradores de rua. Segundo os dados governamentais a capital catarinense possuía 426 moradores de rua em 2008 (BRASIL, 2008a), sendo que não há uma estimativa oficial atualizada da população de rua da cidade. Como estrutura social de apoio e proteção aos moradores de rua, Florianópolis conta com um Centro POP com serviço de abordagem social (rua) e serviço especializado para população em situação de rua, casa de apoio social ao morador de rua, casa de passagem para mulheres em situação de rua e/ou violência e uma equipe de consultório de rua (FLORIANÓPOLIS, 2015).

A população de rua de Florianópolis, concentra-se na região central do município, no bairro Centro e arredores, em que se localiza grande parte dos comércios e serviços, com grande fluxo de pessoas durante o dia. Além disso, nessa região estão algumas das instituições citadas anteriormente, que prestam apoio para esta população.

Para seleção dos participantes o pesquisador frequentou essas regiões em que há grande concentração da população de rua, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2016, com o intuito de aproximar-

---

<sup>1</sup>Termo usado para identificar locais (cidades, estabelecimentos, empresas) em que são desenvolvidos estratégias que visam o respeito e recepção de indivíduos LGBT.

se e compreender as dinâmicas desses indivíduos e identificar possíveis participantes. As idas ao campo se deram em diferentes dias da semana e finais de semana, em horários diversos, buscando obter contato com diferentes moradores de rua.

No decorrer do trabalho de campo, buscou-se uma aproximação aos moradores de rua que possibilitou o convite para participação na pesquisa. A seleção dos participantes do estudo foi realizada por meio de amostragem de conveniência, sem a pretensão de uma representatividade numérica, foram selecionados os sujeitos que possuíam a experiência e vivência relacionadas ao que se deseja estudar (PATTON, 1990). Ou seja, moradores de rua LGBT e/ou heterossexuais, que tenham como motivo da saída de casa problemas familiares relacionados a questões de gênero. Não foram inseridos na pesquisa moradores de rua com idade inferior a 18 anos ou que possuam deficiência mental que impossibilitasse a entrevista.

### 8.3 MÉTODOS DE COLETA E ANÁLISE

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, este tipo de pesquisa compreende um conjunto de práticas que englobam os sentidos atribuídos pelos indivíduos às experiências e vivências e aos contextos relacionais onde estão inseridas (BOSI; MERCADO, 2007; LINCOLN, 2000).

Mediante a configuração do campo de pesquisa, para levantamento de informações e seleção dos interlocutores para entrevistas, foi adotada uma postura etnográfica, ou como sugerido na postura construcionista, observação no cotidiano, em que o pesquisador participa e interfere no contexto investigado, com ênfase na análise das ações no cotidiano e não do cotidiano, para o desenvolvimento do estudo (ARAGAKI et al., 2014).

Deste modo, o pesquisador frequentou diariamente e em diferentes horários os espaços em que os moradores habitam na cidade, inicialmente com o intuito de adentrar ao campo, mediante a dificuldade de acesso aos diálogos e vivências compartilhadas, e posteriormente com o intuito de manter e reforçar os vínculos para o desenvolvimento da pesquisa.

Para registro das informações provenientes da observação no cotidiano, no contato direto do pesquisador com os cenários e interlocutores, no contexto das relações e fora dele foi utilizado o diário de campo. Neste foram registradas as percepções do pesquisador sobre os

espaços, ações, expressões, também insight, inquietações, dúvida, angústias e sentimentos provenientes da interação, além de partes de relatos expostos durante as conversas informais (CARDONAL; CORDEIRO; BRASILINO, 2014; GEERTZ, 1989).

Após a entrada no campo, em que o pesquisador passou a frequentar os espaços e as relações dos moradores de rua, também foi realizada a coleta de informações por meio de entrevistas individuais abertas (MINAYO, 2007). Os cenários das conversas e entrevistas foram diversos, entretanto em geral foram realizadas nas calçadas, bancos e marquises. As entrevistas foram realizadas de forma dialogada e os entrevistados foram convidados a contar sua trajetória social, sendo que como forma de direcionar a conversa o pesquisador utilizou-se dos seguintes tópicos: Motivos que o levou para rua; Processo da saída de casa e fixação na rua; Motivos que o mantém na rua; Efeitos da expressão de gênero nas relações no contexto da rua (entre os moradores de rua, com os não moradores de rua e com as instituições de apoio).

A opção pela entrevista individual se justificou pelo interesse em aprofundar a conversa em determinadas trajetórias, todavia neste trabalho esta ferramenta não é entendida como apetrecho para “coleta” de informações pré-existentes, mas sim de co-construção de discursos na interação entre pesquisador e participantes no momento da entrevista (ARAGAKI et al., 2014). As entrevistas foram gravadas e após as coletas todas transcritas na íntegra para posterior análise.

A análise foi realizada por meio de imersão do pesquisador nas informações coletadas. As informações não foram enquadradas em categorias ou eixos temáticos pré-estabelecidos, mas sim descritos e relatadas a partir dos sentidos construídos - sobre a expressão de gênero e seus efeitos na trajetória social dos moradores de rua - durante as entrevistas a partir da leitura das transcrições (SPINK; LIMA, 2004).

#### 8.4 ASPECTOS ÉTICOS

O presente estudo foi submetido e aprovado, segundo protocolo nº104963/2015, pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, conforme a Resolução CNS 466/12 que orienta sobre os princípios científicos e éticos, cujos dados foram coletados e utilizados somente no âmbito dos objetivos do mesmo, sendo as informações apresentadas de forma coletiva, sem nenhum prejuízo para as pessoas envolvidas, e sem fazer menção aos nomes das pessoas envolvidas.

Deste modo, os participantes que se dispuseram a participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C). Igualmente, o estudo levou em conta as normas técnicas determinadas para este tipo de investigação, tomando as medidas pertinentes para evitar qualquer risco ou dano dos participantes.



## 9 ANDANÇAS, VIVÊNCIAS E DIÁLOGOS: UMA AVENTURA ETNOGRÁFICA NAS RUAS DE FLORIANÓPOLIS

As pessoas que habitam as ruas, ou como me proponho a denominá-las, os moradores de rua, compõe um segmento social que apresenta trajetórias peculiares com características marcantes, tais quais destaque o imediatismo com ações e pensamentos focados no presente, ou seja, voltados para o suprimento de necessidades básicas para manutenção da vida no “aqui e agora” das ruas; a heterogeneidade e diversidade em sua composição; nomadismo com deslocamento frequente pelos espaços; e sociabilidades fluídas e em constante movimento (LANGA, 2012).

A população de rua é composta por diferentes atores, são nômades, hippies, eremitas, índios, ciganos com características e perfis ímpares que por vezes formam “tribos” ou grupos, que apesar de fluídos, apresentam certa coesão, integração e compartilhamento de regras, principalmente quando dividem o mesmo espaço de moradia com regularidade (LANGA, 2012; BRASIL, 2014). Nesse sentido, a rua e seus habitantes conformam-se como um espaço e uma população plural e fluída. Essas características da população de rua dificultam a construção de estudos com eles, pois constantemente estão em deslocamento (re)construindo vínculos com lugares e pessoas fazendo com que o contato seja na maioria dos casos, único.

Devido a isso, pesquisadores que trabalham com a população de rua propõe a construção/invenção de metodologias que estejam adequadas a essas características e peculiaridades (BECKER, 1993). Em seu estudo, Araújo (2003) sugere que as pesquisas e os levantamentos da realidade desta população sejam desenvolvidos a partir de uma associação de questionários quantitativos e qualitativos, visando potencializar as possibilidades analíticas para dar conta das suas especificidades. Apesar de compreender a relevância da associação das duas posturas de pesquisas para uma compreensão mais aguçada dos diversos aspectos da população de rua, preocupo-me com o direcionamento dos discursos construídos que objetivam acessar uma dada realidade dos moradores de rua, algo que possa ser generalizado. Embora, isso pode ser oportuno para alguns fins, conforme percebi durante a imersão no campo, irá esbarrar na pluralidade desta população, que dificilmente poderá ser expressa e contemplada nesses discursos, que ao lançarem um olhar externo podem se tornarem colonizadores.

Mediante sua experiência em estudos com moradores de rua, Pi-

mentel (2005), ressalta que a pesquisa com essa população não é uma tarefa fácil, principalmente devido ao nomadismo, invisibilidade social, diversidade de relações sociais e de trabalho. Buscando adaptara-se a estas características a pesquisadora desenvolveu uma etnografia em que seguiu os percursos dos moradores de rua no centro da cidade indo aos locais em que esses deixam marcas de sua vida cotidiana, principalmente à noite. Langa (2012), também em estudo com moradores de rua, no município Fortaleza, desenvolveu uma pesquisa etnográfica em que compartilhou dos espaços e experiências diariamente em uma praça periférica da cidade, com enfoque nas questões relacionadas com o HIV/AIDS. Essa convivência constante marcou o desenvolvimento deste trabalho, visto que frequentei as ruas da região central do município de Florianópolis e convivi com os moradores de rua, quase diariamente, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2016.

Conforme exposto no Percurso Metodológico deste trabalho, optei por uma postura etnográfica para desenvolver a fase de imersão no campo, principalmente pelas características citadas pelos autores em relação à população de rua, mas também pelo que denomino de “solicitação do campo”, pois pude perceber nas primeiras semanas que uma inserção transversal, mesmo que articulada, não possibilitaria a investigação profunda das trajetórias sociais, principalmente com enfoque no gênero. Logo esta opção metodológica foi sendo construída com os diferentes atores do campo, assim como as diversas negociações e diálogos para o desenvolvimento das entrevistas, forma de registro, limites de inserção e possibilidade de compartilhar os espaços.

Sendo assim, sugiro para além do proposto nos trabalhos que trago para o diálogo, mediante a experiência que tive no presente estudo, que a metodologia esteja aberta para ser co-construída com as pessoas e situações que compõe o local de pesquisa. Fazendo com que não seja um caminho desenhado para o campo, mas sim pelo campo. Entendo que tal postura pode parecer pouco controlada para algumas vertentes científicas hegemônicas, diminuindo a possibilidade de produção de discursos que naturalizem e criem características gerais desta população a partir do olhar de quem não mora na rua, ou seja, o pesquisador, mas é neste caminho, contrário ao hegemônico, que busco construir esta pesquisa. Não proponho neutralidade do pesquisador, pois não a vejo como possível, mas sim uma co-construção da pesquisa colocando os moradores de rua e o pesquisador como agentes do processo de construção da pesquisa, inspirado na postura construcionista social (GERGEN; GERGEN, 2010; LORENZI et al., 2014).

Além das questões citadas anteriormente, outro desafio para o

desenvolvimento deste trabalho foi a identificação dos lugares em que poderia encontrar os moradores de rua nos diferentes períodos do dia e nos diferentes dias da semana. Destaco que no desenvolvimento desta pesquisa, optei por não realizar uma articulação com instituições públicas ou da sociedade civil organizada que trabalhem para/com os moradores de rua e também não busquei os moradores de rua que já conhecia, fui direto as ruas e aos seus habitantes que desconhecia. Dessa forma, os contatos realizados no contexto da rua, principalmente os primeiros, foram a partir de um desconhecimento absoluto entre pesquisador e moradores de rua. Estas opções não surgiram por uma busca de “neutralidade dos discursos”, mesmo porque isso não seria coerente com a postura epistemológica deste trabalho. Entretanto, este caminho foi entendido como uma forma de olhar e construir os discursos naquele espaço, buscando, apesar das diferenças marcadas socialmente, horizontalizar ao máximo a relação pesquisador/moradores de rua (GERGEN; GERGEN, 2010; LORENZI et al., 2014).

Esta forma de ida ao campo fez com que o contato e a inserção caminhassem em um ritmo diferente, quando comparado com outras pesquisas que participei, me causando certas angústias nas fases iniciais do campo pela várias portas fechadas. Entretanto este caminho me proporcionou experiências que me permitiram compreender alguns detalhes e desafios da pesquisa de campo, dando maior importância para os co-construtores da pesquisa e reforçando os aspectos éticos implicados no desenvolvimento de estudos científicos. O aceite e assinatura do TCLE não foram a garantia da aderência e comprometimento com a construção da pesquisa, mas o abrir das portas invisíveis de seus lares após diversos diálogos, sim, aproximando-se do que entende-se enquanto postura ética na pesquisa na abordagem construcionista social (SPINK, 2014).

Retornando a dificuldade da identificação dos locais em que os moradores de rua ficam, encontrei na literatura algumas pistas que auxiliaram no início das andanças pelas ruas. Escorel (2003) afirma que esta população busca nas cidades, geralmente nos centros, os locais em que há possibilidade de obtenção de rendimentos e suprimento das necessidades básicas (abrigar-se das intempéries do tempo, segurança, dormir, comer e beber). A procura por um abrigo e segurança seriam as primeiras necessidades, todavia esses devem estar associados aos locais em que exista a possibilidade de acesso à água (tomar banho, lavar suas roupas e pertences), alimentos (locais de distribuição e doação de comida) e obtenção de rendimento (locais de depósito de lixo, estacionamentos de carros na rua, locais de grande circulação para pe-

dir esmolas e vender trabalhos manuais). As pistas dadas por Escorel (2003) são caminhos férteis. Todavia é tarefa do pesquisador identificar esses locais no campo em que opta em desenvolver a pesquisa, eles não são óbvios para quem não habita as ruas e possuem regras e hierarquias dinâmicas estabelecidas nas relações cotidianas. No próximo item deste trabalho exponho os locais e espaços que identifiquei em minhas andanças pelo centro de Florianópolis.

As inseguranças e incertezas são muitas quando se acessa um espaço em que a fluidez é uma característica marcante. Assim, com a finalidade de descrição e compreensão do caminho percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, organizei os momentos que passei no campo de forma sistematizada ao que chamo de momentos, ao total foram 5 deles: 1 - Momento de exploração; 2 - Momento de inserção; 3 - Momento de estratégia; 4 - Momento de investigação; e 5 - Momento de vivência. Apesar desses processos estarem ordenados e parecerem bem delimitados, reforço que eles aconteceram de forma dinâmica e relacional entre os moradores de rua e o pesquisador, nos diferentes espaços. Sendo assim, na prática esses momentos se misturam e devido à limitação da linguagem e da racionalização os coloco nesse formato.

O primeiro momento, momento de exploração, foi caracterizado pelo estranhamento do pesquisador em relação aos agentes do campo onde aconteceram as primeiras conversas, as diversas portas fechadas e a necessidade de repensar as estratégias de pesquisa. Neste momento, realizei uma reflexão em relação a metodologia e a forma de inserção, conversando com o moradores de rua sobre as formas de abordagem, possibilidades de diálogo e convivência, nascendo aqui as primeiras ideias de realizar o trabalho pautado na postura etnográfica. Também identifiquei, em conjunto com alguns moradores de rua, os locais em que habitualmente a população utiliza como moradia, para lazer, para alimentação, para manguear <sup>1</sup>, trabalhar. E nessa relação não apenas reconheci a rua, mas também fui reconhecido por ela e por seus integrantes, passo a ter existência para os moradores de rua de Florianópolis.

O segundo momento, momento de inserção, se deu após reconhecer e ter sido reconhecido no contexto da rua, pude então acessar os espaços de vivências dos moradores de rua, compartilhando de momentos e diálogos informais sobre suas vidas e situações cotidianas.

---

<sup>1</sup>Marguear é o termo utilizado entre os moradores de rua para se referir as práticas realizadas para obter dinheiro, doações, ou favores de outras pessoas, geralmente não moradores de rua, que envolvem a contação de histórias verídicas ou não para sensibilizar o terceiro que esta sendo manguado. Um dos moradores de rua sintetizou o termo, de forma muito interessante, como “a arte de pedir”.

Ressalto que, no primeiro momento, apesar dessa inserção no campo, o contato com os moradores de rua consiste em um desafio diário, pois a fluidez das relações e característica nômade da população faz com que sempre haja alguém a ser conhecido e que irá te reconhecer, ou não, enquanto alguém que compartilha do contexto da rua.

O terceiro momento, momento de estratégia, só foi possível devido as aberturas que a convivência diária com os moradores de rua me proporcionaram, reforçando a opção pela postura etnográfica. A partir dos diálogos e convívios, identifiquei e selecionei os espaços em que percebia uma recepção mais calorosa, dos moradores fixos e dos que passavam frequentemente por eles, e que tinham em sua composição pessoas e situações que explicitavam as relações de gênero no contexto da rua. Após esta seleção priorizei a convivência em alguns espaços e com determinados moradores de rua. Esse processo foi dinâmico, e com a constante troca dos moradores de rua nos espaços selecionados as conversas sempre eram direcionadas e decididas no “calor da hora”, com exceção de alguns que foram companhias constantes para longas conversas.

O quarto momento, momento de investigação, foi o quando passei a ficar, com mais frequência, nos locais selecionados e realizei conversas em profundidade, ou seja, entrevistas abertas conforme proposto na metodologia deste trabalho com determinados moradores de rua que identifiquei como tendo experiências de vida relevantes, considerando os objetivos desta pesquisa. Nesta momento, ocorreu um fato inusitado que da origem ao último momento, durante a conversa com um dos moradores de rua, que por sinal era muito disposto nas conversas, gostava de falar sobre sua vida e a vida na rua, fui convidado a passar um dia inteiro com e como os moradores de rua. Este pedido foi feito com a justificativa de que essa vivência me permitira compreender algumas falas e comportamentos dos moradores de rua de outra forma, a partir dessa experiência. Não pude, nem quis recusar!

O quinto momento, momento de vivência, conforme explicitado anteriormente, após o convite de um dos moradores de rua, no último dia do trabalho de campo, passei 24 horas nas rua de Florianópolis, junto a alguns grupos de moradores de rua. Compartilhei de suas vivências, situações inusitadas, perigos, uso de drogas, conversas, buscas por alimentos, entre muitas outras coisas que nunca conseguirei colocar no papel, pois apenas pude sentir e as sinto até hoje. Nestas 24hs não realizei entrevistas, apenas anotações pontuais sobre situações específicas e fiz uma descrição sobre tudo que me recordava após o término desta imersão.

Durante a construção do campo, que descrevo nesses cinco momentos, as inquietações relacionadas às convergências, mas principalmente as divergências das vivências cotidianas com os debates, descrições teóricas e propostas metodológicas, colocaram-me em constante questionamento, principalmente no que tange a ausência de discussão e despreocupação dos pesquisadores sobre a inserção no campo de estudo e seus efeitos nos resultados dos trabalhos. Nesse sentido Becker (1993) aponta que a inserção no campo é um problema metodológico geralmente negligenciado pelos pesquisadores, mas vivenciado por todos, ou:

“... pelo menos todos aqueles que tentam estudar, por qualquer método, organização, grupos e comunidades do mundo real.” (BECKER, 1993, p.34).

Assim, como expus anteriormente, a permissão não se trata da assinatura do TCLE, mas de um processo de negociação, inserção e co-construção do campo entre pesquisador e moradores rua, neste caso, que irá ter efeito direto nos resultados do estudo. E independente dos planejamentos metodológicos e direcionamentos que o pesquisador objetiva, o processo de pesquisa se dará no ato na relação entre o pesquisador e sujeito da pesquisa, e ali as regras do jogo mudam, você não está mais na segurança do seu escritório e computador, é necessário negociar e muitas vezes improvisar. Nesse sentido, o pesquisador pode e deve utilizar do improviso para solucionar os problemas que se apresentarem durante a realização da pesquisa (BECKER, 1993).

Busquei na associação das técnicas de observação participante e entrevistas em profundidade, construir sentidos junto aos moradores de rua, todavia para além das técnicas me preocupe com o contato constante e em diversos momentos da vida cotidiana dessa população (BECKER, 1993). Dessa maneira, busquei imergir no campo e nas vivências, principalmente as referentes às relações de gênero, mas sem poder ou conseguir desvincula-las das outras, co-construindo sentidos sobre as experiências do habitar as ruas (SPINK, 2014).

Destaco que durante a imersão nas ruas de Florianópolis, a sensação de lidar com a incerteza e fluidez da população de rua e a necessidade de (re)construir as metodologias foi constante. Apesar disso, esse processo, ao contrário do que se possa imaginar, levou-me a lugares e a questões que eu jamais iria hipotetizar para os cenários que estudei. Com intuito de apresentar algumas das características vinculadas as questões espaciais e de vinculação entre a população de rua, na próxima seção exponho parte da etnografia, com enfoque nos lugares

e/ou não lugares que a população de rua do município transforma em lar, trazendo questões sobre relações do gênero na construção destes espaços.

## 9.1 AS ANDANÇAS: O INÍCIO, AS BUSCAS, OS LUGARES E OS PEDAÇOS

Nos primeiros dias do ano de 2016, para ser mais exato dia 04 de janeiro de 2016, primeira segunda-feira do ano, iniciava os trabalhos de campo da pesquisa de mestrado, esta que você lê neste momento. No meu imaginário, construindo-me como pesquisador em um cenário científico deveras rígido, para não dizer retrógrado, uma série de inseguranças e incertezas rondavam meus pensamentos para o desenvolvimento da pesquisa. Apesar de toda a preparação, sabia que os caminhos iriam ser construídos a partir deste dia e que cada passo, diálogo e ação dariam um direcionamento singular para minha estada nas ruas. Realmente não sabia por onde começar, apesar do centro de Florianópolis ser pequeno, parecia trazer uma gama de opções do tamanho do mundo.

Antes de irmos para a rua, ressalto que o início dessas, denominadas, andanças, não se deu no termo do deslocamento físico que a palavra sugere, ainda neste primeiro dia, sentado em um dos bancos da Praça XV de novembro, espaço importante do desenvolvimento posterior dos trabalhos, peguei-me a refletir. Por ser, dentro dos discursos correntes, homem, cis, heterossexual, branco, de classe média, não morador de rua, pai, com ensino superior completo e cursando um mestrado adentrar em um espaço marcado pela exclusão social exigia de mim minimamente o reconhecimento dos privilégios que tive e ainda tenho, além de posicionar minha intencionalidade ao dialogar com essas pessoas e reconhecer o compromisso e dívida social para com eles. Esperava, de antemão, que existisse um distanciamento e que os acessos e aproximações seriam construídos a partir de uma abordagem horizontal.

Após pelo menos 40 minutos de reflexão, numa tarde muito quente de um verão atípico na Região Sul do Brasil, decidi minha tarefa naquele dia, seria buscar os espaços em que os moradores de rua frequentam, ou seja, os espaços públicos ressignificados por eles, tentando estabelecer contatos, conhecer e ser reconhecido. Caminhei durante toda tarde e um bom pedaço da noite pelos mais variados espaços do centro da cidade, sendo que esta metodologia empreguei durante todo o

campo, pois a cada contato abriam-se novos lugares a serem buscados e acessados. Neste dia identifiquei 4 locais, a Praça XV de novembro, Marquise da Previdência Social, Praça das Lojas Americanas e Ruas Baixas do Centro. Encontrei, nos lugares em que circulava desde pequeno, essas casas sem portas físicas que parecem conter muros de invisibilidade, eles não são vistos, ao menos que o objetivo seja retirá-los dali num processo de higienização social (TATAGIBA; PATERNIANI; TRINDADE, 2012).

Durante os dias que estive no campo pude presenciar diversas ações da Polícia Militar e principalmente da Guarda Municipal, retirando as pessoas e pertences de alguns dos espaços em que estávamos. Entretanto, relato uma ação que não presenciei, mas que ouvi de diversos moradores de rua nas conversas sobre a sensação de insegurança e invisibilidade social e pude perceber seus efeitos e repercussão na vida da população de rua de Florianópolis. Ainda no ano de 2015, no mês de dezembro, próximo as festividades natalinas na ilha de Santa Catarina. A cidade se enfeitava para receber milhares de turistas e lhes receber da melhor forma possível. Para isso vários espaços da cidade receberam decoração especial de Natal. Ruas, avenidas, largos, praias, lojas, shoppings iluminados para presenciar um espetáculo impar na vida das pessoas e da cidade. Entretanto havia um problema a ser resolvido para que um dos principais espaços da cidade, a Praça XV de novembro, pudesse receber a “população de bem” e os turistas, havia muitos moradores de rua habitando aquele lugar. Ali ficavam homens, mulheres, crianças e alguns “viados”<sup>2</sup> que ressignificaram aquele espaço enquanto lar. Sendo assim a Polícia Militar foi acionada para resolver a situação. E resolveu, retiraram de forma agressiva e truculenta todos os moradores de rua que estavam naquele espaço uns seis dias antes do tão esperado dia e, além disso, os ameaçaram com promessas de ações mais rigorosas caso algum deles voltassem para aquele lugar. Assim a Polícia Militar, amparada pela Prefeitura Municipal, desenvolveu uma ação voltada para higiene social, não havendo qualquer compromisso da gestão pública com a assistência e bem estar da população de rua. Neste caso, não há uma delimitação ou influência das expressões de gênero na relação entre os moradores de rua e não moradores de rua. A situação de exclusão social é anterior, sobrepoem às relações de gênero e os coloca em um espaço em que, assim como o lixo que é varrido diariamente da praça, eles foram retirados deste espaço.

---

<sup>2</sup>Termo utilizado de forma pejorativa por alguns moradores de rua para se referir aos gays moradores de rua. Entretanto, o termo também é ressignificado e usado para se identificar por um dos moradores de rua homossexual.

A violência – da psicológica a física, operadas e legitimadas pela simbólica (BOURDIEU, 1980) – praticada pelas diferentes unidades policiais é um componente presente no dia-a-dia e nas narrativas dessa população: as abordagens policiais com o uso de armas e constante agressão; as frequentes “revistas”; a observação atenta e desconfiada para os grupos de moradores de rua e os xingamentos ofensivos. A Companhia de Melhoramento da Capital (COMCAP), associada aos agentes da polícia, contribuem para as práticas violentas, principalmente no que se refere à retirada de pertences da população de rua. Devido a isso, há um código na rua para alertar a chegada de policiais. Quando algum morador de rua observa um agente se aproximando grita rapidamente a palavra “terra”<sup>3</sup> seguidamente até perceber que todos do grupo ouviram. Ao deparar-se com o código, os moradores de rua escondem, principalmente, suas drogas e armas brancas e, quando estão fazendo uso de alguma substância ilícita, param imediatamente para evitar a abordagem policial.

Por estes motivos, sempre que estava junto aos moradores de rua, levava apenas o que conseguia carregar para evitar perder alguma coisa nessas incursões tanto da COMCAP, quanto das polícias. E apesar de estar sempre com o Registro Geral em lugar acessível e alguns papéis que comprovavam minha pesquisa de campo, mesmo quando fomos abordados, não utilizei esses recursos nem me apresentei enquanto pesquisador a esses servidores públicos. Tal postura despertou, em alguns moradores de rua, certa curiosidade e admiração contribuindo para minha inserção no campo. Essa postura foi inspirada no estudo de Geertz (1989), que tem seu acesso ao campo em estudo que analisou a sociedade balinesa a partir das brigas de galo, proporcionado pela sua estratégia ocasional de fugir dos policiais javaneses com os balineses. Apesar de não ter identificado nessas posturas o principal motivo de meu acesso ao campo, às percebi como importante forma criação de confiança com a população de rua pela dupla identificação dos poucos pertences e da insegurança com os serviços de segurança pública.

Voltando ao primeiro dia de trabalho no campo, ao sair da Praça XV de novembro, que neste dia, assim como em quase todo o mês de janeiro, estava esvaziada de moradores de rua, exceto os que ocupavam bancos para manguear, vender seus produtos e tomar uma “pinga”<sup>4</sup> durante o dia, segui em busca dos locais de concentração dos moradores

---

<sup>3</sup>O termo utilizado entre os moradores de rua é outro, todavia para não expor o código utilizado entre eles toquei a palavra.

<sup>4</sup>Termo utilizado para referir-se a bebida alcoólica, geralmente aguardente, consumida pelos moradores de rua em garrafas plásticas.

de rua.

Subi pelo lado esquerdo da catedral, na Rua Aciprestes Paiva, em direção a Marquise da Previdência Social, sabia que ali encontraria alguns moradores de rua. E de fato, ao passar uma pequena lanchonete com fachada azul me deparei com o lugar que guardava alguns pertences deixados pelos que haviam dormido ali na noite passada. Sob a marquise, sustentada por grandes pilastras arredondadas, há um grande espaço de circulação e recuo entre a parede e a janela que acomoda uma pessoa deitada, de forma confortável. Neste recuo havia uma pessoa sentada, de forma tímida o questioneei sobre a possibilidade de sentar ao seu lado. Ele autorizou e então me coloquei ao lado dele, conversamos um pouco, ele me disse ser morador de rua e que estava cuidando de carros<sup>5</sup> a conversa não fluiu, mas fiquei algum tempo ali até que chegou uma outra pessoa que expressou verbalmente que estava incomodado em me ver ali. Queria saber o que eu estava fazendo. Eu tentei explicar, mas ele estava menos receptivo que o outro. Percebendo a situação me despedi e segui minha caminhada.

No primeiro momento não percebi, mas aquele era o “pedaço” deles, lugar em que cuidavam dos carros, dormiam, mangueavam, comiam, transavam e guardavam seus pertences. Magnani (1998) usa esse termo e o explica de forma detalhada em outro trabalho realizado no ano de 2012. O “pedaço” parte da noção de uma referência espacial, um local em que se tem presença regular de membros que possuem um código de reconhecimento e comunicação próprios. É uma forma particular de encontro, sociabilidade e troca supondo a existência de elementos mínimos comuns que permitam o reconhecimento em outros contextos. Dessa forma, quando um local ou espaço se torna o ponto de referência para distinguir certo grupo ou grupos que o frequentam como pertencentes a uma rede de relações, esse pode ser pensado como um “pedaço” (MAGNANI, 2002). Para além, o “pedaço” seria um terceiro espaço, entre a casa e a rua, entre o privado e o público, o que é familiar e o que é estranho, conhecido e desconhecido. No “pedaço” todos sabem quem são, do que gostam, de onde vem e o que podem ou não fazer não sendo necessário nenhum tipo de questionamento, a não ser que haja a presença de um estranho.

Assim, pude perceber após esta primeira porta fechada a exis-

---

<sup>5</sup>O termo cuidador de carros, ou cuidador de carro é utilizado entre os moradores de rua e alguns não moradores de rua que passam o tempo em ruas do centro da cidade, em que não há cobrança de estacionamento pela prefeitura, ou nos horários em que está cobrança fica desativada, tomando conta dos carros para que não sejam realizados furtos, sendo que em troca deste trabalho pedem aos donos dos carros uma contribuição financeira.

tência de códigos e contratos para a convivência no âmbito da rua. Sai meio tropo daquela marquise, sem rumo, pela experiência inesperada no primeiro contato. Segui minha caminhada, pensando em quantos portas fechadas que a população de rua recebe em um dia e quantas vezes se vê assim sem rumo. Destaco que apesar de presenciar muitos discursos seguros da estadia na rua, que destacavam que nos caminhos descontínuos encontraram um local para viver, ouvi muitos moradores que me trouxeram seus extensos sofrimentos pela situação em que estão atualmente (LANGA, 2012; VARANDA; ADORNO, 2004).

Com esses pensamentos subi pela Rua Tenente Silveira, até a altura dos fundos da Escola de Educação Básica Professor Herique Stodiek, em que estudei do pré-escolar até a antiga oitava série. Neste local, já havia avistado alguns moradores de rua em uma praça que liga a Rua Tenente Silveira com a Rua Felipe Schimdt, conhecida como Praça das Americanas, em referência a loja que esta situada ao lado dela. Logo que cheguei, estava na parte alta da praça, podia avistar ela por inteiro, em todos os seus detalhes. Numa busca rápida avistei um grupo de seis homens no canto esquerdo da praça, sob uma pequena marquise, com alguns colchões e papelões. Ainda receoso pela experiência anterior, fiquei sentado em um banco próximo ao local em que estavam os moradores de rua, observando seus fluxos e ações.

Assim como a Marquise da Previdência Social, este local era o “pedaço” daqueles moradores de rua e minha presença por quase uma hora no banco fez com que dois deles se aproximassem para investigar o que estava acontecendo. Queriam saber por que estava ali há tanto tempo e os observava com frequência. Foram levemente rudes na intervenção. Expliquei-lhes o motivo de estar ali e de pronto, observando a atenção deles, lhes contei sobre a experiência pregressa que tive na Marquise da Previdência Social que havia motivado minha não chegada até eles. Apesar da aparente desconfiança me convidaram para ir até o local em que estavam os outros, não pude recusar.

Ao chegar me apresentaram seus colegas, com quem compartilhavam o espaço. Tive então outra perspectiva do local em que estava. Era a parte inferior da escadaria que acessa a praça, o local tinha grades de um lado e uma pequena abertura que permitia a passagem deles para se acomodarem nos colchões e papelões. Apesar da boa estrutura que eles haviam encontrado o tempo chuvoso que caracterizou o verão deste ano e a presença de folhagens ao redor, fazia com que o lugar estivesse úmido e fétido, com odor de urina. Sentei-me ao lado deles e ficamos conversando, com um grande distanciamento e talvez um receio recíproco, sofri novamente com as poucas palavras, respostas

curtas para minhas intervenções. Passei cerca de uma hora com eles, o fluxo era intenso, de saídas e retornos para os manguaios, venda de materiais reciclados que haviam acumulado e compra de “pinga” e uso crack.

As vivências da rua estão intimamente relacionado com o consumo constante de drogas lícitas e ilícitas, sendo que, devido a algumas narrativas que tive contato durante a pesquisa, passei a colocar em cheque a droga apenas como motivação para a ida para a rua, mas passei a entendê-la também como uma condição para a manutenção da vida na rua, na atenuação da condição que se vive, assim como no auxílio para determinados comportamentos, como minimizar a vergonha para manguear, manter-se acordado devido aos riscos de violência durante a noite e mesmo conseguir dormir na rua (LANGA, 2012; VARANDA; ADORNO, 2004).

No decorrer de nossa conversa, de repostas curtas, um dos temas agradou o grupo que falou de forma mais alongada sobre como conseguiram conquistar aquele local. Fazia cerca de duas semanas que eles estavam ali, na verdade dois deles estavam a duas semanas. Quando chegaram ali, tinham outros moradores no local, que com certa resistência permitiram que eles compartilhassem o espaço usando os bancos dos arredores e nos dias de chuva adentrando ao local coberto. Entretanto com o passar dos dias a relação entre os moradores foi ficando conflituosa e num determinado dia “a coisa ficou feia”, eles discutiram e “caíram na porrada”. Um dos protagonistas da história se gabava do feito dizendo: “Quebrei eles na porrada, já sabia que ia acontecer, porra! Tava preparado, tinha pegado uma barra de ferro que tava embaixo do meu papelão. . . e nem precisei dela! Botamo eles pra correr ficamos até com os colchões deles. Foi feia a briga. . . Na rua é assim cara tem que botar respeito! Eles tão ai na rua ainda, mas não aparece mais aqui!”

Durante a pesquisa pude perceber que há uma negociação dura na manutenção e conquista dos espaços, sendo que a rua se constitui como um grande “pedaço” em que há um reconhecimento de quem é ou não morador de rua, garantindo certo respeito entre eles. Todavia, existem códigos que geralmente estão vinculados à virilidade, ao tempo em que a pessoa esta na rua e suas capacidades de se manter nela acessando alimento, drogas, vestimentas, parceiros e espaços para habitar. Isso vai garantindo um status ao morador de rua que passa ser respeitado pelos outros e conhecido no cenário das ruas (LANGA, 2012).

No que tange as relações de gênero, a possibilidade de desenvol-

ver suas ações pautadas nessas regras são predominantemente garantidas às identidades e performances masculinas, sendo que essa identidade não é exclusiva dos homens moradores de rua, pois algumas mulheres heterossexuais e homossexuais, na sua construção identitária apresentam performances que lhes permitem ocupar este espaço de disputa, todavia para isso incorporam características andrógenas em suas performances (BENTO, 2015). Nesse jogo de poder entre os moradores de rua há uma hierarquia, que um deles descreveu com sendo “poder de hierarquia e de psicopatia”. Na rua, a liderança dos grupos e dos “pedaços” se dá pela imposição e demonstração de força e ousadia, que é provada nos seus extremos da luta corporal e da intimidação verbal do outro. Essa forma de relação pode ser percebida na linguagem que é carregada de gírias e palavrões sendo as conversas, mesmo que descontraída, com algumas exceções, dotadas de um tom de intimidação e agressividade.

Retomando as andanças do primeiro dia, após o relato da conquista do espaço, a conversa findou, eles tinham outras atividades a fazer e percebi que minha presença estava atrapalhando, era a hora de sair. Desci a praça em direção a Rua Felipe Schmidt, feliz pela breve conversa, contudo ainda era dia claro, apesar de se aproximar das 19hs, então decidi caminhar mais um pouco pelas ruas do Centro.

Ao chegar na região dos calçadões da cidade de Florianópolis, local de intenso comércio da capital, deparei-me com um cenário atípico. Após o fechamento das lojas o local fica deserto, muito diferente do restante do dia quando há intensa circulação de pessoas, e neste horário, antes da chegada dos caminhões que recolhem o lixo da cidade há uma grande quantidade de moradores de rua que fazem o trabalho de reciclagem. Juntam principalmente papelão e plásticos das embalagens usadas pelos lojistas, para vender em locais que fazem a reciclagem do produto e ganhar algum dinheiro. Tentei abordar alguns deles para conversar, mas foram poucos que puderam me dar atenção, a maioria deles após uma breve troca de palavras, diziam que não poderiam conversar, pois estavam no principal horário de trabalho. Entre as abordagens fui instruído a ir até as ruas baixas do Centro em que ficam alguns moradores de rua cuidando de carros que poderiam conversar comigo.

O discurso acerca da população de rua, no imaginário social, parece repousar sobre ideias de vagabundagem, de pessoas que nada contribuem para a sociedade. Esse julgamento já tem um cunho moral que coloca o trabalho como uma condição de necessidade para a dignidade do ser humano que deseja viver em sociedade. Todavia, con-

siderando que grande parte dos moradores de rua tem alguma atividade profissional, com destaque para a reciclagem, é perceptível moralidade nesses julgamentos, e ainda mais, a construção social que legitima o que pode ser e como deve ser uma atividade para ser considerado um trabalho (BRASIL, 2008a).

Com a indicação fui até o local, ele fica na continuação das ruas Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino, onde elas deixam de ser calçada e recebem veículos, essa parte é conhecida pela presença constante de profissionais do sexo no período noturno. Cheguei à Rua Conselheiro Mafra, ainda no calçadão e fui em direção da parte sugerida pelos informantes, já era início da noite e o local estava vazio, circulei de um lado para outro e então encontrei uma pessoa sentada na porta de um estabelecimento, que já havia fechado, parecia cuidar dos carros que estavam a sua frente.

Imediatamente lhe cumprimentei e perguntei se poderíamos conversar. Sem entender muito acontecimento, ele autorizou, mas rapidamente me perguntou o que eu fazia ali. Apresentei-me e expliquei minhas motivações, conversamos, mas assim como os outros as respostas eram superficiais e breves, não permitindo um aprofundamento nos diálogos. Entre uma fala e outra ele se referiu as roupas que eu vestia naquele dia, segundo ele eram inapropriadas para frequentar a rua. Até tentei questionar o porquê da afirmação, mas ele desconversou e saiu para pedir um trocado a um senhor que retirava seu carro. Assim que voltou fomos abordados por uma senhora, que trabalha em um restaurante da região, ela ofereceu a ele uma sacola cheia de bananas que seriam descartadas. Ele agradeceu, pegou a sacola e imediatamente me ofereceu uma banana, disse que já tinha conseguido o suficiente para o dia e iria para o lugar em que passa a noite, o Largo da Alfândega. Eu estava com muita fome, então aceitei a oferta, fomos caminhando juntos até o Mercado Público onde ele seguiu reto e eu fui para o terminal pegar o ônibus das 10h15min.

Após este primeiro dia, apesar de conhecer alguns personagens das ruas e lugares de permanência, percebi que o desafio maior seria a inserção no campo, ganhar a confiança e poder acessar os “pedaços”, convivendo com essas pessoas podendo ter acesso aos sentidos que constroem sobre a rua e suas relações nela. Nesse sentido me amparei nas reflexões de Becker (1993) que sugere uma estada prolongada e contínua no campo, o uso de diversas técnicas e a invenção/criatividade metodológica adaptada ao campo em estudos com grupos considerados pela sociedade como desviantes.

Sendo assim, passei a frequentar quase diariamente as diversas

regiões do centro de Florianópolis no período vespertino e noturno, fui alguns dias pela manhã, mas percebi que não era um horário adequado, pois a maioria dos moradores ou estavam dormindo ou já tinham acordado e saído do local de descanso para o trabalho. Dessa forma, aos poucos fui construindo uma relação com a população de rua de alguns “pedaços” e sendo aceito entre eles. Alguns me chamavam pelo nome outros se referiam como o “o cara que está fazendo a pesquisa com a gente”. Entretanto nas fases mais avançadas do campo, principalmente em momentos de convivência prolongada, em espaços que tinham grande circulação de moradores de rua, fui constantemente tratado como um colega de rua desconhecido. Alguns me questionaram se era uruguaio, até hoje não entendo o porquê!

Essa inserção, além da frequência nos espaços, se deu por uma transformação diária do pesquisador, adaptando o linguajar, os gestos e principalmente o vestir que no passar dos dias percebi que deveria estar de acordo com a situação. Passei a trajar geralmente uma camiseta branca, sem estampa, uma calça bege, desbotada pelo tempo e um tênis surrado ou minhas havaianas azuis. Buscava repetir essas roupas e as lavei pouco durante este período, também não utilizava creme e perfume, pois durante a pesquisa percebi que esses registros sociais, como cheiro do perfume e creme, me afastavam dos habitantes das ruas com seu cheiro forte, assim como Langa (2012) verificou em sua etnografia nas ruas. Além disso, levava comigo uma mochila com lapiseira, caderno de anotações, gravador, pilhas extras, uma garrafa de água, o dinheiro para a passagem de volta pra casa e o celular. Evitava andar com objetos que não fossem comuns naquele espaço e privilegiava os diálogos com os moradores de rua, a anotações e registros muitas vezes fiz na volta pra casa.

Assim, durante os dois meses em que desenvolvi o campo fui conhecendo e sendo reconhecido nos diversos espaços da rua de Florianópolis, são lugares inusitados que, como coloquei na seção anterior, não são óbvios para quem não mora na rua. Dessa forma, para expor os diferentes espaços que identifiquei e fui apresentado na região central de Florianópolis, desenvolvi a tabela abaixo com os locais.

Devido ao elevado número de locais identificados, conforme exposto na Tabela 1, optei por frequentar quatro “pedaços” em que tive uma maior abertura, criação de vínculo, devido a presença de moradores “fixos” e que apresentaram questões marcantes sobre as relações de gênero no contexto da rua, interesse central para esta pesquisa. Os cenários, em que foram realizadas as entrevistas, observações e vivências de forma mais constante para a construção do presente estudo



Figura 1 – Pertences usados constantemente durante a pesquisa de campo

foram a Praça XV de Novembro, o Largo da Alfândega, a Marquise do Xande, as Marquises Previdência Social. Os albergues da cidade, o Centro POP e a UBS da Prainha, referencia para a população de rua, não foram incorporados como cenários da pesquisa, devido a opção de não articulação com as instituições públicas que prestam serviços aos moradores de rua, embora as percepções sobre estes espaços tenha sido tratadas nas conversas, observações e entrevistas com os moradores de rua.

Foi principalmente na vivência cotidiana nestes quatro espaços, os quais frequentei com intensidade durante os dois meses e, de forma menos constante, ainda frequento, que pude (re)construir os roteiros e formato das entrevistas para que dialogassem com o *habitus* das ruas (LANGA, 2012).

A Praça XV de Novembro, é um espaço famoso da ilha de Santa Catarina, é nela que está a grande figueira que inspirou o poeta Cláudio de Alvin Barbosa, o Zininho na canção “Rancho de amor a ilha”. Entretanto naquele tempo ele ressaltou apenas as belezas que ela abrigava, talvez não tenha notado, pela ausência ou invisibilidade, os moradores de rua nela presente. Nesse local, segundo as narrativas históricas, em 1662, Francisco Dias Velho fundou a Vila de Nossa Senhora do Desterro e a partir desse local central a cidade foi se desenvolvendo (FLORIANÓPOLIS, 2016). A praça está em um local de grande circulação pessoa, em frente à igreja matriz, na antiga parte central da cidade, circundada

Nome do local	Endereço
Elevado Rita Maria	Avenida Osvaldo Rodrigues Cabral, em frente ao terminal Rita Maria.
Largo da Alfândega	Avenida Paulo Fontes, ao lado do Mercado Público.
Marquise da Providência Social	Entre as ruas Aciprestes Paiva e Padre Miguelito, atrás da catedral.
Marquise do Itaú Praça XV	Rua Aciprestes Paiva, em frente ao Banco Itaú.
Marquise do Santander	Rua Tenente Silveira, em frente ao Banco Santander.
Marquise do Xande	Rua Deodoro, em frente às Supermercados Xande.
Parque da Luz	Altos da Rua Felipe Schmidt, próximo a Beira Mar Norte.
Praça das Americanas	Rua Felipe Schmidt, ao lado das Lojas Americanas.
Praça XV de Novembro	Em frente à catedral.
Entrada do túnel	Rodovia Governador Gustavo Richard, sob o acesso ao túnel Antonieta de Barros.
Ruas Baixas do Centro	Rua Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino.
Clube de Remo	As margens da Baía Sul, próximo à ponte Colombo Salles e Pedro Ivo.
Pontes Colombo Salles e Pedro Ivo	-
Gramados do aterro da Baía Sul	Rodovia Governador Gustavo Richard, em frente à Passarela do Nego Quirido.
Praça Tancredo Neves	Entre as ruas Dr. Álvaro Milen da Silveira e José da Costa Moellman.

Tabela 1 – Locais de permanência dos moradores de rua identificados no centro de Florianópolis/SC.

por diversos prédios que no passado foram espaços administrativos do município e estado.

Como espaço de uso da população de rua de Florianópolis, ela possui as seguintes características: dormitório, apesar retirada forçada dos moradores de rua no final de 2015, no passar dos primeiros meses do ano foi possível perceber uma reapropriação do espaço, todavia ela é um espaço de estada diurna e em dias que não há chuva, pois não possui lugares cobertos e com paredes que possam oferecer proteção física aos moradores; obtenção de rendimentos, devido ao grande fluxo de pessoas durante o dia na praça que possibilita a venda de produtos artesanais, manguieiro e venda de drogas entre os moradores de rua e para não moradores de rua, entretanto, devido ao preço que se eleva na praça, os moradores de rua preferem buscar diretamente nos morros situados ao lado da Avenida Mauro Ramos; obtenção de alimentos e água, além de conseguirem alimentos por meio do manguieiro, há grupos que no período noturno oferecem alimentos e bebidas para a população de rua. Ficam geralmente fixos no final da praça, em direção a



Figura 2 – Imagens da Praça XV de Novembro

Baía Sul, todavia existem grupos beneficentes que passam com carros por alguns dos pontos listados na Tabela 1 distribuindo alimentos e bebidas. Além disso, a proximidade aos locais que vendem alimentos facilita a compra de comida e bebida com rendimentos próprios. Neste espaço existem torneiras com água, que é utilizada para consumo e também para higiene pessoal e lavagem dos pertences, principalmente

pelos que não acessam o Centro POP; local para guardar pertences, por ser um espaço extremamente arborizado é usado como guarda volumes dos moradores de rua. Escondem na copa das árvores drogas, armas brancas, roupas extras, pequenos colchões, cobertores entre outras coisas. Muitas vezes eles não lembram onde guardaram seus pertences, ou na busca acabam encontrando e pegando pertences de outros. A praça é um espaço eclético, frequentado durante o dia e a noite por homens heterossexuais, que praticam sexo com outros homens e homossexuais. Também frequentam o local, mulheres heterossexuais com performances masculinizadas e outras com performances feminizadas com exacerbada sensualidade.

Apesar de utilizar na construção teórica deste trabalho e perceber a autoidentificação dos moradores de rua a partir das denominações de orientação sexual (heterossexual, bissexual, homossexual, pansexual, assexual) e identidade/expressão de gênero (lésbica, gay, travesti, transexual, homem, mulher, bissexual), percebi no contexto da rua uma construção de identidades singular, quando comparada com o que é construído para e por pessoas que não moram nas ruas, sendo assim para evitar uma postura colonizadora, peço que ao lerem estas categorias busquem desconstruir estereótipos e pensá-las em consonância com todo o contexto da rua apresentado neste estudo (BUTLER, 2003).

Percebo a necessidade de investigação mais aprofundada sobre como se constroem as identidades de gênero na rua, todavia este trabalho, apesar de mostrar alguns caminhos, não dá conta de acessar e descrever tais peculiaridades. Sendo que desejo investigar estas especificidades em minha pesquisa de doutorado, principalmente pelas demandas advindas desta pesquisa e dos diálogos realizados no I Encontro LGBT e de Mulheres da População em Situação de Rua, que aconteceu em Natal, Rio Grande do Norte, e que tive a oportunidade de estar/participar.

O Largo da Alfândega, também é um espaço famoso e histórico de Florianópolis, situado ao lado do Mercado Público do município, importante local de comércio e turismo. Possui prédios históricos em sua estrutura, uma praça com diversos bancos, palco e chafariz na parte frontal. Por ser a entrada para a parte alta da cidade, tem grande fluxo de pessoas que saem do Terminal Integrado do Centro, o TICEN, e vão realizar suas atividades diárias no centro da cidade. Além disso, é um espaço que recebe diversos eventos artísticos culturais durante o ano.

No que tange a construção desse espaço pela população de rua, ele possui as seguintes características: dormitório, ele possui em uma de suas laterais, a que faz fronteira com a Praça XV de Novembro,



Figura 3 – Imagens da Marquise do Largo da Alfândega

uma estrutura com lojas e um posto da polícia militar com pequenas marquises que garante a proteção física contra intempéries; obtenção de rendimentos, devido ao grande fluxo de pessoas durante o dia e a proximidade ao Mercado Público, que concentra muitos turistas, possibilita a venda de produtos, principalmente doces e o manguieio; obtenção de alimentos e água, além de conseguirem alimentos por meio do manguieio, é local de passagem de grupos beneficentes que distribuindo alimentos e bebidas. Além disso, a proximidade aos locais que vendem alimentos facilita a compra de comida e bebida com rendimentos próprios. Neste espaço existe uma torneira, ao lado do posto da polícia do Largo, que é

utilizada para consumo, higiene pessoal e lavagem dos pertences, principalmente pelos que não acessam o Centro POP; local para guardar pertences, onde dormem existe uma estrutura com plantas trepadeiras, sobre estas estruturas eles guardam roupas extras, pequenos colchões, cobertores entre outras coisas. Além disso, alguns bancos deste espaço são apropriados pelos moradores de rua, sendo que os outros frequentadores assíduos do local evitam sentar nestes lugares, servindo como base para guardar seus pertences pessoais e deixar a mochila; locais para transar, devido à proteção física do espaço com a presença de paredes, há possibilidade de construção de locais para fazer sexo. São, geralmente, construídos com caixas de papelão, formando uma cobertura impenetrável aos olhares de quem passa. Assim como nas partes inferiores de pontes e viadutos, essas estruturas possibilitam a prática de sexo por moradores de rua; lazer, neste espaço, principalmente na proximidade do carnaval, mas não exclusivamente muitos moradores de rua se concentram ao redor do chafariz durante a tarde, colocam música alta em equipamentos próprios e cantam, dançam, namoram e bebem cachaça. Nesse local, o uso de drogas ilícitas é menos perceptível, apesar de acontecer, todavia muitos usam em lugares menos visíveis e depois seguem para o chafariz.

O Largo da Alfândega também é um espaço eclético, todavia segmentado em sua ocupação. Na parte próxima ao Mercado Público, na sombra das árvores há concentração de mulheres heterossexuais idosas, que vendem balas de goma e pedem dinheiro. Nos bancos, neste mesmo lado ficam homens heterossexuais idosos e com problemas de saúde graves, principalmente considerando sua estada na rua, como deficiência visual e física. O centro do Largo, na região do chafariz é frequentado por moradores de rua jovens, que geralmente fazem suas festas naquele lugar. No outro lado, há o espaço de dormitório, em que se misturam homens, mulheres e alguns casais heterossexuais, sendo composta com moradores de rua jovens e idosos.

Diferente do encontrado por Langa (2012) em estudo realizado na Praça de Gentilândia, em Fortaleza, que havia integração dos moradores de rua nas festas do local, percebi em observações cotidianas, conversas e na imersão durante o carnaval de 2016 que não há participação de grande parte da população de rua nos espaços e festas das regiões centrais de Florianópolis, apesar de alguns participarem assiduamente destes espaços de entretenimento, a maioria dos moradores de rua vê nestes eventos a oportunidade de trabalho, juntando latas e cuidando de carros. Além disso, ao realizar observação e conversas durante o Bloco dos Sujos - festa em que tradicionalmente as pessoas

utilizam fantasias em oposição ao seu sexo/identidade gênero, principalmente homens que se identificam como heterossexuais, performam seus corpos com atributos socialmente construídos como femininos - não identifiquei moradores de rua alterando sua performance para participar do evento, ao contrário os encontrei com seus trajes do cotidiano recolhendo latas e armazenando, principalmente, na Marquise da Previdência, nunca havia visto tanta lata em um só lugar.

A Marquise da Previdência Social situa-se no prédio da Previdência Social atrás da igreja matriz do município, mais conhecida como catedral. Possui duas marquises, sustentadas por imensas colunas arredondadas, uma as margens da Rua Aciprestes Paiva e outra virada para a Rua Padre Miguelito, que é um calçadão, ao lado do Ministério da Saúde. Essa divisão influencia diretamente na forma de estada no local e nas características deles, apesar de terem estrutura física semelhante. Ambos os lados são muito movimentados durante a noite e madrugada, pois fazem a ligação entre as partes altas e as partes baixas da cidade, além de ser passagem para os locais em que compram drogas. Em uma noite que passei com eles, além das pessoas fixas naquele local para dormir, pude contar mais de 20 moradores de rua que deram “uma passada por ali”. Isso faz com que o local seja um espaço violento, assim como os demais espaços da rua, todavia por ser um bom dormitório muitas vezes é procurado por novatos que, dependendo da forma que chegam são convidados a se retirar, expulsos e até espancados para que saiam.

O lado voltado para a Rua Aciprestes Paiva apresenta como características principais: dormitório, geralmente é frequentado no período noturno, ou durante o dia quando está chovendo. Possui grandes espaços entre as paredes e as janelas que permitem a acomodação de pessoas, além disso, por tem uma marquise grande, possibilita a disposição de colchões no chão, acomodando cerca de 10 pessoas; obtenção de rendimentos, devido ao grande fluxo de pessoas e a proximidade da rua é possível cuidar dos carros estacionados, vender produtos na rua e sinaleira, e manguear; obtenção de alimentos e água, além de conseguirem alimentos por meio do mangueio, é local de passagem de pessoas e grupos beneficentes, principalmente no período noturno, distribuindo alimentos e bebidas. Além disso, a proximidade aos locais que vendem alimentos facilita a compra de comida e bebida com rendimentos próprios. Próximo a este local, cerca de 600 metros, há uma torneira com água, ao lado do posto da polícia da praça da catedral, que é utilizada para consumo e também para higiene pessoal e lavagem dos pertences, principalmente pelos que não acessam o Centro POP; local para guardar pertences, sob os locais em que dormem existem alguns vãos

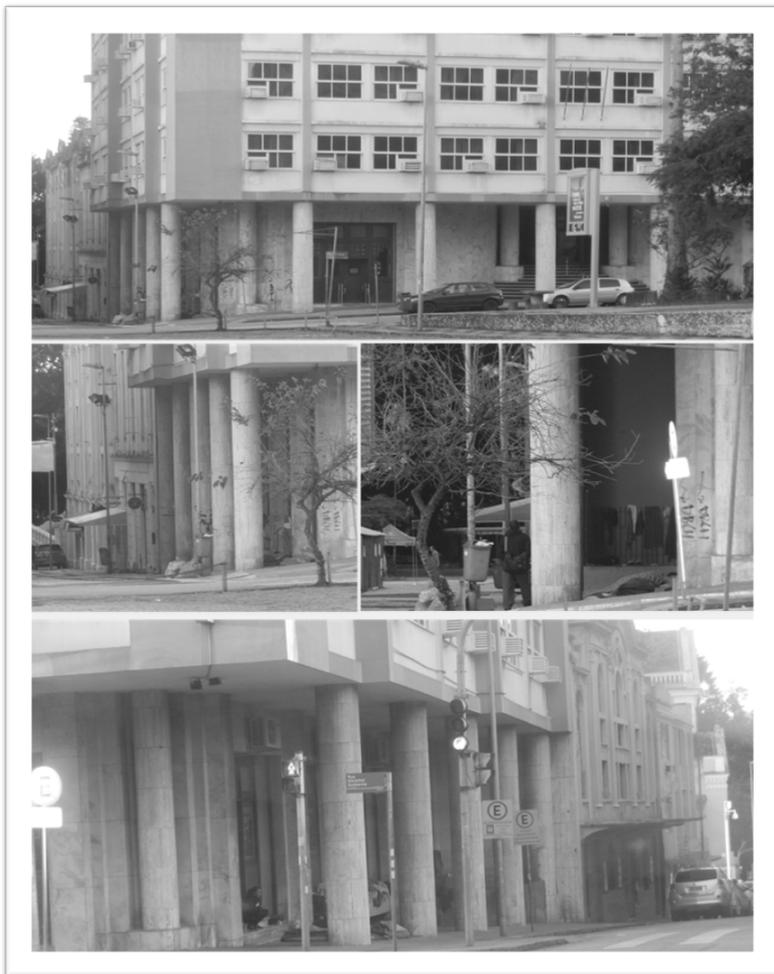


Figura 4 – Imagens das Marquises da Previdência Social

em que conseguem guardar pertences roupas extras, pequenos colchões, cobertores entre outras coisas. Além disso, neste espaço existe uma espécie de canil, em que os cachorros ficam presos, com corrente ou fio de luz, e recebem alimentos e água. Todos os animais tem dono, e apenas esse tem o dever de cuidar e alimentar o animal, sendo cobrando pelos outros caso não o faça; local para transar, apesar de existir a possibilidade de construção de cabanas para fazer sexo, nesse espaço, devido

ao grande fluxo de moradores de rua durante a noite e madrugada, não tiveram relatos nem presenciei essa atividade. Entretanto, no final da madrugada, quando o grupo dorme, pude presenciar sexo nos colchões sob os cobertores, entre casais formados por homem e mulher heterossexuais e mulheres, que se identificam como heterossexuais; lazer, principalmente durante a noite e madrugada, todavia durante a tarde em muitos dias já esta presente o som dos aparelhos eletrônicos e o uso de drogas lícitas e ilícitas, principalmente cocaína e crack, dá o ritmo das atividades deles.

A parte voltada para a Rua Padre Miguelito, possibilita o cuidar de carros apenas no período noturno, quando há eventos no Teatro Alvares de Carvalho e o calçadão vira estacionamento. Além disso, difere-se da outra face por ser mais escondida e não possuir grande fluxo, permitindo a maior fixação dos moradores de rua no local. Além disso, neste espaço presenciei a produção de Crack pelos moradores de rua. Eles aqueciam água com bicarbonato de sódio e adicionavam cocaína, retirando as partes sólidas no final do processo, pequenas pedras. Tudo era dividido de forma igual, “no olho”, entre os que auxiliaram na compra da matéria prima. Alguns comercializavam suas pedras, mas no geral usavam para consumo próprio. O local também é eclético, frequentado por homens heterossexuais, que fazem sexo com outros homens e homossexuais, mulheres heterossexuais e homossexuais.

As narrativas que distinguem o espaço público e o privado é uma discussão latente neste cenário, visto que a configuração dos espaços públicos são organizados para receber as pessoas por um determinado tempo, ou seja, são locais de passagem, de lazer, de comércio e serviços, por outro lado o ambiente privado é construído para guardar a intimidade, seja no âmbito doméstico ou do trabalho. Dessa forma, eles não são neutros, mas sim significados em termos sociais e culturais (LORENZI et al., 2014). Vistos que a população de rua habita um espaço que, socialmente é pensando como público, há nessa vivência uma necessidade de construir sentidos diferentes para este cenário que faz com que a inteligibilidade dele seja a partir das vivências do *habitus* da rua (LANGA, 2012).

Coloco essas questões com o intuito de redirecionar o olhar, que vejo muito focado no discurso higienista usado para significar o espaço público, sendo que há o uso de estratégias “anti morador de rua” em estabelecimentos públicos e privados como forma de “resolver” o problema da população de rua. Essa postura reforça o silenciamento dos processos sociais complexos que convidam essas pessoas a compor e estar em determinados espaços da sociedade e contribuem para as nar-

rativas que compõe e constroem os discursos e sentidos dessas pessoas, dentro de um cenário de exclusão social.

Voltando aos locais, o último que descreverei é a Marquise do Xande. Ela possui este nome, pois fica em frente ao Supermercado Xande da Rua Deodoro, assim como a Marquise da Previdência Social fica em um prédio público com arquitetura semelhante, grandes colunas arredondadas, maiores que do anterior, todavia neste espaço não há espaços entre paredes e janelas. Sendo assim, o único local que se pode sentar ou deitar é o chão sob a marquise.

O espaço é construído pela população de rua como: dormitório, principal característica do local, visto que durante o dia é espaço de vendedores ambulantes e circulação de pessoas, tem um horário de chegada e saída. Geralmente, após as 18hs começam a chegar os primeiros. Esse espaço é habitado por muitas pessoas que trabalham em locais fixos, todavia não possuem rendimento suficiente para alugar espaço para morar. Dessa forma, usam, quando o horário é compatível com o do trabalho, o Centro POP para higiene pessoal ou contam com a solidariedade de conhecidos para manter sua higiene pessoal, dormem neste espaço e pela manhã acordam e seguem para o trabalho. Sendo assim, o local começa a ficar vazio logo nas primeiras horas do dia; obtenção de rendimentos, pois há comércio de produtos entre os moradores de rua, alguns compram produtos como cigarros e cachaça em maior quantidade e vendem durante a noite, quando os estabelecimentos estão fechados; obtenção de alimentos e água, o local é passagem de grupos beneficentes que distribuindo alimentos e bebidas. Além disso, a proximidade de locais que vendem alimentos facilita a compra de comida e bebida com rendimentos próprios; locais para transar, devido à proteção física do espaço com a presença de paredes, há possibilidade de construção de locais para fazer sexo; Nesse local, o uso de drogas ilícitas é menos perceptível, apesar de existir, todavia o consumo de bebidas alcoólicas e cigarro são constantes.

Corroborando com as pistas de Escorel (1999), percebi que os locais em que os moradores de rua frequentam associam a possibilidade de obter abrigo e a manutenção das necessidades básicas (rendimentos, abrigo das intempéries, segurança, dormir, comer e acesso a água), todavia identifiquei outros elementos importante na valoração dos espaços. Os lugares que associam, além dos elementos citados anteriormente, espaços para obter drogas, guardar pertences, lazer e transar são valorados positivamente, sendo disputado pelos moradores de rua. Entretanto, é importante ressaltar que o que chamo de entorno muitas vezes representa até quilômetros, sendo que o deslocamento é realizado



Figura 5 – Imagens da Marquise do Xande

sempre, com raras exceções<sup>6</sup>, a pé. Ressalto que a proximidade de serviços de saúde e instituições de apoio não foi percebida nas vivências e discursos como uma característica importante, embora tenha presenciado muitos moradores de rua convivendo com necessidades agudas de atenção dos serviços de saúde.

Uma característica em comum entre os “pedaços” é a dificuldade para defecar, urinar e no caso das mulheres realizar a higiene íntima no período menstrual. Os locais possíveis são os albergues, Centro POP, banheiros do terminal, de instituições públicas e privadas. Todos

---

<sup>6</sup>Durante a pesquisa de campo um dos moradores de rua passou no local em que eu estava montado em uma bicicleta, foi a única vez que vim um morador de rua se deslocando com um meio de transporte que não fosse suas próprias pernas.

os locais apresentam limitações no sentido do acesso, os dois primeiros por receberem número limitado de pessoas e os três últimos por terem a presença de terceiros que quase sempre impedem o uso dos locais pelos moradores de rua. Principalmente os que estão com a higiene pessoal comprometida e transparecem as características marcantes de morador de rua. Além dessas barreiras a distância e o horário de funcionamento as vezes é limitador em certos casos, fazendo com que sejam utilizados os espaços públicos para defecar e urinar, assim como para a troca de absorvente, quando se tem um disponível.

Além disso, apesar de não haver uma regra explícita ou verbalizada, percebi que o gênero e suas diversas expressões estão marcados e demarcados nos espaços físicos da cidade. Sendo que os melhores lugares geralmente são ocupados pelos moradores de rua que constroem sua performance a partir de uma certa masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT; FERNANDES, 2013), que conforme pontuei anteriormente, não é exclusiva a corpos dotados de pênis, mas pode ser ocupado por corpos dotados de vaginas. Nos “pedaços” é possível perceber essas pessoas, que se impõe em determinados momentos e tem o silêncio dos demais, todavia há tensões nas relações de poder e disputas constantes pela ocupação e comando dos espaços. Não são raras as discussões, geralmente em voz alta, lutas corporais intensas e mortes nessas interações o que se apresenta enquanto uma explicitação das relações de poder no contexto da rua (FOUCAULT, 1979).

No próximo item, conto a trajetória da construção do campo sob a ótica relacional das vivências e diálogos com os alguns moradores de rua. Assim, como ressaltai em outras partes do trabalho essas partes (locais, vivências e diálogos) se entrelaçam e acontecem de forma dinâmica e não linear no decorrer da imersão nas ruas, todavia busquei organiza-los para auxiliar na compreensão dos caminhos percorridos, experiências e percepções.

## 9.2 AS VIVÊNCIAS E DIÁLOGOS: OS PRIMEIROS CONTATOS, AS TENTATIVAS, A ENTRADA NO CAMPO, O CONVITE E AS 24HS

### **Perto-Distante<sup>6</sup>**

bato e rebate  
 pés limpos nos sapatos  
 não acho, nem me acho  
 embaixo?  
 perto-distante e louco  
 aparente  
 sorrisos com e sem dentes  
 Distante!  
 perto o bastante para tocar o  
 errante  
 longe demais, dialogar não era  
 capaz  
 pés limpos nos sapatos  
 pés sujos e descalços  
 não há diálogo?  
 há  
 conversa curta  
 enxuta  
 as vezes bruta  
 perto-distante  
 É preciso ser constante!

---

(Dalvan de Campos, 2016)

As interações com os moradores de rua iniciaram antes da ida para o campo, pois encontrei muita resistência quando resolvi desenvolver esta pesquisa com esta população. Ela não foi uma resistência somente minha, que também existiu, mas principalmente das pessoas que me cercavam, era interpelado constantemente com discurso, quase sempre negativos, acerca dessa população. Vinha-me por meio de mur-

---

<sup>6</sup>Conforme explicitarei na seção anterior, no início das andanças pelos lugares frequentados pelos moradores de rua encontrei muita resistência, que denomino de portas fechadas, para conseguir dialogar e conviver com as pessoas que compõem esta população. Para não ser redundante e traçar toda uma trajetória a partir dos diálogos que, sob a ótica dos lugares já apresentei, exponho esta poesia feita por mim na volta pra casa após o segundo dia de ida ao campo, dia 07 de janeiro de 2016. Ela aborda, e sintetiza, meu contato inicial com os interlocutores, a reflexão que realizei a partir deste distanciamento e um caminho que percebi naquele momento para superar a situação vivenciada e que teve sucesso na sua execução.

murinhos ou em frases bem declaradas falar sobre os perigos que ali existiam, a maioria sem nunca ter experienciado uma relação com estas pessoas. O resumo das coisas que ouvi podem se resumir da seguinte forma: “A rua e os mendigos são perigosos Dalvan, você não pode fazer isso! Tome muito cuidado, pois não queremos que nada de ruim lhe aconteça”.

No primeiro momento, por meio de minha pontual experiência pregressa com os moradores de rua me esquivava de todo e qualquer comentário, algumas vezes apenas ignorava e concordava com as posições para evitar um alongamento das conversas e uma exacerbação do preconceito com relação à população de rua. Entretanto as pessoas eram quase sempre irredutíveis, agora veja, é incrível a potência dos discursos construídos socialmente quando se cristalizam em “verdades absolutas”, neste caso principalmente pela sociedade do risco em que estamos imersos (BECK, 2010). Assim, além de meu contato progresso com moradores de rua e as leituras sobre esta população tive que lidar com esses discursos durante a construção de todo meu trabalho, principalmente o de campo.

A partir dos primeiros contatos, percebi que não seria uma tarefa fácil ser reconhecido no contexto da rua. Logo passei a frequentar os diversos espaços de rua do município com certa constância, com a intencionalidade de “abrir o campo”. Buscava também nas conversas com o meu orientador, colegas do mestrado e doutorado, leituras de outros trabalhos caminhos para este acesso. As leituras de Spink (2014), Becker (1993), Geertz (1989) me auxiliaram nesta tarefa, além de outros trabalhos relacionados diretamente a população de rua (LANGA, 2012; VARANDA; ADORNO, 2004; ABREU, 2013; BRASIL, 2008a; COSTA, 2003; ENDRIGUE, 2002, 2002).

Neste sentido, a opção realizar uma imersão a partir desconhecimento absoluto entre pesquisador e moradores de rua trouxe como principal entrave a dificuldade de criar uma relação inicial, que foi superada principalmente pela constância do pesquisador, nos diferentes espaços e buscando sempre o diálogo com os moradores de rua. Isso porque, não havia sido autorizado formalmente por ninguém que represente os moradores de rua, mesmo porque no caso deles essa autorização me daria acesso à determinada população de rua, e não buscava isso.

Perseverar dessa forma, fez com que aos poucos, mesmo sem eu saber, eles falassem sobre mim entre eles. Pude perceber isso, quando, ao abordar alguns moradores de rua, me era feita perguntas como: “Tu que queres fazer a pesquisa com morador de rua?” e “Ahh... me contaram que tem um guri fazendo pesquisa com a gente. É tu?” Todavia,

isso não garantia a identificação e possibilidade de diálogo com eles. Sendo que muitos tentaram me manguear durante essa fase inicial e alguns eram agressivos dizendo frases do tipo: “Vai tomar no cú! Assistente Social do caralho, vem aqui querer tirar a gente da rua! Caralho, sai daqui!”. Apesar do medo das reações, explicava os motivos de estar ali, dizendo não queria fazer nada que fosse contra a vontade deles e me retirava dos espaços que percebia um maior tensionamento. Aprendi que gritar, muitas vezes, é a forma de se relacionar com o outro na rua quando se sente intimidado.

Essas experiências foram me construindo enquanto pesquisador neste contexto, um processo relacional constante que me possibilitou, a partir da metade do primeiro mês, estar integrado com alguns moradores de rua, possibilitando o desenvolvimento das entrevistas e vivências mais aprofundadas. Entretanto, há um acontecimento, que narro como o divisor de águas da minha inserção no campo, ou seja, considero que minha entrada no campo tenha se dado a partir dessa relação. Uma relação em que as posses dos moradores de rua eram infinitamente maiores que as minhas, e certamente maiores que a sua, caso nunca tenha morado na rua. Para lhes contar este processo, construí uma narrativa discutida que exponho na sequência, utilizando codinomes, pactuados com os interlocutores, que se referente à cidade/país de nascimento ou de moradia anterior.

Cheguei ao centro, vindo da Universidade Federal de Santa Catarina, às 14h, horário atípico, pois geralmente ia a partir das 16h. No caminho do centro, dentro do UFSC Semi-direto, ia pensando em qual seria minha trajetória naquele dia. Afinal o dia anterior havia me dado algumas pistas que poderiam me abrir o campo e já se passavam dez dias de idas ao campo e ainda não havia encontrado o acesso. Estava mais de uma semana conversando com diversos moradores de rua, mas não havia ganhado a confiança deles. Eles me tratavam bem, mas tinham sempre respostas curtas para minhas longas perguntas o que criava um silêncio ensurdecedor. E por mais que eu buscasse o diálogo, o retorno era quase sempre assim, singelo. Decidi então passar pelas ruas baixas do centro neste dia, com o intuito de encontrar outros moradores de rua para conversar. Caminhei por toda Rua Felipe Schmidt, no sentido da Avenida Beira Mar, e voltei pela Rua Conselheiro Mafra, sem sucesso. Parecia que os moradores de rua, que no dia anterior brotavam de todos os cantos haviam se escondido. Realmente eu estava em um horário não propício para aqueles locais, era 14h30min, então decidi ir para outras regiões.

A decisão imediata foi a Praça das Americanas. Afinal, um in-

formante que havia conversado nos dias anteriores, disse-me que dormia naquele local. Percebi que havia chegado no lugar certo, em cada banco que eu olhava via pelo menos um morador de rua. Todavia a grande maioria deles estava dormindo, ou pelo menos deitado a descansar, inclusive aqueles conhecidos nos primeiros dias, devido a isso não abordei ninguém.

Ainda na praça, caminhando, antes de passar uma ponte de metal barulhenta, que acessa um estacionamento subterrâneo, percebi uma senhora sentada no chão, com um curativo no calcanhar esquerdo. Ao seu lado esquerdo uma caixa de balas de goma, produto vendido por muitos moradores de rua em Florianópolis, e ao lado da caixa uma menina, que não trazia em sua aparência os discursos de moradora de rua, conversando com ela. Pensei em parar e conversar, entretanto achei que não seria o momento certo. Segui, e ela me olhou, com um olhar triste e me perguntou se eu queria comprar uma balinha, respondi que não e agradei a oferta. Meti meus pés a passar naquela ponte barulhenta. Subi as escadas que dão acesso a Rua Tenente Silveira, virei-me rapidamente e parei por alguns minutos olhando a paisagem da praça. Do alto da escadaria era possível avistar, sem esforços, os locais em que eles estavam deitados, e mesmo tendo estudado ali por 9 anos, só havia percebido a existência deles a partir do momento em que “optei” enxergá-los. E, além disso, eu precisava deles para produzir este trabalho.

Virei-me e segui a caminhada em direção ao Centro, os trabalhos estavam apenas começando. Antes de cruzar a Esteves Junior, lembrei-me que necessitava passar nos correios para enviar uma correspondência e que estava passando próximo a uma agência dos correios. Parei e enviei aquela carta. E qual a relevância de incluir esta passagem neste espaço? Essa pergunta eu me faço para responder aos que pensarem da mesma forma. Lembre-se de algum episódio em sua vida, em que aconteceu algo muito ruim. Por exemplo, um acidente de trânsito. Este acidente acontece por vários motivos, desde imprudências até problemas no carro que você dirige. Todavia o principal motivo para que aconteça um acidente é o encontro momentâneo de, no mínimo, duas pessoas em dois veículos. Este encontro só será possível, pois você fez ou deixou de fazer coisas que somaram ou subtraíram tempo formando uma equação exata que levou aquele encontro, daquelas duas pessoas com seus dois carros. Qualquer coisa que um dos dois tivesse feito antes daquele momento, um abraço mais apertado e longo no companheiro, uma parada para comprar comida para um morador de rua, uma topada que lhe faria parar por algum tempo evitaria aquele encontro.

Todavia, no caso de acontecer um encontro (acidente), tudo que você fez antes somou ou subtraíu para que aquilo acontecesse. Assim, torna-se relevante incluir minha passada no correios, pois ela mudou todos os meus encontros da tarde naqueles 5 minutos que ali estive.

Sai do correio, que estava com uma temperatura ótima comparada com os 40°C da rua, olhei pra cima e vi a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, local que costumava frequentar na época da escola e que foi meu escritório em alguns dias pesquisa de campo. Nela a temperatura é geralmente muito boa. Pensei em parar por um tempo ali e ir mais ao final da tarde, como era de costume, para os outros locais do centro, pois me parecia que o horário não estava propício. Entretanto, decidi ir até o Largo da Alfândega para ver como estariam os moradores de rua daquela região. Não sabia o que me esperava. Caminhei até o Largo e assim que coloquei meus pés nele pude ver muitos moradores de rua, em uma conta rápida foram 25. Muitas mulheres, algo incomum para o que encontrei, nos outros dias e na literatura. Pensei em abordar uma daquelas mulheres e fazer minha “super entrevista” não estruturada no papel, mas extremamente estruturada em minha mente. Abortei e não abordei ninguém, estava com receio pelas portas fechadas que havia encontrado durante todos os dias anteriores. Procurei um banco em que pudesse sentar e observar todo aquele movimento. Logo avistei uma boa sombra com posição privilegiada para todo o Largo da Alfândega. Sentei-me e iniciei as observações.

Os centros urbanos são repletos de vida, não consegui me ater apenas a observação dos moradores de rua, pois ao meu redor aconteciam muitas coisas. Os vendedores ambulantes aguçavam seus potenciais consumidores, os chamando ao consumo. Os taxistas chamavam um ao outro indicando uma nova “corrida”. Caminhões chegando e saindo do mercado público trazendo peixe. Idosos, que passam o dia conversando e jogando, davam gargalhadas e falavam intensamente, quando não estavam concentrados na sua próxima jogada. Pombos frenéticos cobriam um senhor que lhes jogava comida. O vento sul, em fortes rajadas, penteava os grandes coqueiros do aterro da baía sul indicando a chegada do frio. Bendito vento sul! Executivos, que estacionam seu carro no aterro da Baía Sul passavam com a pressa que lhes é característica, mais rápidos que o próprio vento sul. O vai e vem da população indo e vindo ao terminal de ônibus para cumprir sua labuta diária. Nesse turbilhão, paro e reflito, o centro tem muita vida (LIMENA; CAVALCANTI, 2001; PIMENTEL, 2005).

Abaixo a cabeça para registrar no diário de campo algumas observações e levo um susto com um grito. Passa as margens da Paulo

Fontes, em frente ao ponto de taxi uma mulher. Provavelmente moradora de rua, pelas suas características físicas, vestimentas e forma de agir. O grito foi para um dos taxistas e dizia assim: “Vamos lá?” E ele apático não respondeu, apenas ficou olhando. E ela insistiu: “Vamos lá? Sei que tu gosta aqui!” E ele continuou apático. Ela seguiu correndo, apalpou a bunda, coberta por uns pequenos shorts que permitia ver grande parte das nádegas, olhou novamente pra ele e disse: “Eu passo mais tarde. Tu já foi aqui! Eu sei que tu gosta! Beijo.” Ela se foi, não mais a vi. Neste momento a invisibilidade e a situação de exclusão social das pessoas que vivem na rua, na relação com as pessoas que não habitam as ruas já abordado na literatura, ficou explicitado na relação que havia presenciado (MATTOS; FERREIRA, 2004).

Pude então concluir minha anotação que havia iniciado antes do susto. Ela referia-se ao que via acontecer no Largo da Alfândega. Aquele lugar é muito vivo, o centro é muito vivo, são muitas história misturadas, ou melhor, justapostas e apertadas numa espécie de sopa em que a grande panela/cenário é o centro. Naquele espaço, sob as árvores, que também me cobriam, estavam papelões, mochilas, plástico e garrafas. Sobre as raízes das árvores papelões, sobre os papelões seres humanos, ao lado mochilas e plástico e em um movimento de vai e vem até a boca, conduzida pelas mãos sujas e maltratadas agarradas em braços magros, as garrafas. Elas estão cheia de algo que os mantém ativos naquele lugar. E como estavam vivos, eles pareciam estarem clima de festa. Mesmo porque estamos perto do carnaval e toda a estrutura de festa da data comemorativa já esta montada e serve de abrigo transitório e talvez de estímulo pra suas festas diárias.

Ao meu lado esquerdo, na sobra das árvores se concentram algumas mulheres, moradoras de rua, inclusive aquela que me ofereceu bala de goma quando passei na Praça das Americanas estava ali. Em minha frente, ao redor do chafariz, desativado para não servir de lavatório ou piscina para os moradores de rua, um grupo está reunido. Um deles tem uma caixa de som portátil que embala a festa. São quatro homens e uma mulher. Lembro-me dela do dia em que fui à Audiência Pública para políticas públicas para os moradores de rua, na ocasião ela tinha um namorado. Entretanto, agora ela esta em um ritual de conquista. Os quatro ficam ao redor dela, fazendo mimos e brincadeiras, dançando como Tangarás<sup>7</sup>, bebendo em suas garrafas buscando conquistá-la. Eles abraçam-se, sorriem, dançam, dançam e dançam como se o mundo não

---

<sup>7</sup>O Tangará é uma ave da fauna sul-americana que tem em seu ritual de acasalamento uma complexa dança, que segundo o discurso da biologia, é definidora na conquista da fêmea.

existisse ao redor deles, eles estão em casa.

Acompanho por cerca de 30 minutos aquela movimentação, e vejo que entre os homens está um dos moradores de rua que frequentam o restaurante de meus pais, o “Cocote”. Logo penso, que esta é a oportunidade de entrar no campo e conseguir abertura para desenvolver as entrevistas. Fico ali observando e pensando em tomar a atitude. Eis que sou surpreendido por um grupo de quatro moradores de rua jovem, que se sentaram em um banco na minha frente. Um deles começa a me olhar constantemente e o outro começa a falar alto sobre problemas que teve no Centro POP. Ele diz que assinou um monte de papéis e os funcionários disseram que ele não havia dado entrada em nada. E o olhar de um deles constantemente se voltava pra mim. Pensei que como já havia os visto outras vezes e eles me viram conversando com moradores de rua imaginaram que poderia ajudá-los em alguma coisa no Centro POP. Entretanto o olhar dele me intimidava, fiquei receoso, com medo que algo pudesse me acontecer. Os próprios moradores de rua, que havia conversado me disseram pra sempre estar atento. Fiquei por mais uns 5 minutos e resolvi seguir minha caminhada. Já eram quase 16h00min. Segui pelo meio do Largo da Alfândega e passei pelo grupo que fazia festa eles continuaram entretidos e dançantes. Até o momento nenhum havia conquistado a moça, mas as tentativas continuavam intensas. Passei pelas estruturas erguidas para as festas do carnaval e me surpreendi, pois tinham pelo menos oito sob um palco que foi construído. Não me pareceram uma boa opção para abordagem, a maioria deles estava dormindo.

Em um campo complexo como este, ter bom senso pode nos salvar de algumas situações tensas, mas também pode nos travar e eu me sentia travado. Achava que estava com o dia perdido. De qualquer forma continuei a caminhar, pois queria passar pela Praça XV de novembro e próximo a Catedral para ver se encontrava algumas pessoas que havia conhecido. Quando estava saindo do Largo da Alfândega, em minha frente seguia um morador de rua... E bendito vento sul! Retirou o chapéu que cobria a cabeça dele, corri atrás do acessório, para ajudar o senhor. Quando voltei para entregar, ele me agradeceu e falou olhando para as pernas: “Muito obrigado, eu iria demorar muito para pegar ele!” Quando olhei, ele estava com as duas pernas enfaixadas por inteiro, com os chinelos nas mãos caminhando descalço, provavelmente pela dor que elas lhe causavam. Apesar ter agradecido, pela minha atitude negou-se a conversar, pois tinha que ir até o outro lado do centro. Segui meio triste pela outra porta fechada e fui olhando pra trás enquanto entrava na Praça XV e era engolido pelos braços da grande

figueira. Quando ia me lamentar e sentar em um banco da praça para pensar o que fazer, ouço outro grito, mas dessa vez era comigo. Eram palavras proferidas pelo "Gringo": "Olha lá, foi aquele maluco que falei pra vocês ontem. Ele que "ta" fazendo a "caminhada"<sup>8</sup> do estudo com morador de rua". Sem pestanejar, acenei e fui até o grupo.

Um dia antes havia tido um encontro repentino com ele. Referiu ser uruguaio e disse que fugiu para o Brasil após ser condenado por crimes que cometeu na região de Rivera. Está em Florianópolis há 9 anos, e já foi indiciado 19 vezes pela justiça brasileira por delitos que cometeu aqui. Em nossa rápida conversa no dia anterior ele disse: "Agora eu não faço mais nada. Sou um morador de rua e peço para conseguir alguns trocados para comer e usar drogas. Eu sou sincero, quando peço para as pessoas, digo que é para usar drogas." Ele me diz mostrado às tatuagens na mão direita e esquerda: "Já puxei cadeia no Brasil e no Uruguai". Durante a pesquisa de campo tive contato com uma grande quantidade de ex-presidiários vivendo na rua. Alguns com o intuito de se esconder da polícia e outros devido as limitações de inserção social que o estigma de já ter sido preso representou nas suas trajetórias (TAVARES; MENANDRO, 2004).

Conhecemo-nos no fim da tarde de segunda-feira, um calor descomunal, e minhas andanças pelo centro já estavam se esgotando. Havia passado de um lado a outro, conversando com diversos moradores de rua. Sempre em conversas desconfiadas e de respostas curtas, não sentia ainda que estavam conversando abertamente. Talvez eu estivesse muito estruturado, em minhas entrevistas não estruturadas. Voltava para a região da catedral, para circular em meio a Praça XV de novembro e observar a dinâmica dos moradores de rua naquela região. Sentei-me ao pé da velha e imensa figueira, com seus longos galhos que abraçam uma grande parte da praça e fiquei observando o ir e vir naquela região. Estávamos no verão e a circulação de turistas neste lugar é imensa. De todas as nacionalidades, línguas e sotaques. Todavia, muitos frequentadores assíduos estão naquele espaço. São idosos, que jogam xadrez e dominó, funcionários de empresas dos arredores que descansam e conversam no final do expediente, adolescentes em seus encontros, e moradores de rua. Muitos deles passam o dia em um teatro aberto que tem na parte de cima da praça, próxima a saída para a catedral. Outros ficam bem no centro da praça, sentados em torno do Monumento em Honra aos Heróis da Guerra do Paraguai, conversando e planejando suas "caminhadas". Outros ainda preferem o terço

---

<sup>8</sup>Termo utilizado por alguns moradores de rua que se refere a atividades que tem que fazer, ou que fez.

final da praça, local de grande circulação, devido a presença da ilustre figueira. Esse é um lugar ideal para os moradores de rua fazerem sua “caminhada” diária. Nesse local há grande circulação de pessoas que podem ser potenciais compradores de seus produtos ou mesmo ajudar com alguns trocados.

Sentado ao pé da figueira eu, com uma visão de mais ou menos 280° via tudo acontecer. Todavia minha atenção voltou-se a um grupo de três homens, dois brancos e um negro. Inicialmente, fiquei com dúvidas se eram ou não moradores de rua. Chegaram com papel crepom e suas mochilas, sentaram-se e um deles começou a confeccionar alguns artesanatos. Olhei para seus pés. Não restavam dúvidas eram moradores de rua.

Durante os dias em que estive no centro, percebi que os moradores de rua tem uma marca e ela está, principalmente, nos pés. Eles têm uma coloração esbranquiçada, que se junta a uma cor escura. Uma mistura de pele ressecada com sujeira das ruas. As pontas dos dedos, geralmente ficam mais atingidas e algumas parecem que estão sendo gradativamente corroídas. Além disso, quase sempre estão com uma mochila, que guardam os pertences mais importantes. Literalmente, suas casas. Elas ficam muito surradas, vivem jogadas pelo chão, assim como seus corpos, nas marquises dos prédios, sob viadutos e pontes, na grama do aterro... Enfim a conjuntura social em que eles vivem lhes confere algumas características ímpares e os pés são, a meu ver, uma marca (MATTOS; FERREIRA, 2004).

Continuei a observar a movimentação dos três, era um intenso vai e vem. Um deles fazia flores, com papel crepom, cola e palito de madeira e o outro vendia para os que passavam e, de vez em quando, pedindo uma ajuda financeira. O terceiro, aparentemente mais reservado, ficava sentado observando, conversando com os dois colegas e às vezes saía com a garrafa de refrigerante par buscar “pinga” ao grupo. Essa dinâmica aconteceu por uns 30 minutos. Eu estava sentado bem em frente a eles, a uma distância de 15 metros quando de repente, percebi que o vendedor do grupo se aproximou, mas sem seu produto. Imediatamente estendeu a mão e me pediu: “E ai sangue bom, tens um real pra fortalecer aqui. Vou ser sincero contigo, é pra usar nossa droga ali.” Em resposta a sua atitude, estendi a mão, cumprimentei e lhe respondi que, infelizmente, não tinha dinheiro sobrando, apenas para a passagem de volta pra casa (e era verdade). Aproveitei o momento para lhe explicar que estava fazendo uma pesquisa de mestrado com moradores de rua e gostaria de saber se ele poderia me ajudar. Ele não me deixou concluir a frase, me olhou e disse, com um leve sotaque

castelhano: "Porra, tu é o cara que esta fazendo a pesquisa? Estas falando com o cara certo! Eu sou morador de rua cara e aqueles ali que tão comigo também. Se tu quiser te falamo de como acontece as coisa aqui."

Neste dia conversamos, por aproximadamente, 10 minutos, ele teve que sair para conseguir seu dinheiro para a "pinga" e logo em seguida o grupo saiu da praça. Foi a melhor conversa que tive em todos os dias de campo, ele falou comigo de uma forma que nenhum outro havia falado. Criamos uma relação naquele momento em que pedi algo que só ele possuía a vivência da rua. Foi realmente uma inversão, pois a relação habitual, parte da ausência deles que os obriga a pedir para os que possuem. Antes de sair ele ainda falou: "Cara valeu pela humildade! Cola ai outro dia que vamos te ajudar neste trabalho!". Fui pra casa contente com aquele contato, mas devido a rapidez do acontecimento, não me dei conta da importância daquele momento. Assim quando os avistei ao entrar na praça e fui recebido daquela forma, me dei conta do que havia acontecido no dia anterior. O campo estava aberto, nós havíamos criado uma relação que possibilitaria minha inserção nas ruas de Florianópolis. Quando cheguei até a mesa que eles estavam - uma daquelas em que os idosos que frequentam a praça geralmente usam para jogar xadrez ou dominó - perguntei se poderia ficar ali com eles. Imediatamente me disseram que sim. Sentei-me em um dos bancos e começamos a conversar, enquanto eles produziam e comercializavam as flores artificiais.

Começamos nos apresentando um para o outro, pois conhecia apenas o "Gringo". Assim que falei meu nome o "Chapecó" se apresentou, dizendo que estava apenas 10 dias na rua em Florianópolis. Ele refere ter nascido em Chapecó, ter morado muitos anos em Lages e estar em Curitiba antes de vir para Florianópolis. Conta que saiu de casa, em Lages, onde foi traído pela mulher com quem teve 3 filhos. Em seguida foi para Curitiba, para construir uma casa, durante a obra ele teve um relacionamento com a filha do seu patrão. Ela era um pouco mais velha que ele, ficaram cerca de 2 anos juntos, mas ele disse que não conseguia esquecer o que passou com sua primeira mulher e resolveu ir para a rua com o intuito de recomeçar a vida e provar para sua família que ele era capaz de estabelecer-se na vida novamente. Ele era o mais sereno do grupo, com um olhar carrancudo e uma voz tranquila, pronto para qualquer conversa. E gostava de conversar, mas ficava zangado com os colegas, extremamente extrovertidos e brincalhões, que o interrompiam constantemente.

O "Chapecó" referiu ser filho de pai e mãe professores, ela de

português e ele de matemática. Surpreendeu-me quando tirou de sua mochila um livro e um caderno em que fazia suas anotações, as quais leu alguns trechos. E por sinal eram muito bem escritas. Nelas ele fazia reflexões sobre a vida e o que lhe havia acontecido, como a ida pra rua e os porquês desse caminho. Após ler ele me falou: "Eu não frequento Centro POP nem albergue eu quero provar pra todo mundo que eu consigo dar a volta por cima sozinho. Eu sei o caminho e vou conseguir. Quero ter minha casinha e uma moto como eu tinha, mas não quero ajuda de ninguém".

Em seguida passou a me falar sobre suas profissões. Sua principal era pedreiro, com um projeto em mãos ele afirmou que sabia construir a casa por completo. Todavia mostrou-me a mão inchada e descascando, segundo ele tratava-se de uma alergia ao cimento que por não cuidar-se nos últimos trabalhos havia voltado. Ele disse que nos últimos dias em Curitiba ele estava muito triste e nem se cuidava mais. Quando vi aquilo, perguntei se ele havia procurado o serviço de saúde. Ele disse que não, tinha vergonha e receio de ir até uma unidade de saúde ou hospital e ser tratado com preconceito, pela sua situação momentânea. Ele ainda disse: "Prefiro ficar assim, com o tempo esta alergia passa e minha mão volta ao normal." Então o questionei se sentia dor. E ele respondeu: "A dor é suportável, mas incomoda um pouco seria bom tratar". Após um pequeno silêncio e voltou a falar sobre suas habilidades laborais, além de pedreiro era eletricitista, encanador e sabia cultivar, do plantio à colheita, fumo. Ressaltou que nunca havia estudado e todas as profissões que tinha eram ofício, aprendeu no exercício delas. Esses relatos me fizeram rememorar o perfil da população de rua realizado no Brasil em 2008 e as orientações do Ministério da Saúde direcionada para esta população, em que apontam que grande parte das pessoas que vivem nas ruas brasileiras realizam alguma atividade laboral para obtenção de recursos financeiros e que uma pequena parte acessa o serviço de saúde, principalmente a atenção básica. Nesse sentido, o estigma atribuído socialmente para a vida nas ruas faz com que as suas atividades laborais não sejam entendidas como trabalho, e além disso, sua necessidade de saúde sejam inviabilizadas nos serviços de saúde (BRASIL, 2008a, 2014).

Enquanto conversávamos os outros dois ficavam na correia, o "Jaraguá", mais calado, fazendo flores e o "Gringo" comercializado e pedindo dinheiro para os que estavam em volta da figueira. Perguntei ao "Jaraguá", onde ele havia aprendido a fazer as flores. Ele prontamente me falou: "Aprendi na cadeia, sei fazer flor e também aqueles baús de jornal". O "Gringo" interfere e sugere ao "Jaraguá" que produza uns

baús para vender quando o tempo melhorar. E seguiu falando - com seu jeito aéreo, ideias na velocidade da luz, os braços e corpos magros e logos se balançando feito a “Maricota”<sup>9</sup> : “aqui na rua a maioria já puxou cadeia, eu mesmo como te falei já fui preso aqui e no Uruguai e na cadeia a gente aprende essas coisas também.” De supetão o “Gringo” sai par vender uma flor a um turista que passava.

Volto a conversar com o “Chapecó”. No ensejo do que conversávamos, ele me conta que foi preso duas vezes por roubo, mas que não quer mais isso para a vida dele. Foi um período muito ruim, ele afirma. Então me pergunta se tenho alguém que possa indicar ele para trabalhar como pedreiro aqui em Florianópolis. Antes que eu pudesse responder, o “Gringo” que havia retornado de sua venda começa a brigar com ele. Dizendo assim: “Cara nem começa a manguear o cara, ele está aqui para fazer o trabalho dele e mostrar as coisas como acontecem na rua e tu vai ficar manguendo ele! Pode parar temos que ajudar ele a fazer este trabalho.” Neste momento eu fiquei feliz pela proteção, mas meio confuso. Primeiro não havia compreendido o termo “manguear”, me lembrava de um artigo que havia lido sobre produção de desigualdades e utilizava este termo com o significado de pedir, inventar histórias para ganhar dinheiro (MARTINEZ, 2011). Segundo que o clima havia ficado meio tenso entre os dois e não sabia o que desenrolaria daquilo. Esperei calado, alguns minutos, e quando eles pararam de falar perguntei. O que é afinal “manguear”? O “Chapecó” detalhou-me o que seria, e sua explicação corroborava com o que havia lido no artigo, mas ele deu uma pequena definição, tentante sintetizar, que acredito ter sido muito autoexplicativa: “Manguear é a arte de pedir”.

Ainda com um clima tenso o “Chapecó” tentou explicar para o “Gringo” que estava apenas me pedindo um auxílio para emprego, não estava pedindo nada diretamente. Entretanto o “Gringo” ouviu pouco, talvez apenas as duas primeiras palavras da frase e tira a sua conclusão. Sem deixar o “Chapecó” terminar ele grita: “Porra cara tu é novato aqui, chegou a 10 dias e já quer ficar me questionando! Quero ver tu aguentar 9 anos aqui na rua como eu e sobreviver. . . Com esse teu jeito tu não dura muito!” Em seguida o “Gringo” levanta e começa a mostrar muitas marcas em seu corpo, cicatrizes de tiros, facadas, cirurgias, acidentes de carro. E diz: “Se eu estou vivo é porque Deus quer que eu esteja e tenho alguma coisa pra fazer aqui ainda. Com a quantidade de coisas que já me aconteceu eu deveria estar morto”.

---

<sup>9</sup>Boneca do folclore açoriano, muito alta e magra, com longos braços que nas apresentações batem propositalmente nas pessoas que assistem e nos outros integrantes da apresentação.

Realmente, fiquei espantado com a quantidade de cicatrizes e o tamanho delas no corpo magro daquele uruguaio, mas fiquei ainda mais curioso com a relação de poder que acabará de acontecer em minha frente. Após aquele desabafo ficamos algum tempo em silêncio até que o “Gringo” jogou duas moedas de 1 real sobre a mesa e pediu para o “Chapecó” ir comprar uma pinga. Ele foi até um bar próximo e logo voltou com uma garrafa de 600 ml de refrigerante até a metade.

Quando ele retornou, imediatamente me ofereceu um gole de caçaça que aceitei. Tomei um gole que me ardeu e fez suar por alguns minutos. Aproveitei a saída do “Gringo” da mesa e perguntei ao “Chapecó” como são as regras na rua. Ele me olhou passou a falar sobre as regras na rua dizendo que aquilo que acabara de acontecer era um retrato de como as coisas são resolvidas na rua, geralmente por meio de violência. E completou dizendo: “Tem gente que chega aqui não conhece as regras, não conhece o pessoal, não tenta aprender como as coisas funcionam daí apanha mesmo. E ninguém tem pena, bate com o que tiver na mão e rola até morte.” Ficou calado, pensando um pouco, e em seguida concluiu: “Na rua tem que ser gentil com todo mundo, mas tem que ser duro também pra ninguém se aproveitar de ti. E tem o poder de hierarquia e de psicopatia”. Ele usou a palavra psicopatia para referir-se a forma agressiva e descontrolada como o “Gringo” havia lhe tratado, colocando-a como um comportamento existente e necessário para a manutenção das hierarquias na rua.

Em alguns minutos o “Gringo” voltou e perguntou o que estávamos falando. Percebi que o “Chapecó” estava receoso. Então resolvi intervir e disse que eu queria saber como funcionam as regras na rua, local de manguear, de dormir, de passar o dia, como e com quem vocês tem relações amorosas. Ele logo falou que na rua o respeito aos outros moradores de rua é importante, sabendo quem é mais antigo no local. E disse: “Se não sabe pergunta!” Então se virou, pegou sua mochila e tirou de dentro uma “knife”, nome em inglês para faca que ele usou, e me disse na rua todo mundo anda armado se vacilar os caras te passam<sup>10</sup>, tem que saber como fazer a caminhada. Confesso que fiquei espantado, mas em seguida ele guardou a faca.

Nesse momento, o “Jaraguá” sempre muito calado levantou-se e começou a falar juntamente com o “Gringo”. Ambos falavam de forma muito forte e sem pausas, havia em suas falas e em seus olhares um tom muito pesado que retratava, no meu entendimento, as duras experiências que significam as formas de narrar a vida e de lidar com os acontecimentos. Eles me olhavam firmes e lembro-me do “Gringo” falar:

---

<sup>10</sup>O termo “te passar” se refere ao homicídio, ou seja, o ato de matar outra pessoa.

“Eu olho pra ti e não vejo maldade no olhar, mas aqui na rua... olha o “Chapecó”, ele é calado, mas tu vê no olho dele que tem maldade, se precisar ele te passa. A gente vê muita coisa aqui. A polícia persegue a gente e quando pega bate até não querer mais! É foda, com o tempo tu vai criando uma maldade que tu já sabe como se comportar e o que fazer quando é necessário.” O “Jaraguá”, corroborando com a fala do “Gringo”, disse: “a gente pode sair daqui agora e dar uma volta pelo centro, te levo em qualquer lugar aqui. Eu sei que tem um monte de gente que não gosta de mim, mas me respeita porque sabe da minha caminhada. Eu to aqui, vivo, porque sei como caminhar nessa vida da rua.” Então fomos interrompido por uma moradora de rua, que passou e acenou para o grupo. Eles falaram algumas palavras entre eles, que não compreendi e sentaram-se novamente.

Percebendo a situação e a disposição que eles estavam em falar introduzi a questão de gênero na conversa. Perguntei em tom descontraido, como acontecem as relações íntimas na rua. O “Chapecó” disse que não quer saber de se envolver agora, sente-se muito triste pelo que lhe aconteceu com sua ex-esposa. O “Gringo” nem me esperou ele terminar de falar e começou a falar que é um cara muito requisitado na rua. Teve relação com a maioria das mulheres que moram na rua ali pela região do centro, mas adverte que se deve ter cuidado.

Na rua se uma mulher esta se relacionando com alguém todo mundo tem que respeitar. E não cabe a mulher te falar se tem companheiro. Se o companheiro saiu pra fazer sua caminhada e ela sente vontade de tomar uma “pinga”, comer, usar drogas ela recorre a outros moradores de rua para conseguir o que precisa no momento. Caso o terceiro não saiba que a mulher esta com outro morador de rua, fornece o que foi solicitado e fica com ela em algum canto ele é acusado de “talaricagem” que provem da palavra talarico que define o sujeito que canta, cobiça, xaveca a mulher que está tem companheiro. Para esse imprudência, segundo eles, é resolvida com luta corporal, podendo ocasionar a morte de um do envolvidos. Cabe destacar que esta medida é tomada não apenas pelo companheiro da moradora de rua, mas também por outros que andam no grupo ou que o conhecem.

O “Jaraguá”, que também afirma ser um garanhão das meninas da rua do centro completa dizendo que as mulheres na rua sempre encostam nos moradores de rua que sabem fazer a caminhada, que conseguem desenrolar uma boa conversa para conseguir um trocado, para comprar uma droga, uma comida. De forma geral as narrativas demonstraram uma objetificação da mulher, convidando-a a ocupar um espaço de submissão, em que necessita do provimento do homem para

suprir suas necessidades (BOURDIEU, 2010).

Enquanto falávamos disso a mulher que havia acenado anteriormente passou novamente, mas dessa vez aproximou-se e pediu para sentar. Apertou a mão de todos, inclusive a minha, pegou de sua bolsa uma garrafa de pinga e disse que queria tomar uma cuba. Queria que alguém lhe pagasse uma Coca-Cola. Na hora não entendi, mas o “Gringo” começou a fazer muitas perguntas pra ela, como se estivessem se identificando. Após uns 3 minutos de uma conversa, aos berros, o “Gringo” a questionou: “Tu é gata do “Palhoça” ali da Alfândega né?” E ela respondeu: “não, agora não to mais com ele.” O “Gringo” insistiu dizendo: “é tu sim, na semana passada ainda te vi ali com ele!” A partir daí não consegui mas entender muita coisa, virou uma gritaria entre os dois e no fim o “Gringo” gritou: “dispara daqui, tens sorte que és mulher senão já ia requebrar na porrada!” Ela então voltou e aproximou seu rosto ao dele, encarando-o e ele disse: “aqui é homem, maluca!” E ela retribuiu, já saindo: “e aqui é mulher!”.

Fiquei por alguns segundos tentando entender o que acontecera naquele local. Tentei transparecer que estava tudo bem e normal, mesmo apavorado. Olhei pra ela e já estava saindo da praça em um passo acelerado. Quando me virei novamente para mesa o “Chapecó” me olhou e disse que era disso que nós estávamos falando, se a gente colocasse a Coca-Cola pra ela ia dar problema. E completou, na rua tem que conhecer tudo e todos, por isso também que não me envolvo com ninguém.

Interrompendo a fala o “Gringo” me olhou sorrindo, como se nada tivesse acontecido, e me questionou se eu havia chupado uma “buceta”<sup>11</sup>. Respondi-lhe, entre as risadas deles, que sim, e ele continuaram a rir. Então ele explicou o motivo da pergunta, disse que quando estava preso no Uruguai, conheceu um chefe do tráfico, muito poderoso, que nunca tinha chupado uma “buceta” por ter nojo. Riram muito dessa história e continuaram a fazer piadas confrontando um a masculinidade do outro, relacionando-a com virilidade e poder sobre as mulheres. Além disso, o “Gringo” e o “Jaraguá” faziam constantemente brincadeiras o “Chapecó”, pois ele tinha um codinome de Cléber que usava quando realizava furtos. Eles gritavam alto e de forma repetida: “Cléééééber...” Com uma fala afeminada ironizando o “Chapecó” pelo uso do codinome e pela opção de não relacionar-se na rua. Foi nítido, naquela tarde a reprodução e manutenção de narrativas heteronormativas e posturas que reproduzem o que Bourdieu (2010) narra como dominação masculina, discurso que legitima e possibilita a objetifica-

---

<sup>11</sup>Gíria utilizada para se referir a genitália feminina.

ção e violência contra as mulheres.

Após uma pausa, o “Gringo” reflete um pouco e diz em voz baixa, sussurrado, que os caras que estão passando devem achar os três estão me roubando. E em tom de brincadeira, levanta-se e solicita, em voz alta, que eu anote o número do cartão em um papel, simulando um assalto ou sequestro. Então em seguida, senta novamente e decide parar com a brincadeira com receio que a polícia venha nos abordar. No momento, ri junto com eles e perguntei como as pessoas os tratam na rua.

O “Jaraguá” parece o mais tocado com isso, começa a falar que ele sente-se invisível muitas vezes e discriminados por todos que não moram na rua, acham que ele é vagabundo e não querem nem conversa. Percebe como as pessoas desviam seu caminho para não passar por perto deles, trocam o lado da calçada para não cruzar. Também disse que se sente mal quando vai pedir algo para alguém que finge que eles não existem, passam reto, como se nada estivesse acontecendo ou olham com medo. O “Chapecó” intervém e fala que quando aparece alguém que é mal educado com eles, fica com vontade de roubar e agredir.

De forma inesperada, o “Gringo” intervém na conversa e fala: “ta vendo esses velhos aí sentado na praça que finge que não me conhecem? Esses caras aí são cheios de preconceito com a gente, mas quando é pra pedir pra comer o cú deles eles vem falar com a gente. Eu já comi o cú da maioria desses caras que ficam circulando aqui na praça durante o dia e fingem que não me conhecem.” Fiquei pasmo com a informação que ele havia trazido a tona e lhe perguntei alguns detalhes. Ele me informou que eles geralmente fazem a abordagem durante a noite e os levam para hotéis próximos em que os moradores de rua se banham e tem a relação sexual com eles. Eles são pagos pelo serviço, mas não me disse o quanto. Todavia disse que é uma prática constante naquela região. Percebi que ele não estava confortável em falar sobre tal assunto na frente dos colegas. Então não fiz mais perguntas sobre o assunto (VARANDA; ADORNO, 2004). E um pequeno silêncio se estabeleceu até ser interrompido por uma senhora com vestes e aparência de hippie.

Ela chegou e perguntou onde poderia conseguir comida gratuita durante a noite. E eles ficaram um pouco enfurecidos e disseram que não sabiam. Ela então colocou um grilo, feito de folha sobre mesa em que estávamos e perguntou se sabiam onde tinha um lugar para tomar banho e lavar as roupas. O “Jaraguá” disse que no Centro POP ela poderia fazer o que queria. Ela saiu, contente com a informação e eles ficaram resmungando algumas palavras.

Observando o desconforto com a situação, questionei-lhes se era

comum essas pessoas utilizarem os serviços municipais para moradores de rua. Eles relataram que no verão acontecem muitas brigas, porque há um grande deslocamento de moradores de rua e hippie para Florianópolis, devido a temporada de verão. Isso faz com que eles tenham que disputar por pontos para dormir, pedir, permanecer durante o dia, comida no Centro POP, espaço em albergues... Os moradores de rua que ficam durante todo o ano na ilha consideram que possuem prioridade para utilizar os serviços e espaços, assim o controle dos espaços e as relações de poder estão presente nesses cenários, sendo que acontecem muitas disputas violentas durante esta época do ano (FOUCAULT, 1979).

Após a conversa o “Gringo” e o “Jaraguá” se levantam circulam pela praça. Nesse primeiro contato mais profundo achei diferente a forma como eles se comportam, pois a minha presença, apesar de fazê-los falar sobre suas vidas, mudando sua rotina, não fazia com que parassem de circular, vender e manguear. Tinham um objetivo certo que era conseguir dinheiro para ir ao Morro do Mocotó pegar drogas, para isso tinha que vender as flores e manguear alguns turistas. É o trabalho deles, a forma como conseguem acessar suas necessidades imediatas, e parece que apenas elas importam. Assim minha presença ali não tirava a atenção deles no movimento e nas possibilidades de abordagem. E quando eu menos esperava eles saíam “em um pulo” e abordavam mais uma pessoa. E foi assim até conseguiram o dinheiro necessário para a compra.

Num dado momento eles colocaram a mochila nas costas e iam saindo da praça. Quando estavam a uns cinco metros de distância, se lembraram de minha presença e voltaram para se despedir e o “Gringo” perguntou em tom irônico se eu queria subir com a eles. Eu sorri e disse que em uma próxima vez iria. Sai daí e corri para o terminal para tomar o ônibus e registrar tudo que conseguisse sobre a experiência deste dia.

Essa narrativa explícita, com a limitação da linguagem, que não permite traduzir em suma a experiência vivenciada, e o viés da minha interpretação sobre os acontecimentos, o que entendo como o momento de virada. Quando passei a conseguir acessar narrativas mais densas e vivenciar os “pedaços” dos moradores de rua. Neste momento, que conquistei a confiança desse grupo, pude a partir deles ir conhecendo novos lugares e moradores de rua, sendo apresentado por um deles.

No dia seguinte, como havia criado este vínculo importante retornei ao mesmo lugar e lhes encontrei novamente, desta vez estavam apenas o “Chapecó” e o “Gringo”, o “Jaraguá” havia se deslocado para

a praia de Canasvieiras. Geralmente os moradores de rua frequentam as praias no verão, e quase sempre fazem os trajetos até os locais a pé. Então o “Gringo” me convidou para ir conhecer outros moradores de rua e lugares do Centro de Florianópolis. O “Chapecó” preferiu ficar na praça e me alertou sobre os perigos que podia enfrentar.

Saímos por volta das 15h da Praça XV de Novembro e passamos por alguns dos lugares descritos no Tabela 1, uns eu já conhecia, mas ao chegar com ele tive outra recepção dos grupos. Entretanto em alguns lugares, tivemos contato com alguns, eu diria, inimigos de rua do “Gringo”, como na Praça das Americanas e Parque da Luz. Nesses lugares estranhamento continuava presente e talvez tenha até piorado.

Durante o caminho, ele magueou alguns trocados pra comermos e uns cigarros. Nas paradas entre conversas com os companheiros de rua usou cocaína, que havia trazido e assim passamos aquela tarde/noite passando de lugar em lugar. Na andança conversamos bastante sobre a nossas vidas e ele expressou uma vontade muito grande, que lhe deixou emocionado, de rever sua mãe no Uruguai. E pediu para escrever uma frase no meu diário de campo, que apresento a seguir:

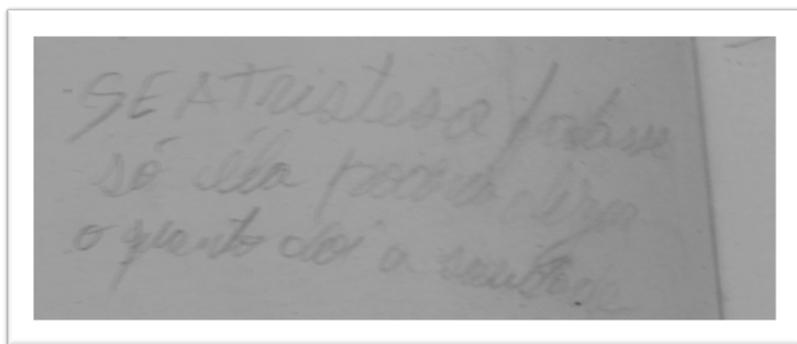


Figura 6 – Frase escrita pelo “Gringo” no diário de campo “Se a tristeza falasse só ela poderia dizer como dói a saudade”

Voltamos para a Praça XV, já eram quase 22h onde encontramos o “Chapecó”, que nos aguardava meio indignado, pela demora. Despedimo-nos e segui para o terminal correndo para pegar o ônibus das 22h15min. Apesar da busca constante, não os encontrei mais durante todo o campo, segundo os outros moradores de rua ele teria ido para a Praia dos Ingleses, onde costuma ficar no verão.

A partir deste reconhecimento que fiz junto ao “Gringo”, passei a

ganhar mais facilmente a permissão para permanecer e dialogar com os moradores de rua. Sempre que chegava encontrava algum morador de rua conhecido o que já me abria os caminhos. Assim, como passei a ser recebido nos espaços e na intimidade de alguns, compartilhei frequentemente alimentos, bebidas, cachaça e papelões com os moradores de rua. Destaco que apesar do uso constante de drogas como maconha, cocaína e crack nos locais em que frequentei, nenhum dos moradores de rua que convivi me convidou a usar e justificavam-se dizendo que sabiam que aquilo fazia mal, então não estimulam ninguém a usar, mas quem mora na rua é obrigado a usar pra se manter vivo (MATIAS; FRANCISCHINI, 2010).

No decorrer dos dias, fui percebendo algumas peculiaridades, no que tange a temática de gênero, nos espaços que frequentava e pelo convívio fui criando vínculos mais profundos com alguns moradores. Isso permitiu conversas mais íntimas que passaram a revelar detalhes sobre a orientação sexual e a identidade de gênero dos interlocutores, assim como os efeitos dessas na trajetória e no cotidiano dessas pessoas nas ruas.

Na Marquise da Previdência social tive contato com a primeira moradora de rua que integra o grupo que significamos como LGBT, ela se identificava como lésbica, mas gostava usar o termo sapatão para referir a si própria. A “São José” foi uma das principais interlocutoras do trabalho e me auxiliou na busca por outras pessoas LGBT, ou para ser mais exato LG, que integram este trabalho. Mesmo com a inserção profunda nos grupos não identifiquei pessoas que se autodeclararam bissexuais e apesar de ter conseguido pistas e contatos que indicavam a presença de travestis moradoras de rua, não obtive sucesso nas buscas.

Assim, dentro do que a fluidez da rua possibilitou busquei concentrar minha convivência com essas pessoas. Realizando observação nos espaços em que elas frequentavam, conversando informalmente realizando entrevistas em profundidade, quando possível. Entretanto, com exceção da “São José” e do “Pomerode”, interlocutor que se identificava como “viado”, que estavam sempre na Marquise da Previdência a convivência nos pedaços era predominantemente com homens que se identificavam como heterossexuais. Com os outros interlocutores com identidade de gênero não heterossexual, a “Porto Alegre”, que se identificava como lésbica e o “Mineiro”, que se identificava como homossexual os contatos foram pontuais, pois transitavam constantemente pelos diversos espaços do Centro e também do continente. Ambos trabalhavam com reciclagem e deslocam-se constantemente para o continente onde vendem o material recolhido, eles também frequentavam a Marquise do

Xande.

Nesse local, na última semana que havia programado para estar na pesquisa de campo, em um dia em que fui acompanhado de meu orientador, para que pudesse ficar até mais tarde conversando com os moradores de rua, encontrei o “Senhor Desterro”, uma das pessoas que o “Gringo” me apresentou no dia em que circulamos pelo centro. Nativo da ilha do Desterro, como ele gosta de denominar Florianópolis, tem 55 anos, sendo que 30 desses mora na rua. Naquela ocasião, no período noturno, conversávamos sobre a vida dele e como era a vida na rua, pois estávamos na companhia de um casal de jovens, ambos com 19 anos, que haviam chegado recentemente de Timbó para tentar a vida em Florianópolis e ele estava ajudando-os a entender como era a vida na rua e os aconselhando com sua experiência. Apesar das violências ocorridas entre os moradores de rua é perceptível a formação de laços entre eles e a solidariedade e ajuda, principalmente aos que demonstram humildade e respeito ao chegar aos locais, sempre está presente (BOURDIEU, 2001).

De repente fomos interrompidos por um grupo que trazia marmitas para os moradores de rua do centro. Após comermos votamos a conversar e com um tom de convite imposto o “Senhor Desterro” me fala: “Se tu quer entender como funcionam as coisas na rua, posso ficar aqui falando pra vocês a noite toda, e mais alguns dias. Não ligo de fazer isso... Até gosto... Só que se queres fazer teu trabalho e falar sobre a rua... Tens que passar pelo menos uma noite aqui.” Imediatamente aceitei, mas pedi para ficar com eles. Com a confirmação do “Senhor Desterro”, conversei com meu orientador e decidi fechar a pesquisa de campo passando 24hs com os moradores de rua no Centro da capital.

O dia escolhido foi 25 de fevereiro de 2016, quinta-feira, já que havia programado concluir as atividades de campo no dia 29 deste mesmo mês. Além de toda a preparação pessoal tive que negociar esta imersão com minha companheira, familiares, amigos e orientador, pois como mencionei no início deste capítulo, foi um grande desafio desconstruir algumas percepções, e continua sendo, sobre os moradores de rua. No fim acabei negociando mais abertamente com minha companheira e com meu orientador, os outros ficaram sabendo posteriormente.

Deste modo, no dia programado as peguei o ônibus das 11h no Bairro Bom Viver em Biguaçu, onde resido. Estava vestindo a camiseta branca, a calça bege e o tênis azul mesmo traje que usava constantemente no campo, após perceber a importância das vestimentas para o contexto da pesquisa. Além disso, levei uma mochila com gravador, pilhas extras, lapiseira, caderno de anotações, uma camiseta extra e di-

nheiro para a passagem de volta pra casa. Estava incomunicável, pois não levei o celular, todavia combinei com minha companheira e meu orientador, que no dia posterior pela manhã ligaria para eles do orelhão mais próximo.

Desci no terminal pouco antes do meio dia e segui para o Centro, fiz como de costume meu trajeto parando no Largo da Alfândega, Praça XV e Marquise da Previdência Social. Passei grande parte da tarde conversando com a “Petrolina”, no Largo da Alfândega sobre suas ideias de identificar e mobilizar as mulheres da rua que estão grávidas para buscar um pré-natal e lutar pela possibilidade de ficarem com seus filhos após o nascimento, buscando uma lugar fixo para morar com ou sem o parceiro. Geralmente quando os bebes de moradoras de rua nascem são retirados logo após o parto, sendo que a muitas vezes a mãe não tem contato com a criança que é encaminhada para abrigos. Isso faz com que muitas mulheres não busquem os serviços de saúde, para um acompanhamento e parto com receio de perder a criança. Esse é um ponto muito importante, apesar de existirem pessoas que nascem e crescem nas ruas a grande maioria para população de rua é formada por adultos que já moraram em uma casa, conforme os dados do censo da população de rua (BRASIL, 2008a).

Quando a noite começou a se aproximar decidi ir para a Marquise do Xande, pois queria encontrar o “Senhor Desterro”, que iria me acolher na rua. Apesar de ter conversado com as pessoas nos outros lugares durante a tarde não contei para nenhum deles que iria passar a noite na Marquise do Xande, pois como tinha vínculo com os demais grupos achei que poderiam ficar tristes por ter optado em ficar no Xande. Quando cheguei logo procurei o “Senhor Desterro”, todavia ele não estava no local ainda, fiquei ali conversando com o casal que havia conhecido no dia do convite, eles me contaram que desde a noite que havíamos conversado ele não havia aparecido mais para dormir. Comecei a ficar preocupado, pois apesar de conhecer outros moradores do local confiava nele para dormir na rua, nos outros não.

Com isso, me despedi do casal e decidi dar uma volta pelo centro da cidade para procurá-lo, quando olhei no relógio do calçadão da Deodoro já eram 20h, estava com muita fome e sede. Passei quase uma hora procurando por ele nos diversos lugares possíveis, indo até o Parque da Luz que fica no extremo oposto do centro e não o encontrei. Alguns disseram que ele havia voltado para a casa de uma irmã, outros que ele estava no continente. Perambulei mais algum tempo e então decidi ir até a Marquise da Previdência.

Logo que cheguei, fui recebido pela “São José”, que dada a hora

me perguntou o que fazia por ali ainda. Então lhe contei sobre o que havia acontecido e que precisava de um lugar para dormir. Ela ficou brava, pois não havia procurado ela antes. Chegamos no “pedaço” e ela anunciou pra todos que estavam ali que hoje eu ficaria ali como convidado dela. Eu já conhecia alguns dos moradores que estavam ali naquele dia, então fiquei conversando com eles sobre os assuntos correntes, mas a fome não passava.

Após uns instantes passaram duas senhoras, que vinha da catedral e nos perguntaram se queríamos bolo e refrigerante que havia sobrado da festa de aniversário de um padre. Imediatamente aceitamos e uma das senhoras voltou para buscar as sobras. A que ficou aguardando, a cada minuto de espera ficava mais afrita, olhava desconfiada para nós e segurava com força sua bolsa. Até que uma hora ela começou a resmungar, reclamando da demora da colega. Alguns minutos se passaram, o bolo e o refrigerante chegaram, elas foram embora e dividimos o lanche entre os que estavam ali. E o que sobrou guardamos para depois. Cerca de meia hora depois passou um grupo de homens, aparentemente evangélicos, informando que havia comida sendo distribuída na Praça XV e que todos estavam convidados. Como estávamos sem fome ficamos na marquise. Durante o período que estive foi possível observar diversos grupos de não moradores que prestam apoio à população de rua levando alimentos, roupas e produto de higiene pessoal, além de proporcionar oportunidades para a saída das ruas (ALVAREZ; ALVARENGA; FIEDLER-FERRARA, 2004).

Ficar neste espaço foi muito importante, pois pude observar e conviver durante a noite com pessoas que se autoidentificam como homens heterossexuais, homens que fazem sexos com outros homens, homem homossexual, mulheres heterossexuais e mulher homossexual. E perceber as dinâmicas e situações vivenciadas por essas pessoas nas relações com os outros moradores de rua. Apesar de, naquele espaço, haver um clima de respeito entre os moradores de rua, o “Pomerode”, que estava conosco, foi hostilizado, pela sua identidade de gênero, por alguns moradores de rua que passaram por ali durante a madrugada (JESUS, 2012; BERLANT; WARNER, 2002).

E como passaram pessoas por ali. Durante a noite e madrugada não paravam de chegar e sair pequenos grupos e moradores de rua sós. Muitos paravam para conversar, usar drogas e alguns permaneceram para dormir. Explicitamente expunham suas intenções e ações, alguns saíam para roubar, outros para comprar drogas, outros para pegar água no posto da polícia.

A Marquise da Previdência fica situada em um local de passagem

para os moradores de rua que vem das regiões altas da cidade e vão para as regiões baixas ou para os morros que ficam ao lado da Avenida Mauro Ramos. Um dos grupos que passou naquela noite foi o do “Baiano”, grande amigo da “São José”, um jovem descontraído e muito agitado, chegou ao pedaço e começou a cantar, dançar e brincar com todos. Estava acompanhado do “Nativo”, morador de rua há 5 anos oriundo do sul da ilha e do “Urussanga”, um ex-agricultor que está em Florianópolis a 3 anos. Estavam indo para o morro comprar crack e passaram para ver se tinha gente interessada em comprar droga.

A compra de drogas geralmente é feita por pessoas específicas, que tem acesso aos morros da região. Assim, reúne-se o dinheiro do pessoal e um deles sobe o morro para comprar a droga. Na volta a droga e repartida em partes iguais entre os que pagaram e o que comprou ganha a mesma quantia, sem precisar pagar. Devido ao consumo de drogas há uma estreita relação dos moradores de rua, geralmente homens, que tem relação direta com o tráfico de drogas (LANGA, 2012)

Alguns pediram para o Baiano comprar e lhe repassaram o dinheiro, inclusive a “São José”. Quando o grupo saiu em direção a Praça XV, ela veio me contar que desconfiava que estavam armando uma cilada para o Baiano, pois há alguns dias atrás ele se envolveu em uma briga no Largo da Alfândega e feriu gravemente outro morador de rua. Ela já havia usado bastante droga, tinha cheirado cocaína pelo menos três vezes e estava muito agitada, andava de um lado para o outro sem parar.

O passar do tempo lhe deixava cada vez mais angustiada, até que me convidou para dar uma volta pelo centro e procurar pelo “Baiano”. Confesso que fiquei com muito medo, mas ainda maior era a curiosidade para ver o centro naquela hora. Passamos pela Praça XV, que naquela hora da madrugada, não tinha ninguém, nem mesmo moradores de rua. Ela foi catando nos cantos dos canteiros pedaços de cigarro e buscando nas árvores algo que pudesse lhe interessar. Fomos até o Largo da Alfândega e voltamos pelo calçadão da Trajano até a Rua Vidal Ramos. Ela estava aparentemente tensa, transparecia a sensação de vulnerabilidade e insegurança frente às possíveis violências que a população de rua pode sofrer, todavia mantinha a postura dura e viril.

Quando subíamos a Vidal Ramos encontramos o “Lages”, entrando no carro de um senhor bem arrumado, de cabelos grisalhos. Segundo a “São José” ele sempre está na região e aborda os moradores de rua para a compra de serviços sexuais, o “Lages” era um dos principais parceiros dele.

Chegamos à Marquise da Providência, pelo lado da Rua Acipres-

tes Paiva encontramos um casal conhecido, que dorme em um colchão naquele espaço, o homem dormia e a mulher acordada chorava sem parar. Apesar da preocupação com o Baiano, paramos para tranquilizar a Paraná, que começou a falar que não aguentava mais ficar naquela situação, nunca imaginou que teria que morar na rua e precisava sair logo dali. Ficamos um tempo ali conversando com ela, o casal era do Paraná veio para Florianópolis buscar emprego e sem sucesso, passaram a morar na rua. A Paraná estava começando a experimentar drogas ilícitas, em especial a cocaína, para enfrentar as noites nas ruas e amenizar seu sofrimento. Ficamos algum tempo ali até que ela se acalmou e deitou-se novamente

Fomos para o outro lado da marquise, onde o movimento continuava grande. Os cães que estavam dormindo se agitaram com nossa chegada, mas logo voltaram a deitar. Diferente da maioria, que apesar dos rostos cansados, estavam ativos, conversando e usando drogas eu estava ficando com muito sono. Ao perceber, o Ceará e a “São José” me ofereceram um pequeno colchão para deitar no chão e papelões para colocar por baixo para reter a umidade. Como havia muita luz dos postes da rua, arrumei meu espaço na sombra de um dos pilares que sustentava a marquise e me deitei.

Deitado no chão não conseguia mais manter os olhos abertos, apaguei com a cabeça sobre a mochila e o corpo no colchão. Meu sono não durou dez minutos, fui acordado por gritos desesperados. Enquanto eu dormi um morador de rua desconhecido chegou no “pedaço” e passou a assediar as mulheres que estavam na marquise, uma delas a “Gringa”, companheira do “Joinville”, que após pedir por três vezes para que ele se retirasse entrou em luta corporal. Eu acordei no começo da briga.

A diferença de tamanho dos dois era muito gritante, o “Joinville” muito maior, avançou sobre o outro homem e no primeiro murro o derrubou. Pensei que havia acabado, mas não o “Joinville” sentou-se sobre o ele que estava deitado no chão e continuou dando-lhe socos de cima para baixo, pelo menos uns seis. Quando parou o agredido estava desmaiado e o “Joinville” então falou: “Agora tu vai embora, caralho!” Após uns segundos o homem tentou levantar-se, então ele o segurou e o arrastou pelas alças da mochila até a parede do prédio do Ministério da Saúde, onde o colocou sentado. Deu-lhe mais alguns tapas no rosto e repetiu umas três vezes: “agora tu vai embora né caralho!?”. O homem saiu como pode se levantou e seguiu calçadão abaixo.

Após o acontecimento conversei algum tempo com o “Joinville”, ele me pediu desculpas pelo acontecimento, mas reforçou que na rua as coisas são resolvidas desse jeito, resolve-se na hora. Ele e sua compa-

nheira, a “Gringa”, alugaram a alguns meses um apartamento e ambos estão trabalhando, todavia não conseguem sair da rua. Segundo ele as relações de amizade, o compartilhar dos espaços, a sensação de liberdade da ausência de paredes, o acesso e compartilhamento de drogas entre outras coisas o vincula a rua. E não é fato de ter um lar que o fará sair da rua.

O sono voltou apertar durante a conversa com o “Joinville”, e resolvi me deitar novamente. O dia já dava indícios que queria aparecer e o restante do grupo começou a se preparar para dormir. A maioria deles deita acompanhado por uma arma branca, barras de ferro, porretes, facas, canivetes que ficam sob o cobertor ou colchão pronto para ser usado em caso de necessidade. Dormi antes do grupo, ao meu lado alguns cães, três mulheres e um garoto que chegou na madrugada com o pé aparentemente quebrado. Não aguentou muito tempo, pois a perna não ficava em uma posição adequada, levantou-se com dificuldade e foi dormir na frente do prédio do Ministério da Saúde.

Por volta das 7h30min acordei novamente com um barulho, desta vez era o segurança do Ministério da Saúde que enxotava o garoto da porta do edifício. Essa cena foi para mim simbólica, pois durante o período que estive na rua, além das narrativas sobre os serviços de saúde dos moradores de rua, aquela foi a única relação que presenciei de algum servidor do serviço público de saúde com um morador de rua, que ironicamente necessitava de assistência a saúde (BRASIL, 2014).

Não consegui mais dormir, liguei para minha companheira e meu orientador. Em seguida voltei para a marquise e fiquei sentado com meu diário de campo anotando tudo o que lembrava e gravando alguns áudios quando cansava de escrever. Durante a manhã, com o centro enchendo novamente, presenciei algumas cenas ali do chão. As pessoas que passavam, indo para o trabalho e escola, olhavam com repúdio ao que viam, alguns olhando para mim, sentado no chão, balançavam a cabeça como que parece não concordar com o que vê. Outros nem se davam conta que tinham pessoas dormindo ali. Uma cena marcante foi uma senhora, que parecia levar sua filha para a escola, a menina olhou para a marquise e imediatamente a mãe colocou a mão sobre os olhos da filha para que não olhasse e as duas seguiram. Tal comportamento, explícita o sentido construído a atribuído a esta população pelas pessoas que não moram nas ruas, da inexistência e invisibilidade (MATTOS; FERREIRA, 2004).

Continuei fazendo meus registros, com um intervalo para tomar uma água na torneira da polícia, comer um pedaço do bolo da noite anterior e ir ao terminal para usar o banheiro. Permaneci no local até

11h, aguardando alguém acordar, mas, exceto o garoto que havia saído dali, os outros continuavam dormindo, como precisava ir ao terminal para tomar o ônibus e ir para casa, então escrevi bilhetes para alguns deles agradecendo a acolhida, coloquei ao lado de cada um e segui minha caminhada.

Esta vivência além de possibilitar o registro de diversos processos, como o uso de drogas para manter-se acordado, atos de violência física, abordagem de moradores de rua para prostituição por não moradores de rua, situações de homofobia, que não havia percebido ou tido contato direto, apensa nas narrativas, durante o período do campo. Além disso, permitiu que eu experimentasse algumas das incertezas que morar na rua traz, desde o lugar para dormir até quando e o que se come, deslocando a atenção da vida para o aqui e agora, para o suprimento das necessidades básicas.

Para apresentar de forma sistematizada as informações obtidas por meio dos registros oriundos da observação no cotidiano, conversas informais e das entrevistas individuais foram desenvolvidos dois artigos científicos, um destinado para ao periódico “Revista de Estudos Feministas” e outro para o periódico “Cadernos Pagu”, apresentados nos apêndices deste trabalho.



## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa possibilitou uma reconstrução de sentidos na interação com os moradores de rua, pois mesmo com uma trajetória de proximidade com a população de rua, a forma de interação estava voltada para a relação da necessidade deles e posse minha, quando iam pedir comida no restaurante ou ajudar meus pais. Sendo que durante o desenvolvimento do trabalho pude vivenciar a situação inversa, em que fui ao local em que eles estão dotados dos discursos e vivências e eu necessitava dessa cessão.

No que tange os aspectos metodológicos, trabalhar com a população de rua permitiu que aprofundasse a crítica relacionada às formas e discurso científicos, entendidos como modernos ou positivistas, que sugerem uma neutralidade do pesquisador e o foco no procedimento metodológico enquanto uma ferramenta fechada para acessar, ou comprovar determinado fenômeno. Ao observar a impossibilidade de produzir discursos totalizantes, mediante as diferentes possibilidades de construir sentindo as vivências na rua, deparei-me com essas fragilidades do discurso científico, mesmo tendo que usá-lo devido ao meu lugar de fala.

Nesse sentido, talvez o grande desafio dos futuros cientistas, principalmente das ciências humanas e da saúde, seja assumir a limitação das produções científicas afastando-se do papel de produtor de verdades absolutas e aproximando-se mediador para respostas construídas coletivamente.

A partir desse entendimento, foi possível perceber, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, mas principalmente durante a fase de campo enquanto houve contato direto e constate com os interlocutores desta pesquisa, que os discursos que constroem as relações de gênero estão intimamente relacionados com o processo de desfiliação e quebra de vínculos familiares que culmina na saída de casa e direcionamento para as ruas. Entretanto, mais do que isso, os efeitos dos padrões impostos para a sexualidade, no caso a heteronormatividade, permeiam também *habitus* da rua fazendo com que pessoas lésbicas e gays também sofram discriminação por sua identidade de gênero e condição de morador de rua.

No entanto, cabe destacar que mediante as relações entendidas como machistas, que também se estabelece nas relações sociais no contexto da rua, uma hierarquização e relações de violência contra mulheres heterossexuais homens heterossexuais e que praticam sexo com

outros homens, apesar da prática ser constante entre a população.

De modo geral, foi possível perceber uma cultura própria da rua, imersa em um cenário de limiaridade social e econômica. Os moradores de rua apresentaram códigos próprios e regras no sentido de garantia de segurança contra os danos a que entendem estar submetidos. Embora seja uma população marcada pela pluralidade, tanto nas trajetórias quanto nos objetivos futuros, a situação atual de adversidades os convida a desenvolver novas alternativas, construindo a rua com novos significados e, a partir disso, estabelecendo novas formas de relação, que de se distanciam, mas ao mesmo tempo se inspiram em narrativas e discursos de outros grupos sociais, que em outrora fizeram parte. Nesse sentido, adentrar neste espaço, seja para o desenvolvimento de uma pesquisa, mas principalmente na condição de “novo morador de rua” requer um processo de negociação e reconstrução das identidades, a partir de narrativas e possibilidades de um contexto liminar.

Visto isso, a atenção à saúde dessa população suscita grandiosos desafios ao Sistema Único de Saúde, em especial a Atenção Básica, não apenas devido às condições de saúde precárias dessa população, mas também ao que tange a articulação das políticas públicas que deem conta de abordar essa população a partir de suas necessidades, levando em consideração, além do contexto social e econômico necessidades específicas como as identidades de gênero, tendo em vista os princípios da universalidade, equidade e integralidade.

Nesse sentido, há necessidade de rever o enfoque das estratégias públicas e privadas ainda voltadas para ações de higiene social, por meio de ações coercitivas, com recolhimento de pertences, implantação de “estratégias anti-morador de rua” em viadutos e marquises, com a intenção de retirar a população das regiões centrais da cidade. Além disso, repensar as estratégias da assistência social, ainda voltadas para o assistencialismo e com cobertura insuficiente. Nesse caminho, que mediante o cenário político/ideológico passa a ser um desafio ainda maior, espera-se que a população de rua possa significar esses cenários, entre ou extramuros, como locais de exercício de direitos e cidadania.

Apesar das propostas e apontamentos, não proponho neste trabalho uma conclusão ou fechamento, não espero que você, ao ler este trabalho, possa entender completamente o comportamento dos moradores de rua a partir do recorte do gênero, mesmo que em alguns momentos, pela força de escrita científica tradicional, da limitação da escrita e de minha limitação em discorrer alguns tópicos, alguns discursos totalizantes foram empregados trazendo características e categorias para apresentar essas pessoas.

No entanto o convite, que espero ter feito, é para a reflexão, inspirando novas incursões e inserções para diálogos, vivências e ações que se façam constantes e presentes nestes espaços e com essas pessoas. Assim minha proposta é a abertura das discussões e diálogos sobre as necessidades da população de rua, em especial as mulheres, as lésbicas, os gays, bissexuais, travestis e transexuais, a partir do que eles entendem enquanto necessidade e não a partir de uma postura colonizadora. E quem sabe assim enquanto você esta lendo este trabalho possa lembrar que neste momento essas pessoas que aqui coloquei, apresentei e falei sobre estão agora em seus cenários, vivenciado situações totalmente diferentes do que pensamos e debatemos nesta construção. Isso torna esta pesquisa incompleta e nos traz um convite para as ruas...



## REFERÊNCIAS

- ABREU, D. **Pessoas em situação de rua, uso de drogas e o consultório de rua**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- ALMEIDA, M. V. de. Revista crítica de ciências sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 76, p. 17–31, 2006.
- ALVAREZ, A. M. de S.; ALVARENGA, A. T. de; FIEDLER-FERRARA, N. O encontro transformador em moradores de rua na cidade de são paulo. **Psicologia & Sociedade**, SciELO Brasil, v. 16, n. 3, p. 47–56, 2004.
- ALZATE, H. **Sexualidad humana**. [S.l.]: Editorial TEMIS, 1987.
- APA. **Answers to your questions: For a better understanding of sexual orientation and homosexuality**. Washington, DC: [s.n.], 2008.
- ARAGAKI, S. S. et al. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In: SPINK, M. J. (Ed.). **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 57–72.
- ARAÚJO, C. H. Migrações e vida nas ruas. In: BURSZTYN, M. (Ed.). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. cap. 2, p. 88–120.
- BECK, U. **Sociedade de Risco: Ruma a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal: EDUFRN, 2015.
- BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo em público. In: JIMÉNEZ, R. M. (Ed.). **Sexualidade Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.
- BOARETTO, R. Velhos à margem na margem das ruas: a experiência de uma moradia provisória no município de são paulo [dissertação]. **Campinas (SP): Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas**, 2005.

- BOSI, M. L. M.; MERCADO, F. J. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, P. *Le sens pratique*. Paris, **éditions de Minuit**, 1980.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus Editora, 1996.
- BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Ed.). **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2001. p. 67–69.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. In: **A dominação masculina**. [S.l.]: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, P.; SILVEIRA, C. R. da; PEGORIM, D. M. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. **Brasil sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e de promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Conselho Nacional de Combate à Discriminação, 2004.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. **Portaria no 1.707, de 18.08.2008**. Brasília: Diário Oficial da União, 2008.
- BRASIL. **Política Nacional para inclusão Social da População em situação de Rua**. Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BRASIL. **Saúde da população em situação de rua: um direito humano**. Brasília, DF, 2014.

BRITO, M. M. M. A abordagem e a clínica no atendimento aos moradores de rua portadores de sofrimento psíquico. **Psicologia: ciência e profissão**, Conselho Federal de Psicologia, v. 26, n. 2, p. 320–327, 2006.

BURR, V. **An introduction to social constructionism**. London: Routledge, 2003.

BUTLER, J. Feminismo como crítica da modernidade. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. cap. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilizacao brasileira, 2003.

CALLE, V. E. L. Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, SciELO Brasil, v. 26, n. 1, p. 165–174, 2014.

CAMARGO-BORGES, C. **O construcionismo social no contexto da estratégia de saúde da família: articulando saberes e práticas**. 2007. 207f. Tese (Doutorado) — Tese (Programa de Pós-graduação Enfermagem em Saúde Pública. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007, 2007.

CARDONAL, M. G.; CORDEIRO, R. M.; BRASILINO, J. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, M. J. (Ed.). **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 123–148.

CARRARA, S.; VIANNA, A. R. Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do rio de janeiro. **Physis**, SciELO Brasil, v. 16, n. 2, p. 233–249, 2006.

CARVALHO, M. F. L.; CARRARA, S. Em direção a um futuro trans? contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 14, p. 319–351, 2013.

COCHRAN, B. N. et al. Challenges faced by homeless sexual minorities: Comparison of gay, lesbian, bisexual, and transgender homeless adolescents with their heterosexual counterparts. **American**

**Journal of Public Health**, American Public Health Association, v. 92, n. 5, p. 773–777, 2002.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.; FERNANDES, F. B. M. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, JSTOR, p. 241–282, 2013.

CORRADI-WEBSTER, C. M. **Consumo problemático de bebidas alcoólicas por mulheres: discursos e histórias**. Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2009.

CORREA, J. K. **O psicólogo de instituição socioeducativa para pessoas em situação de rua: um estudo sobre sua identidade**. Dissertação (Mestrado) — Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

COSTA, D. D. L. R. Reflexos e contra-reflexos da cidade: por uma interpretação política do povo da rua. **Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso Bacharelado em Sociologia e Política)**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. São Paulo, 2003.

CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. de. **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências**. [S.l.]: SciELO-Editora FIOCRUZ, 2009.

DAWOOD, K. et al. Familial aspects of male homosexuality. **Archives of sexual behavior**, Springer, v. 29, n. 2, p. 155–163, 2000.

DIAMANT, A. L. et al. Lesbians' sexual history with men: implications for taking a sexual history. **Archives of internal medicine**, American Medical Association, v. 159, n. 22, p. 2730–2736, 1999.

DUNNE, G. A.; PRENDERGAST, S.; TELFORD, D. Young, gay, homeless and invisible: a growing population? **Culture, Health & Sexuality**, Taylor & Francis, v. 4, n. 1, p. 103–115, 2002.

ENDRIGUE, T. da C. **Repensando o Projeto Boraceia: proposta de abrigo para moradores de rua na cidade de São Paulo**. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ESCOREL, S. Vivendo de teimoso: moradores de rua da cidade do rio de janeiro. In: BURSZTYN, M. (Ed.). **No meio da rua: nômades, excluídos, viradores**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003. cap. 4, p. 139–171.

FERREIRA, A. B. d. H. et al. Novo dicionário aurélio-século xxi. **Rio de Janeiro: Nova Fronteira**, v. 1, 1999.

FIGUEIREDO, A. C.; FRARE, A. P. A função da psicanálise e o trabalho do psicanalista nos serviços residenciais terapêuticos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo**, SciELO Brasil, v. 11, n. 1, p. 82–96, 2008.

FILHO, M. R. d. S.; RODRIGUES, C. I. Digressões homossexuais notas antropológicas sobre coming out, ethos lgbt e bajubá em belém-pa. **Revista do NUFEN**, Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas, v. 4, n. 1, p. 44–58, 2012.

FLORIANÓPOLIS. **Secretaria Municipal de Assistência Social**. 2015. Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?pagina=servlistagem>>

FLORIANÓPOLIS. **Secretaria Municipal de Turismo**. 2016.

Disponível em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/turismo/?cms=praca+xv+de+novembro>>

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979.

FOUCAULT, M. História da sexualidade i: a vontade de saber; tradução de maria thereza da costa albuquerque e ja guilhon albuquerque. **Rio de Janeiro: Edições Graal**, 1988.

FRANGELLA, S. M. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo**.

Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

FRASER, N. et al. **Justice interruptus: Critical reflections on the "postsocialist" condition**. London: Cambridge Univ Press, 1997.

GABIATTI, E. T. Trabalho de Conclusão de Curso, **Moradores de rua de Florianópolis e suas histórias de vida**. Florianópolis: [s.n.], 2003.

GARCIA, M. R. V. Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao hiv/aids. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 21, n. 3, p. 1005–1019, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. [S.l.]: Editora do Instituto NOOS, 2010.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. [S.l.]: Martins Fontes São Paulo, 1989.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, A. M.; REIS, A. F. dos; KURASHIGE, K. D. A violência e o preconceito: as formas da agressão contra a população lgbt em mato grosso do sul. **Caderno Espaço Feminino**, v. 26, n. 2, 2014.

GOMEZ, M. M. La mirada de los jueces. In: \_\_\_\_\_. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2008. v. 2, cap. Violência por Prejuicio.

GOUVEA, R.; SOUSA, G.; LOVISI, M. Avaliação de déficits cognitivos em moradores com mais de 65 anos de um albergue público. **SciELO Brasil**, 2007.

GRABOIS, J. Que urbano é esse? o habitat num espaço de transição do norte de pernambuco. **Estudos Avançados**, SciELO Brasil, v. 13, n. 36, p. 79–104, 1999.

GRAEFF, L. Corpos precários, desrespeito e autoestima: o caso de moradores de rua de paris-fr. **Psicologia USP**, v. 23, n. 4, p. 757–775, 2012.

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1998.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, SciELO Brasil, v. 3, n. 1, p. 7–39, 1997.

HYDE, J. From home to street: Understanding young people's transitions into homelessness. **Journal of Adolescence**, Elsevier, v. 28, n. 2, p. 171–183, 2005.

IBÁÑEZ, T. **Municipiones para disidentes: realidad, verdad, política**. [S.l.]: Gedisa, 2001.

JESUS, J. G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2012.

KENNEDY, M. R. Homeless and runaway youth mental health issues: No access to the system. **Journal of Adolescent Health**, Elsevier, v. 12, n. 7, p. 576–579, 1991.

KINSEY, A. C. et al. Sexual behavior in the human male. WB Saunders Philadelphia, 1948.

KLEIN, F.; SEPEKOFF, B.; WOLF, T. J. Sexual orientation: A multi-variable dynamic process. **Journal of homosexuality**, Taylor & Francis, v. 11, n. 1-2, p. 35–49, 1985.

KRUKS, G. Gay and lesbian homeless/street youth: Special issues and concerns. **Journal of Adolescent Health**, Elsevier, v. 12, n. 7, p. 515–518, 1991.

LANGA, E. N. B. **Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e exclusão: identidades em construção nas trajetórias e percursos**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LAW, J. **After method: Mess in social science research**. [S.l.]: Routledge, 2004.

LIMENA, M.; CAVALCANTI, M. Cidades complexas no século xxi: ciência, técnica e arte. **São Paulo em Perspectiva**, SciELO Brasil, v. 15, n. 3, p. 37–44, 2001.

LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 2000.

LORENZI, C. G. et al. **Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Instituto NOOS, 2014.

LUCCA, D. D. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua.** Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: HUCITEC, 1998.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana.** [S.l.]: SciELO Brasil, 2002.

MALLETT, S. et al. **Moving out, moving on: young people's pathways in and through homelessness.** [S.l.]: Routledge, 2009.

MARRAZZO, J. M. Barriers to infectious disease care among lesbians. **Emerging infectious diseases**, Citeseer, v. 10, n. 11, p. 1974–1978, 2004.

MARTINEZ, M. A realidade do mundo: uma narrativa sobre a sociedade e a produção da desigualdade. **Campos: Revista de Antropologia Social**, v. 12, n. 2, p. 25–43, 2011.

MATIAS, H. J. D.; FRANCISCHINI, R. Desafios da etnografia com jovens em situação de rua: a entrada em campo. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v. 23, n. 2, p. 243–252, 2010.

MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, SciELO Brasil, v. 16, n. 2, p. 47–58, 2004.

MCNAMEE, S. Research as social construction: Transformative inquiry (pesquisa como construção social: investigação transformativa). **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 1, n. 1, p. 09–19, 2010.

MCNAMEE, S.; SANTOS, M. A. dos. Avaliação como construção social: investigação apreciativa. **Psicologia & Sociedade**, SciELO Brasil, v. 22, n. 3, p. 598–607, 2010.

MDS. **Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP** Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua – CENTRO POP. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/MorK6I>>.

MELO, T. H. de A. G. **A Rua e a Sociedade: articulações políticas, socialidade e a luta por reconhecimento da**

**população em situação de rua.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MILBURN, N. G. et al. Discrimination and exiting homelessness among homeless adolescents. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, Educational Publishing Foundation, v. 12, n. 4, p. 658, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOSCHETA, M. S. **Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.** Tese (Doutorado) — Universidade de São Paulo, 2011.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods.** Beverly Hills, CA: SAGE Publications, inc, 1990.

PENNBRIDGE, J. N.; FREESE, T. E.; MACKENZIE, R. G. High-risk behaviors among male street youth in hollywood, california. **AIDS Education and Prevention**, Guilford Publications, 1992.

PEPLAU, L. A. et al. The development of sexual orientation in women. **Annual Review of Sex Research**, Taylor & Francis, v. 10, n. 1, p. 70–99, 1999.

PEREIRA, A. L. **Fluxos de vida / textos de rua: mendigos nas dobras do tempo.** Tese (Doutorado) — Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

PIMENTEL, L. V. B. **Vidas nas ruas, corpo em percursos no cotidiano da cidade.** Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Ceará, 2005.

PONSE, B. **Identities in the lesbian world: The social construction of self.** [S.l.]: Greenwood Pub Group, 1978.

QUINTAO, P. R. **Morar na rua: há projeto possível?** Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, 2012.

REW, L. et al. Sexual health risks and protective resources in gay, lesbian, bisexual, and heterosexual homeless youth. **Journal for Specialists in Pediatric Nursing**, Wiley Online Library, v. 10, n. 1, p. 11–19, 2005.

RIDNER, S. L.; TOPP, R.; FROST, K. L. Methodological issues in identifying sexuality for research. **American journal of men's health**, SAGE Publications, v. 1, n. 1, p. 87–90, 2007.

RODRIGUEZ, A. M. M. **Experiências de atenção à saúde e percepções das pessoas transgênero, transexuais e travestis sobre os serviços públicos de saúde em Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SADOCK, B. J.; SADOCK, V. A. **Kaplan & Sadock's comprehensive textbook of psychiatry**. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins Publishers, 2000.

SARTI, C. A. O atendimento de emergência a corpos feridos por atos violentos. **Physis**, SciELO Brasil, v. 15, n. 1, p. 107–26, 2005.

SCOTT, J. W. La citoyenne paradoxale. les féministes françaises et les droits de l'homme. **Paris, Albin Michel**, 1998.

SILVA, E. X. da et al. Violência contra lgbt em pinhais-pr. **Kur'yt'yba**, v. 4, n. 1, p. 53–68, 2013.

SILVA, M. L. L. da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. [S.l.]: Cortez Editora, 2009.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2010.

SPINK, M. J. **A produção de informação na pesquisa social: a produto de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**, Cortez São Paulo, v. 2, p. 93–122, 2004.

SPOSATI, A. Mapa da exclusão/inclusão na cidade de são paulo. **São Paulo: PUC-SP**, 1996.

STEVENS, P. E. Structural and interpersonal impact of heterosexual assumptions on lesbian health care clients. **Nursing Research**, Lippincott Williams & Wilkins, 1995.

STOFFELS, M. G. **Os mendigos na cidade de São Paulo: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TATAGIBA, L.; PATERNIANI, S. Z.; TRINDADE, T. A. Ocupar, reivindicar, participar: sobre o repertório de ação do movimento de moradia de são paulo. **Opinião Pública**, SciELO Brasil, v. 18, n. 2, p. 399–426, 2012.

TAVARES, G. M.; MENANDRO, P. R. M. Atestado de exclusão com firma reconhecida: O sofrimento do presidiário brasileiro. **Psicologia Ciência e Profissão**, SciELO Brasil, v. 24, n. 2, p. 86–99, 2004.

TRUJILLO, E. V. Sexualidad... mucho más que sexo. una guía para mantener una sexualidad saludable. **Uniandes. Ceso. Departamento de Psicología**. Bogotá: Corcas Editores Ltda, 2007.

UNGER, J. B. et al. Homeless youths and young adults in los angeles: Prevalence of mental health problems and the relationship between mental health and substance abuse disorders. **American journal of community psychology**, Springer, v. 25, n. 3, p. 371–394, 1997.

VARANDA, W.; ADORNO, R. d. C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, SciELO Brasil, v. 13, n. 1, p. 56–69, 2004.

WARNER, M. **Fear of a queer planet: Queer politics and social theory**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

WHITBECK, L. B. et al. Mental disorder, subsistence strategies, and victimization among gay, lesbian, and bisexual homeless and runaway adolescents. **Journal of sex research**, Taylor & Francis, v. 41, n. 4, p. 329–342, 2004.

WHO. **Defining sexual health: report of a technical consultation on sexual health, 28-31 January 2002**, Geneva. [S.l.], 2006.

WITT, K. de. **A realidade socioassistencial da população de rua em Chapecó (SC) e região: revelações e desafios**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2012.



## APÊNDICE A - ARTIGO 1



## **O GÊNERO COMO LINHA CONDUTORA PARA CONSTRUIR SENTIDOS SOBRE O IR, O MORAR E OS MORADORES DE RUA.**

*GENDER AS A LINE TO BUILD SENSES ABOUT THE STREET WAYS AND HOMELESS.*

### **RESUMO**

O artigo aborda os efeitos das relações de gênero nas trajetórias de moradores de rua do município de Florianópolis/SC a partir de uma pesquisa desenvolvida nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, com postura construcionista social, utilizando entrevistas individuais com pessoas gays, lésbicas e heterossexuais e registros provenientes da observação participante. Os conflitos familiares e não aceitação das identidades de gênero foram narrados como estopim da ida para as rua e como agravantes para situações de violência no contexto de rua. O estigma por ser morador de rua e não heterossexual foi entendido como entrave na utilização dos serviços de saúde e assistência social.

Palavras-chave: Gênero; Moradores de Rua; Trajetória Social; Construcionismo Social.

### **ABSTRACT**

The article discusses the effects of gender relations in the trajectories of homeless in the city of Florianopolis/SC from a research developed in the months of January and February 2016, with social constructionist stance, using individuals interviews with gay people, lesbians and heterosexuals and records from the participant observation. Family dysfunctions and non-acceptance of gender identities were narrated as a reason for going to the street and how aggravating to violence situations in the street context. The stigma for being homeless and not heterosexual was perceived as obstacles in the use of health services and social assistance.

Key-words: Gender; Homeless; Social Trajectory; Social Constructionism.

### **INTRODUÇÃO**

A sexualidade é assunto em destaque em nossa sociedade e compõe um campo complexo, com narrativas concorrentes, no cenário científico e fora dele. Nesse sentido Foucault (1979) aponta que a centralidade e regulação da sexualidade na vida humana da

sociedade ocidental tem origem a partir alteração no discurso religioso, no século XVIII, que desloca a centralidade do ato sexual para o desejo, exercendo o controle por meio da confissão. Assim a questão a ser pensada passa do por que somos reprimidos, para por que dizemos que somos.

Em uma perspectiva ampliada, a sexualidade é entendida como resultante de aspectos sociais, intelectuais e emocionais dos seres humanos, justificando o conceito de gênero. Esse é entendido como entidade não uniforme ao longo da história variando entre diferentes sociedades, se constituindo em performances sociais, modos de ser e agir, desempenhados pelas pessoas conforme sua condição, determinados por relações de poder presentes no cerne da estrutura social, portanto a identidade de gênero esta em constante construção tanto individual como nas relações sociais (Giddens, 2012; Grossi, 1998; Butler, 2003).

Desta forma, a diversidade sexual só se justifica enquanto conceito em relação a um padrão estável do que é sexualidade. Na sociedade ocidental este padrão, uma norma, é retratado pela heteronormatividade, entendida como as instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas, às vezes contraditórias, passando despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais, percebida como um estado natural e também se projeta como um objetivo ideal ou moral (Butler, 2003; Berlant; Warner, 2002).

Os discursos da heteronormatividade moldam a organização social e criam limites às outras identidades de gênero. Dessa forma, institui-se a heterossexualidade como única possibilidade legítima de expressar e exercer da identidade e de comportamento sexual. Assim, o diverso se molda em desviante, crime, aberração, patológico, perverso, imoral (Warner, 1993).

Tal percepção social discriminatória tem efeitos sobre os indivíduos que compõe o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), a partir do padrão heteronormativo que os coloca em situação de vulnerabilidade havendo notadamente a sujeição desses atos discriminatórios, com grande impacto na saúde dessa população (Jesus, 2012).

As discriminações enfrentadas por essa população na trajetória de suas vidas não diferem na forma, quando comparado ao resto da população, mas sim no sentido, pois sua prática é justificada, de forma insensata, pela normalidade (Warner, 1993). Os atos discriminatórios são oriundos do preconceito concretizado pelas fobias de gênero, que é o medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais fundamentado na percepção de que alguém vivência uma orientação sexual não heterossexual (Jesus, 2012).

A expressão de identidade não heterossexual que transpareçam características de gênero incongruentes com o sexo ao nascer, a depender do grau de inconformidade, são mais discriminados (Carrara; Vianna, 2006). No serviço de saúde, ambiente familiar, escolar e laboral tradicional e heteronormativo os indivíduos que apresentam identidades de gênero “dissidentes”, geralmente sofrem repressão. Mediante a este contexto de legitimação social das violências contra esta população não são raros os casos de indivíduos que são expulsos de casa ou abandonam a casa da família por não seguirem o padrão heteronormativo (Garcia, 2013).

O conflito familiar é um importante fator de ida para a rua. Conforme dados do último censo da população em situação de rua, realizado em 2008, os conflitos familiares foram responsáveis por 29,1% das idas para a rua, ficando abaixo apenas do desemprego (29,8%) e alcoolismo/drogas (35,5%) (Brasil, 2008).

A população de rua é compreendida como um grupo heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, utilizando logradouros públicos e áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009).

A estimativa, no ano de 2008, é que no Brasil existissem cerca de 50 mil pessoas morando nas ruas. Quase metade da população vive mais de dois anos na rua, sendo que um terço dela vive a mais de 5 anos. Cerca de 70%, costuma dormir na rua o restante dorme em abrigos, outras instituições ou alterna esses com a rua. Neste levantamento não foi questionada a orientação sexual e identidade de gênero dos participantes (Brasil, 2008).

Algumas pesquisas brasileiras com a população de rua, têm trazido, de forma

pontual, questões relativas à orientação sexual e gênero. Escorel (1999), estima que cerca de 60% dos homens moradores de rua do Rio de Janeiro têm relações homossexuais. Lucca (2007), em estudo realizado em um albergue masculino em São Paulo, refere que apesar do preconceito contra homossexuais, há muito “namoro e sexo” entre os homens em situação de rua e os ruídos das relações sexuais são constantes nos dormitórios durante a noite.

Frangella (2004), em trabalho desenvolvido no bairro do Brás em São Paulo, relatou a presença de “homossexuais afeminados” nas ruas e refeitórios dos albergues com um comportamento discreto. Segundo o autor a performance apresentada por esses indivíduos, não impedia a convivência com os outros moradores de rua, entretanto, em alguns momentos, certa estigmatização era presente (Frangella, 2004). No censo da população de rua, realizado pela prefeitura de São Paulo no ano de 2015, se constatou que cerca de 10% dos entrevistados identificam-se como LGBT (São Paulo, 2015).

Pesquisas realizadas no cenário internacional, em centros urbanos da costa oeste dos Estados Unidos, com população jovem e adulta que vive nas ruas ou em abrigos, constataram que cerca de 20% do total da população investigada identifica-se como LGBT (Cochran et al., 2002; Kennedy, 1991; Unger et al., 1997). Uma das hipóteses para esta proporção elevada vincula-se a maior propensão dos jovens LGBT serem expulsos ou saírem de casa de forma precoce, devido ao preconceito, tendo assim que viver nas ruas ou em abrigos quando não possuem uma rede de apoio (Hyde, 2005; Rew et al., 2005; Whitbeck et al., 2004).

No que se refere ao direito à saúde, e no contexto brasileiro, sua inclusão no Sistema Único de Saúde - que parte do princípio que a saúde é um direito de todos e dever do Estado, previsto na Constituição Federal de 1988 e expresso nos fundamentos do Sistema Único de Saúde (BRASIL, 1988) - independentemente da orientação sexual, identidade de gênero e/ou local de moradia das pessoas, entende-se que a atenção à saúde deve ser garantida. Considerando as iniquidades de saúde a que está submetida à população LGBT em situação de rua (Brasil, 2014), é papel do Estado, em conjunto com a sociedade, propor estratégias e ações para que os serviços de saúde possam identificar e atender as necessidades de saúde dessas pessoas.

Além disso, cabe destacar a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, principalmente a Atenção Básica, pelas pessoas em situação de rua (Brasil, 2008; Brasil,

2014). O preconceito e inviabilização social os afastam das equipes e unidades de saúde, e a não efetivação dos consultórios de rua aumenta ainda mais este distanciamento. Dessa forma, a entrada dessas pessoas no sistema público de saúde é geralmente realizada via serviços de urgência e emergência, com situações graves e que colocam em risco a vida (Brasil, 2008; Brasil, 2014).

Compreender a trajetória dessas pessoas é importante para entender seus processos vivenciais, experiências e necessidades. Neste cenário de exclusão e invisibilidade, o presente trabalho objetiva compreender os sentidos construídos pelos moradores de rua do município de Florianópolis/SC, a partir de elementos das narrativas de suas trajetórias sociais no tocante das relações de gênero, acerca das situações que os levaram para as ruas, vivências nesse cenário e relação com os serviços de saúde e assistência social.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que compreende um conjunto de práticas que englobam os sentidos atribuídos pelos indivíduos às experiências e vivências e aos contextos relacionais onde estão inseridas (Bosi; Mercado, 2007; Lincoln, 2000). Sendo construído a partir de uma postura construcionista enquanto suporte epistemológico e metodológico (Gergen; Gergen, 2010; Lorenzi et al., 2014). Partiu-se do pressuposto que os discursos são expressos de formas diferentes dependendo do contexto em que os indivíduos estão inseridos, do local em que se situam, com quem falam, o que lhe foi dito anteriormente, qual a interação estabelecida (Spink, 2010).

A pesquisa foi desenvolvida nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, nas ruas do município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Conhecida no cenário nacional e internacional como cidade *gay-friendly*. A estimativa em 2008 é que a capital catarinense possuía 426 moradores de rua (Brasil, 2008), sendo que não há uma estimativa oficial atualizada da população de rua da cidade, nem levantamento que possibilite a estimativa da população LGBT moradora de rua. A população de rua de Florianópolis, se concentra na região central do município, no bairro Centro e arredores, em que se localiza grande parte dos comércios e serviços, com grande fluxo de pessoas durante o dia. Além disso, nessa região estão algumas das instituições de apoio para esta população (Florianópolis, 2015).

Mediante a configuração do campo de pesquisa, para levantamento de informações

e seleção dos interlocutores para entrevistas, foi adotada uma postura etnográfica, ou como sugerido na postura construcionista, observação no cotidiano, em que o pesquisador participa e interfere no contexto investigado, com ênfase na análise das ações no cotidiano e não do cotidiano, para o desenvolvimento do estudo (Aragaki, et al. 2014).

Deste modo, o pesquisador frequentou diariamente e em diferentes horário os espaços em que os moradores habitam na cidade, inicialmente com o intuito de adentrar ao campo, mediante a dificuldade de acesso aos diálogos e vivências compartilhadas, e posteriormente com o intuito de manter e reforçar os vínculos para o desenvolvimento da pesquisa.

Para registro das informações provenientes da observação no cotidiano, no contato direto do pesquisador com os cenários e interlocutores, no contexto das relações e fora dele foi utilizado o diário de campo. Neste foram registradas as percepções do pesquisador sobre os espaços, ações, expressões, também *insight*, inquietações, dúvida, angústias e sentimentos provenientes da interação, além de partes de relatos expostos durante as conversas informais (Cardona, Cordeiro; Brasilino, 2014).

Após a entrada no campo, em que o pesquisador passou a frequentar os espaços e as relações dos moradores de rua, também foi realizada a coleta de informações por meio de entrevistas individuais abertas (Minayo, 2007). O convite para as entrevistas foi realizado por meio de amostragem de conveniência, sem a pretensão de uma representatividade numérica, foram convidados moradores de rua que possuíssem a experiência e vivência relacionadas ao que se desejava estudar (Patton, 1990). Ou seja, moradores de rua LGBT e/ou heterossexuais, que tivessem como motivo da saída de casa problemas familiares relacionados a questões de gênero. Não foram inseridos na pesquisa moradores de rua com idade inferior a 18 anos ou que possuíssem deficiência mental que impossibilitasse a entrevista.

Os cenários das conversas e entrevistas foram diversos, entretanto em geral foram realizadas nas calçadas, bancos e marquises. As entrevistas foram realizadas de forma dialogada e os entrevistados foram convidados a contar sua trajetória social, sendo que como forma de direcionar a conversa o pesquisador utilizou-se dos seguintes tópicos: Motivos que o levou para rua; Processo da saída de casa e fixação na rua; Motivos que o mantém na rua; Efeitos da expressão de gênero nas relações no contexto da rua (entre os

moradores de rua, com os não moradores de rua e com as instituições de apoio).

A opção pela entrevista individual se justifica pelo interesse em aprofundar a conversa em determinadas trajetórias, todavia neste trabalho esta ferramenta não é entendida como apetrecho para “coleta” de informações pré-existentes, mas sim de co-construção de discursos na interação entre pesquisador e participantes no momento da entrevista (Aragaki, et al. 2014). As entrevistas foram gravadas e após as coletas todas transcritas na íntegra para posterior análise.

A análise foi realizada por meio de imersão do pesquisador nas informações coletadas. As informações não foram enquadradas em categorias ou eixos temáticos pré-estabelecidos, mas sim descritos e relatadas a partir dos sentidos construídos - sobre a expressão de gênero e seus efeitos na trajetória social dos moradores de rua - durante as observações e entrevistas a partir da leitura das transcrições. Após a descrição, foi realizada a reflexão do pesquisador acerca dos sentidos construídos pelos moradores de rua debatendo com a literatura referente ao gênero e aos moradores de rua (Spink; Lima, 2004)

Esta pesquisa foi submetida e aprovada, sob o protocolo nº104963/2015, pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, conforme a Resolução CNS 466/12.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, foram registradas informações sobre vinte e oito moradores de rua, conforme o Quadro 1, que durante o período do campo foram contatados pelo pesquisador, permitindo acessar relatos das suas trajetórias e dialogar sobre os aspectos relacionados a pesquisa. Entretanto, devido ao formato escolhido para construção do campo, a fluidez das relações e instabilidade nos locais de estada na rua, de forma sistemática foram realizadas 9 entrevistas em profundidade e incontáveis diálogos informais, vivências e observações que permitiram a compreensão de algumas construções, valores e dinâmicas que constituem o *habitus* da rua (Langa, 2012). Dessa forma, na construção deste artigo foram privilegiados os relatos das nove pessoas entrevistadas, embora tenha se valido de elementos dos contatos com outros moradores de rua, além das anotações do diário de campo.

<b>Interlocutor</b>	<b>Idade</b>	<b>Município de nascimento</b>	<b>Sexo</b>	<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>Raça/ Etnia</b>
1	25	Salvador	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
2	22	Florianópolis	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
3	32	Canoas	Masculino	Homem	HSH/Heterossexual	Branca
4	30	Fortaleza	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
5	39	Chapecó	Masculino	Homem	Heterossexual	Pardo
6	55	Florianópolis	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
7	35	Uruguai	Masculino	Homem	HSH/Heterossexual	Pardo
8	27	Haiti	Feminino	Mulher	Heterossexual	Negra
9	26	Irani	Feminino	Mulher	Heterossexual	Pardo
10	27	Jaraguá do Sul	Masculino	Homem	Heterossexual	Branca
11	30	Joinville	Masculino	Homem	Heterossexual	Branca
12	38	Lages	Masculino	Homem	HSH/Heterossexual	Pardo
13	32	Belo Horizonte	Masculino	Gay	Homossexual	Negra
14	26	Florianópolis	Masculino	Homem	Heterossexual	Branca
15	50	Palhoça	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
16	29	Florianópolis	Masculino	Homem	HSH/Heterossexual	Negra
17	31	Toledo	Feminino	Mulher	Heterossexual	Branca
18	33	Toledo	Masculino	Homem	Heterossexual	Branca
19	28	Pelotas	Masculino	Homem	HSH/Heterossexual	Negra
20	24	Petrolina	Feminino	Mulher	Heterossexual	Negra
21	30	Pomerode	Masculino	Gay	Homossexual	Branca

22	27	Porto Alegre	Feminino	Lésbica	Homossexual	Branca
23	26	Florianópolis	Feminino	Lésbica	Homossexual	Negra
24	40	Florianópolis	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
25	30	São Paulo	Feminino	Mulher	Heterossexual	Negra
26	19	Saudades	Masculino	Homem	Heterossexual	Negra
27	19	São Carlos	Feminino	Mulher	Heterossexual	Negra
28	40	Urussanga	Masculino	Homem	Heterossexual	Branca

Quadro 1: Perfil dos moradores de rua do município de Florianópolis/SC contatados durante a pesquisa de campo.

Mediante as informações do Quadro 1, é possível perceber que o perfil dos interlocutores desta pesquisa é composto majoritariamente, 71,4%(n=20), por indivíduos do sexo masculino em comparação com o sexo feminino, 28,6%(n=8). Sendo que desse montante 32,2%(n=9) identificam-se como homossexuais ou homens que fazem sexo com outros homens. Tratando especificamente da população LGBT, com ênfase nas identidades lésbicas e gay, identificadas no presente estudo, 14,3%(n=4) da população se autoidentificou como lésbica (n=2) ou gay (n=2), todavia assumiram identidades como sapatão e “viado” para referir-se a sua identidade de gênero. Esta proporção é semelhante a encontrada no último censo da população de rua do município de São Paulo, em que cerca de 10% da população de rua se identificou como não sendo heterossexual (São Paulo, 2015). Sendo que esses interlocutores trouxeram em suas narrativas os conflitos familiares como motivação principal de sua ida para rua.

A ida para a rua geralmente representa a última alternativa do percurso de indivíduos que rompem seus vínculos familiares, redes de amigos e trabalho. Sendo que as trajetórias desses indivíduos são marcadas por complexos processos de vulnerabilidade e desfiliação social (Escorel, 1999).

Devido ao enfoque nas relações de gênero e seus efeitos, as narrativas apresentadas acabam enfatizando estes aspectos, todavia é possível perceber outros elementos implicados, como o uso de drogas e condições socioeconômicas, que contribuem nesse processo de desfiliação, fazendo com que a rua seja um caminho possível. Algumas falas

sugerem esta característica multifatorial:

“Já até te falei na outra vez sou de família muito pobre, minha vó ainda mora na favela ali em São José... Não quero ficar fazendo peso pra eles! Eu sempre usei drogas e assim eles não gostam que eu namore mulher... sai de casa e to aqui né, sempre fiquei no abrigo de menor, mas agora não da mais.” (Interlocutor 23)

“Sou filho de agricultor... ninguém passava fome, mas só tinha pro necessário. Já trabalhei em algumas coisas só que é difícil pra quem mora na rua... e eu cheguei aqui assim com uma mão na frente e outra atrás... sem nada!” (Interlocutor 21)

“Fui mal nascido, família muito pobre sem pai... Não tinha ninguém pra me ajudar quando tive que fugir... Era eu e Deus!” (Interlocutor 13)

Corroborando com esta perspectiva Escorel (1999) sugere que, apesar de muitas trajetórias apresentarem ambiguidades na motivação da ida para a rua, quando as relações familiares são colocadas como motivo principal, em geral, encontram-se associados ao consumo de drogas, os problemas financeiros, a violência, aos conflitos de valores entre os familiares, incapacidade física e doenças mentais.

Nos sentidos construídos entre os moradores de rua, entrevistados, sobre a motivação principal para a saída de casa, destaca-se a diferença de valores entre os membros da família, que levaram a um controle excessivo das atitudes ou mesmo não aceitação das características identitárias do outro. No caso das pessoas lésbicas e gays essa incompreensão motivou agressões constantes, culminando em alguns casos em violências físicas extremas, estopim para a saída de casa.

“Minha vó não queria nem ouvir falar de eu ficar com outras mulheres... as drogas ela até aceitava, já tinha os primos tudo que usava. Só que pra ela mulher tem que gostar de homem e não tem conversa. Ou muda ou vive na porrada” (Interlocutor 23)

“A minha família era tudo, mas pra eles eu não era nada, sempre foi assim. Todo mundo já sabia que eu era viado e quando fui

assumir só faltou bater mesmo... Mas eu já tava acostumado, na escola, na igreja sempre tinha piadas” (Interlocutor 21)

“Eles tentaram me tratar me levaram pra culto na igreja, numa mulher que fazia feitiço... Pensei varias vezes que era doido... E o fim assim ele queria me matar mesmo, achava que era uma coisa ruim e não tinha mais jeito... foram umas oito facadas”(Interlocutor 13)

“Assim, sempre não foi aceito la em casa, mas o que me vez não pensar duas vezes foi depois que o meu pai e meu tio fizeram aquilo comigo... Sabe!? Queriam que eu aprendesse a gostar de pau a força! Era minha dignidade sabe... eu nem consigo falar muito disso.” (Interlocutor 22)

Essas situações vivenciadas nos convidam a pensar, que os cenários progressos desses moradores de rua foram marcados por posturas heteronormativas, considerando a heterossexualidade como única possibilidade aceitável de orientação sexual, sendo essa compulsória e orientada ao que o discurso biomédico entende como sexos. Impondo as pessoas categorizadas no sexo feminino a construir-se enquanto mulheres heterossexuais e aos categorizados no sexo masculino a construir-se como homens, ambos a partir de características e desejos que são social e historicamente naturalizados, designados e impostos desde antes do nascimento (Warner, 1993; Butler, 2003)

Estes sentidos construídos corroboram com os estudos internacionais, na Austrália e Inglaterra, que apontam os conflitos familiares como estopim para a saída de casa das pessoas LGBT moradoras de rua, em geral motivados pela não aceitação das identidades de gênero não heterossexuais (DUNNE, Prendergast; Telford, 2002; Mallett et al., 2009).

Quando observamos as narrativas das pessoas heterossexuais, nota-se, no caso da mulher, as narrativas da “Petrolina” apontam para o papel da figura masculina, no caso o pai, que performa características machistas, exerce controle sobre suas atitudes e performances. Assim, corroborando com o papel do feminino como objeto de posse e controle do masculino (Bourdieu, 1998). Sendo que a postura de resistência a essas atitudes fomentam a exacerbação das atitudes de controle, visto que reforçam a incapacidade de controle sobre as atitudes, julgadas, a partir de uma postura machista,

como incoerentes.

“Era assim, meu pai não queria nem me ver quando ficava sabendo de meus namoricos... E eu queria aproveitar aquela fase sabe... Nem entendia muito. Só que com o tempo aquele loucura dele foi ficando cada vez mais doido e eu fugi... achei que ali minha vida seria uma merda. Ai fui embora, as vezes me arrependo... Mas aqui é bom também...”(Interlocutor 20)

Além disso, no que se refere ao homem, as narrativas do nos remetem as designações papéis sociais na busca e manutenção de uma suposta masculinidade hegemônica (Bento, 2015). As vergonhas da não correspondência desses papéis estabelecidos impõe um processo de sofrimento constante, fazendo com que não se veja outra possibilidade para a solução deste a não ser o rompimento com aquele contexto.

“Ser homem de verdade é dar conta de sustentar a família... não tinha mais como, não conseguia mais serviço de pintura. E já visse homem traído não tem moral nenhuma é uma vergonha... é só piada de todo lado.” (Interlocutor 12)

Cabe observarmos que os sentidos atribuídos a saída de casa pelos moradores de rua variou, enquanto alguns foram forçados a deixá-la, outros buscaram nesta atitude uma forma de evitar a continuidade desses conflitos. Neste sentido, de formas diferentes, os efeitos das expressões de gênero e performances apresentam-se como pontos centrais e definidores na quebra dos vínculos que culminaram na ida para a rua. Todavia, conforme mencionado no início desta seção o processo de ida para a rua é marcado por constantes desfilições, e esse processo, geralmente está acompanhado de outras vulnerabilidades pregressas a vivência nas ruas.

Sabe-se que as violências e não aceitação dos pais, familiares e instituições em relação as expressões de gênero não heterossexuais é uma situação vivenciada no cotidiano das pessoas LGBT (Brasil, 2013b). Assim como as opressões oriundas de posturas machistas, nos diferentes espaços, que colocam mulheres e LGBT em situação de violências constante, na busca de exercer controle e condicionamento de suas vidas (Bourdieu, 1998). Além disso, deve-se considerar os efeitos dos papéis sociais designados aos homens, que apesar de garantir diversos privilégios, convidam essas pessoas a

performar características específicas, muitas vezes contrárias as condições e vontades dessas pessoas (Bento, 2015). Entretanto o caminho entre o rompimento com esses cenários e relações até a chegada e manutenção nas ruas, não parece configurar-se como uma relação direta, tampouco definida exclusivamente pelas identidades ou expressões de gênero. Isso porque, o destino das pessoas que saem de casa mediante os rompimentos e conflitos com familiares não tem a rua como único endereço.

Nesse sentido, cabe-nos considerar efeitos de situações entendidas como estruturais, que possuem efeitos nas condições de vida das pessoas como a economia polarizada, as novas dinâmicas dos trabalhos e a reestruturação demográfica que possibilitam a concentração da riqueza no mundo e consequentemente no Brasil. Este cenário tem como efeitos sequelas sociais que mediante a ineficácia do Estado na promoção de políticas que equalizem essas desigualdades permite a eminência de uma miséria crônica da população (Dowbor, 1998). Neste cenário, os filhos da miséria, com condições sociais e econômicas fragilizadas, assim como seu capital social (Bourdieu, 2001), devido a condições prévias de exclusão, oriundas ou não das relações de gênero, no momento anterior a saída de casa, terão que lidar em suas trajetórias com incertezas e situações que muitas vezes colocará a rua como uma, ou a única possibilidade.

Mediante a isso, surge o convite para pensarmos a rua como uma opção imediata, imposta a essas pessoas, mas também como um espaço de resistência, construção de novas narrativas e enfrentamento - aos que em suas trajetórias se conduzem/são conduzidos a ela - aos diversos tipos de controle e violências que sofrem no âmbito das instituições sociais, com ênfase na família, Estado e escola, que operam a partir de discursos machistas e heteronormativos (Bourdieu, 1998).

Dessa forma, são colocadas duas possibilidades de significação, a partir das narrativas dos moradores de rua e dos sentidos dados sobre elas, a rua é apresentada como um espaço condicionado a pessoas que tiveram e fizeram rompimentos em suas trajetórias e relações, sendo que por um processo complexo de desfiliação social, quebra de vínculos e impossibilidade econômica passaram a residir nas ruas. Entretanto, nesta condição de novo abrigo, este espaço é construído a partir de outros sentidos, e mesmo os que incessantemente lutam para sair da situação atual, constroem suas novas narrativas neste cenário, o transformando inicialmente em um espaço de fuga das situações insustentáveis juntos as famílias, e posteriormente em um espaço de resistência constante, visto que na

rua também vivenciam relações pautadas na heteronormatividade (Foucault, 1979). Eles riem, choram, amam, brigam, matam e morrem, trabalham, ajudam e são ajudados, comem, bebem, urinam, defecam e apesar da vulnerabilidade que estão submetidos, vivem (Langa, 2012).

Antes de adentrarmos a questões dos sentidos sobre as vivências dos moradores de rua com ênfase nas relações de gênero, cabe destacar, que as construções, ou melhor, as reconstruções das identidades de gênero na rua dialogam de forma distante com os conceitos e construções sobre a temática. São influenciadas por características próprias das vivências de rua como a fluidez dos vínculos, as diferentes formas de violências, as necessidade de suprir demandas básicas para manter-se vivo. Dessa forma, mesmo que os moradores de rua apresentados tenham ido para a rua após, ao que podemos chamar de “definição” de sua identidade de gênero, tem neste novo contexto peculiaridades que influenciam diretamente na reconstrução delas, sendo que se entendem as identidades, no contexto da rua ou não, estão em constante transformação (Butler, 2003).

Habitar as ruas, principalmente para os iniciantes, exige uma adequação às regras dos que já se encontram nos “pedaços”, muitas vezes tendo que se submeter a situações de violência e disputas territoriais. Ao construir em seus sentidos as ruas como local de residência, algo não presente em sua recursividade no momento pregresso, essas pessoas rompem com o padrão da casa como local em que se situa a proteção, privacidade e intimidade. Deste modo, passam a viver em um espaço em que estão submetidas ao perigo, a publicidade, e de forma paradoxal ao anonimato, pelas invisibilidades sociais (Langa, 2012). Nessa transformação do espaço público em privado passam a conviver diferentes situações de riscos como a exposição a intempéries, agressões física e diferente formas de violência.

Adentrar na rua exige o desenvolvimento de habilidade que, em outrora não eram exigidas, e até mesmo eram ignoradas, sendo esse um processo compensatório mediante as perdas e os novos obstáculos que lhes são apresentados nessa troca de cenário. Deste modo, essas novas significações se tornam visíveis devido as condições de carência e deficiência que permeiam a vinculação ao novo lugar, geralmente o espaço urbano (Varanda e Adorno, 2004).

No que tange as peculiaridades entre as vivências dos corpos entendidos como

femininos e masculinos, podemos considerar que há grande diferença, devido a aspectos biológicos e construções sociais sobre os papéis designados a cada um deles. As mulheres que residem na rua referem como principal entrave o período menstrual, pois nesta fase, quando não tem condições de acessar absorventes e espaços para higiene, ficam por dias sujas com o sangue proveniente da menstruação.

“Sabes né, sou sapatão só que também menstruo... E é foda quando não tem absorvente e não tem dinheiro! Tem que se lavar com dá... já me limpei até na torneira ali da PM... o sangue fede muito tu lava e fica na roupa...” (Interlocutor 23)

“No final do ano o POP fechou, os caras tavam de férias coletivas parece... eu sempre vou la quando eu to... sabes né quando sai sangue... naqueles dias tive que conseguir uma roupas e fui ali atrás no mar toma banho... a sorte é que é verão” (Interlocutor 20)

Além disso, ser mulher na rua é ser alvo de cobiça pelos homens. A permanência no espaço público faz com que muitas mulheres, heterossexuais e até as lésbicas sejam assediadas e sofram violência sexual, por outros moradores de rua e por agentes da polícia. Neste sentido algumas mulheres buscam proteção na fixação com alguns moradores de rua, que detém certo poder e legitimidade nos “pedaços”. No caso das lésbicas além de associarem-se a outros moradores de rua, formando grupos, geralmente desempenham características agressivas na fala e na forma de se portar entre os demais, sendo que muitas partem para a luta corporal, caso seja necessário.

“Aqui se a polícia vem e te pega, faz o que quer... tu vai reclamar pra quem? Ja teve amiga minha aqui que foi estropada por eles... mas vai reclamar pra quem eles vão acreditar na mulher que mora ali na rua ou no policia” (Interlocutor 22)

“Aqui eles me respeita, ta ligado! Eu não quero nem saber, empurro e faço tudo que dá, se precisar pego um pau e bato na cabeça do cara!” (Interlocutor 23)

“Comigo já aconteceu no início... todo mundo me queria, era carne nova e daí agente bebia, usava droga, depois que meu namorado foi

morto mesmo fiquei um tempo meio que perdida assim sabes, não dava de negar, ja fui com mais um... mas agora nunca mais aconteceu... eu sempre tenho um namoradinho, sabes!? Eles cuida de mim e eu também sei cuidar... se precisar eu brigo.”(Interlocutor 20)

Corroborando com as narrativas dos interlocutores deste trabalho, Varanda e Adorno (2004), em estudo com moradores de rua de São Paulo, afirmam que este mesmo comportamento de impossibilidade de dizer não para as relações sexuais ocorre no contexto investigado por eles, sendo que é constante a busca por alguém que traga proteção. Nesse sentido, percebe-se uma relação que poderíamos observar a partir do discurso da dominação masculina, tanto pela objetificação da mulher quanto pela necessidade ou busca de proteção (Bourdieu, 1998)

Ainda no que tange às mulheres no contexto da rua, foi possível perceber que apesar da pluralidade nas conformações, existem duas formas principais de construir o corpo e performar, a depender das intenções e disposições. Ao adentrar no contexto da rua as mulheres que performam com características fortemente ligadas ao masculino, desde cabelos até roupas, passando pela postura dos gestos e falas são entendidas como distantes para as praticas sexuais, dispensando a proteção dos outros moradores de rua. Já as mulheres que performam com características femininas, com sensualidade exacerbada relacionam-se nas trocas, sexo e necessidade de cuidado pelos moradores de rua. Nesse sentido, desnaturaliza-se a ideia das identidades como condições diretamente ligadas aos desejos ou condições biológicas, entendendo-as como performances implicadas em um processo social complexo que tem por fim a necessidade da sobrevivência no contexto da rua, evitando situações de violência (Butler, 2003).

Já os homens que se identificam como gays, tem o assédio, de forma clandestina “na calada da noite” por seus companheiros de rua, principalmente sob o efeito das drogas (Langa, 2012; Varanda e Adorno, 2004).

“Sempre tem um querendo, bebem, fumam e vem... Ficam carente, tens uns até que choram pra mim.” (Interlocutor 21)

Nota-se também que, de forma geral, os moradores de rua se identificam como “ligados”, “médios” e os “corroídos”. Esses três tipos se relacionam com as condições

físicas e mentais dos moradores de rua, intimamente ligados a forma do consumo de drogas. Os “ligados” são os que estão ativos, se protegem dos perigos, conseguem fazer suas “caminhadas” com bons resultados. Os “médios” conseguem sobreviver bem, dependem do apoio de outros para algumas coisas e as vezes não se importam com a proteção pessoal. Os “corroídos”, nome em referência ao termo “corroído pela droga” usado pra designar as pessoas que estão em estado físico e mental degradado, muitas vezes pela longa vivência nas ruas, associada ao consumo intenso de drogas. Essas características irão ser determinantes no processo relacional e nas possibilidades de proteção e sobrevivência na rua.

Percebe-se que esse contexto está intimamente relacionado com o consumo constante de drogas lícitas e ilícitas. Varanda e Adorno (2004) apontam que esse consumo foi identificado, nas relações sexuais, como forma de censurar os desconfortos provenientes da falta de higiene no contexto da rua. No presente trabalho, não foi identificada esta aversão aos odores entre os moradores de rua, percebeu-se que o uso de drogas é realizado para manter-se acordado durante a madrugada, pela insegurança de dormir nas ruas, como forma de “apagar” pelo consumo excessivo e conseguir dormir, para esquecer os problemas e as lembranças. Além disso, as drogas são moedas de trocas e mediadores para relações sexuais.

“Quando eu comecei dormir na rua tinha muito medo, meu pai tinha me estuprado... Tinha medo de todo mundo... As vezes eu usava droga pra ficar acordada... faço até hoje... E também já usei pra dormir... Usava até apagar e só acordava no outro dia.”(Interlocutor 22)

“Não dá pra ficar aqui sem dar uns pegos é muita coisa que eu penso se to de cara, né? Vivi coisa que se lembro caio na choradeira...” (Interlocutor 25)

“Eu uso de vez enquanto... Quando vou ali pra Alfândega ou la pra Parque da Luz sempre uso mais... Fica mais fácil de conseguir um esquema”(Interlocutor 13)

“Eles sabem que eu transo com outros homens... Ai quando tão com vontade e na fissura vem me oferecer um pedrinha

pra um boquete... querem me comer o cú... Não vou te mentir, as vezes eu vou só que prefiro as mulheres.”(Interlocutor 12)

Nessas relações de trocas por sexo, ou mesmo das relações sexuais sob efeito de drogas, a prática sexual entre homens e mulheres não é exclusiva. É presente na rua, mesmo que em alguns casos de forma velada, a prática de sexo entre homens e entre mulheres moradoras de rua, sendo frequente, apesar das dificuldades espaciais, os moradores de rua que buscam relações tem atividades sexuais frequentes (Langa, 2012).

Além disso, cabe destacar que nas ruas de Florianópolis existe a formação de relações permanentes, hetero e homossexuais, sejam elas formadas antes da ida para rua ou no contexto de rua. Não é raro ver em casais que andam pelo centro durante o dia e colchões de casal compartilhados nas marquises. Todavia, percebeu-se devido a grande demanda de mulheres na rua, devido ao número reduzido, quando comparado a quantidade de homens, um constantemente silenciamento e contraposição as identidades não heterossexuais, no caso das mulheres revelando uma postura heteronormativa e de dominação masculina entre os moradores de rua (Bourdieu, 1998).

“Eu que não gosto de me relacionar com ninguém, cato meu papelão e fico tranquila... Lá uma vez ou outra rola uma paquera com uma menina ou outra... Quando vou dormir em algum lugar que tem umas conhecidas, sempre rola... Mas os rapazes não gostam muito não! Eles ficam olhando e alguns já vieram perguntar se precisava de ajuda.” (Interlocutor 22)

“As mulher tem que ser pros homem... tem muitas que eu sei que gostam de mulher só que não tem coragem de falar sabe... eu até falo com elas sobre essas paradas só que tem muito medo” (Interlocutor 23)

“Tem umas que me acha chata... só que faço aquilo assim... papel de mãe sabe!? É melhor elas fica com uns caras que vão da proteção... aqui não tem meia palavra não fazem... fazem tudo e ninguém sabe. Tam que ser safo!” (Interlocutor 25)

Os trabalhos acerca dos moradores de rua, principalmente os que aprofundam nas vivências cotidianas dessa população, geralmente relações afetivas e sexuais entre homens, sem a identificação como homossexual, além de apontarem personagens gays e casais, todavia não foram encontrados trabalhos que abordem as relações entre mulheres lésbicas, identificadas no presente estudo (Varanda e Adorno, 2004; Langa, 2012; Lucca 2007; Frangella, 2004). Fala-se também da prostituição feminina da população de rua, algo pouco presenciado neste trabalho, apesar do constante contato com o que denominam de “trocas” (Varanda e Adorno, 2004).

“Tem muito maluco que chega na fissura convida pra ir ali no cantinho, no mato... diz que tem uma pedra, uma pinga... até pó ... e quer fazer o alvoroço. La na Parque da Luz é direto. Eu já não vou nessa... mas tem um monte de rapariga que vai assim com qualquer um” (Interlocutor 20)

O que pouco se debate por serem casos “que não se comenta abertamente”, conforme Varanda e Adorno (2004) é a prostituição masculina dos moradores de rua. Sendo que conforme identificado neste trabalho, nas ruas de Florianópolis, é um serviço prestado geralmente para não moradores de rua, apesar de “trocas” serem feitas entre os moradores de rua.

“Eu sou homem... gosto de pega mulher... na rua comecei ser cantado pelos caras. Passam de carro e tal se achando todo e oferecem uma grana. Quando vo nos hotel tomo banho antes e depois... tem vez que é no carro ou numas praças. Tem alguns que faço serviço quase fixo.” (Interlocutor 12)

“Guri, fico aqui na rua e faço minhas caminhadas. So ligado! Pra ganhar um extra como os caras sabe... Só que não conto pra galera da rua senão ficam me tirando... com os outros caras é assim...” (Interlocutor 3)

É constante a prática sexual entre moradores de rua e não moradores de rua há um fluxo constante durante a noite, e locais específicos para as práticas e abordagens, todavia os relatos apontam para práticas exclusivamente vinculadas ao retorno financeiro (Santos, 2011). A prática sexual entre os moradores de rua também existe, todavia na maioria dos

casos é justificada pela necessidade de sexo e falta de mulheres, não sendo vinculada a identidade e expressão de gênero. Sendo que os homens gays são solicitados, entretanto também há sexo entre os que se identificam como heterossexuais.

“Como sou viado quando o pessoal fica doido e bate a vontade tem um monte que se encosta pra querer um carinho... Eu não gosto muito... tens uns que são agressivos... E as vezes tens uns que diz que são machão indo pra uns canto e se escondendo nas cabaninhas (Interlocutor 21)

Dessa forma, pensar em identidades de gênero neste contexto é também lidar com a fluidez, indefinição e não linearidade, nos convidando a dialogar com as identidade a partir de performances que são definidas e definem, são ajustadas e reajustadas conforme as possibilidades e intencionalidades de quem performa (Butler, 2003; Grossi, 1998). Sendo que a expressão de gênero na rua, assim como fora dela, esta intimamente ligada as possibilidade, proximidades e distanciamentos entre os que integram o *habitus* da rua.

Tratando dos distanciamentos, o contato com os moradores de rua com os não moradores de rua na prática da prostituição aponta para uma contradição marcante, pois ao mesmo tempo em que possuem relações extremamente próximas, literalmente adentrando no corpo um do outro durante as relações sexuais, há um comportamento de desconhecimento total nos contatos em outros cenários.

“Eu vejo os caras que já fiz serviço de sexo e quando vem querer fuder com a gente fala, olha e tudo mais... Só que se tu encontra durante o dia nem te olham... uma vez eu acenei pra um, que tava acompanhado, ali na praça XV. Tu não acredita, no outro dia a noite veio atras de mim tirar satisfação... com ele não meto mais” (Interlocutor 12)

“Nem falo com esses pinta durante o dia... É igual a todo mundo, não quer ver o cara, quem ta na rua.” (Interlocutor 3)

Essa percepção de invisibilidade é presente, não só nesta situação. No dia-a-dia dos moradores de rua a experiência da invisibilidade é constante. Apesar de existirem grupos

que se reúnem para levar comida, roupas e até oferecer oportunidades para sair da rua essa relação fica encerrada nestes espaços, sendo que em outras dimensões não há possibilidade de relacionamento, apenas no papel de estar ajudando o que necessita. Nesse sentido, Goffman (2011) considera como desatenção civil o que podemos entender como a naturalização do lugar das pessoas no contexto social, ou seja, a invisibilidade desta população não se trata da sua inexistência deles na recursividade das pessoas, mas sim da existência em um lugar definido e naturalizado.

Além disso, entre os moradores de rua, de forma contraditória, é perceptível, apesar da convivência entre as pessoas com diferentes expressões de gênero, episódios de discriminação entre os moradores de rua em relação aos colegas de rua gays, lésbicas e aos que se prostituem.

“O foda é que tem gente que acha que é melhor que tu só porque tu cobra dos outros pra fuder, sabe!? Tem uma galera aqui que nas noite já me ofereceu uma pedrinha e tal... Dai vem querer avacalhar comigo porque eu faço essas coisas... Faço minha caminhada na tranquilidade sabe...” (Interlocutor 12)

“Já evito ficar perto de quem fica rindo de mim... e tem um monte assim... não tem nada na vida... Eu já sai de casa por isso e aqui fico perto de quem me aceita né... mas tem até agressão de uns aí” (Interlocutor 21)

Langa (2002), ao identificar a presença de homossexuais e homens que fazem sexo com homens na Praça da Gentilândia, em Fortaleza, e conviver com eles durante sua pesquisa de campo, também identificou certa discriminação por parte dos outros moradores de rua moradores de rua. Assim como Frangella (2004), em estudo em São Paulo, que percebeu a convivência de gays com moradores heterossexuais, mas em diversos momentos de estigmatização.

Assim é possível perceber que o *habitus* da rua, supostamente pela sua hegemonia quantitativa de homens que se identificam como heterossexuais, mesmo em um cenário de constante exclusão social, reproduz fobias relacionadas as identidade de gênero não heterossexuais, principalmente voltada as mulheres lésbicas, homens gays e que fazem

sexo com outros homens (Warner, 1993; Jesus, 2012).

Na sociedade, e nos grupos sociais, são estabelecidos meios de categorizar as pessoas, sendo que essas são consideradas a partir de um total de atributos naturalizados e considerados comuns para os membros. Sendo que a partir desses atributos os ambientes sociais estabelecem quais pessoas você pode encontrar nesses espaços (Goffman, 1975). Aos que não se conformam nessas características, os indesejáveis, Goffman (1975) usa a categoria estigma, ou seja, “algo mau” que não se conforma as regras para sua definição.

Nesse sentido, quando se fala em Florianópolis, dificilmente se falará em moradores de rua, assim como quando acontece o diálogo inicial com os moradores de rua desta cidade, dificilmente será falado nas diferentes expressões de gênero, há uma normalização que a homossexualidade como uma característica comum daquela população, sendo que as outras formas de expressão passam a ser estigmatizadas (Warner, 1993). Todavia, ao adentrar no contexto da rua e passar a conviver no cotidiano, começam a aparecer essas pessoas que sofrem uma dupla estigmatização, por morarem na rua e por ser lésbica ou gay, sem considerar as travestis e transexuais que mesmo convivendo no cotidiano das ruas não teve contato, apesar de ter ouvido histórias sobre a presença delas.

Mesmo neste cenário, considerando a fluidez nas relações e convívências nas ruas, as narrativas apontam para uma possibilidade de expressão das identidades gênero diferente, com menos amarras, das que tinham quando não moravam nas ruas.

“Aqui eu consigo ser quem eu sou... uso minha droga, sempre que quero tenho uns namoricos... mas eu quero mesmo é que a minha gata volte... acho vou até querer sair daqui...” (Interlocutor 23)

“Eu estou bem assim, quero sair daqui, mas nunca pra voltar pra casa... nem sei se meu pai já morreu ou não... só que aqui eu sei que tenho que me cuidar sempre e faço assim, mas é melhor que antes...” (Interlocutor 22)

“Ser viado na rua não é fácil, mas prefiro do quando tava em casa... Aqui tu não da satisfação pra ninguém...” (Interlocutor 21)

Nesse sentido, conforme apontado anteriormente a rua se conforma não apenas como uma situação imposta, mas também como um espaço de resistência as violências sofridas (Foucault, 1979). Sem desconsiderar o processo de exclusão a que estão submetidos ao habitarem as ruas - é possível perceber que este movimento de saída de casa e a permanência nas ruas implica em ações de agência que os permitem construir nas ruas espaços seus espaços de vivências e em alguns casos, durante este período, vislumbrar uma saída dela (Giddens, 1989).

Para isso destacam-se as relações de apoio entre os moradores de rua, que se configuram enquanto uma formação de laços, ora duradouros, ora efêmeros, que os permitem enfrentarem e sobreviver às situações do dia-a-dia. Este conjunto de pessoas é formado geralmente por moradores de rua que frequentam o mesmo “pedaço”, ou mesmo formação de pequenos grupos, que passam um tempos juntos, na busca por fontes de renda, trabalhando, mangueando ou mesmo cometendo pequenos furtos para, manter seu estilo de vida, comprando drogas e comida (Bourdieu, 2001). Esses grupos, raramente são compostos por não moradores de rua, entretanto, há casos de comerciantes e pessoas que convivem diariamente com a população de rua, além dos grupos que se reúnem para auxiliar de alguma forma essa população (Giorgetti, 2014).

Durante a pesquisa foi possível perceber que as relações criadas entre eles e com o espaço da rua, apesar de fluídas, são os principais motivos para manutenção das pessoas na rua. Sendo que foi possível observar alguns ex-moradores de rua, que atualmente estão empregados e com domicílio indo passar a noite na rua com os colegas. Além do uso de drogas, o espaço de convivência a conformação física do espaço das ruas, sem paredes é algo que aparentemente causa conflitos no retorno para uma casa. Essas questões devem ser pensadas, principalmente pelas políticas e estratégias que visam possibilitar caminhos para que estas pessoas deixem de habitar as ruas.

Na relação com as instituições de apoio, como albergues e centro POP, nota-se que há grande dificuldade de acesso e algumas críticas à forma como os serviços são conduzidos. As regras rigorosas, a limitação no horário de entrada e saída, a violência dos funcionários, assim como o número limitado de vagas distancia alguns moradores de rua destes espaços.

“Eu não fico la no albergue, tem guarda que trata nós que nem

bicho. E é tudo com regra, tem que chegar e sair tudo bem certinho. Só me fala como vou conseguir levantar minha grana com os caras na rua? Ficar la dormindo pra mim não da!” (Interlocutor 12)

“Curto o POP, mas tem uma galera la que é muito folgada, parece que tão fazendo favor pra gente, sabe... E tem fila... As vezes acaba a comida e tu fica la...” (Interlocutor 22)

Além disso, em Florianópolis no verão, devido ao grande fluxo de moradores de rua de outros lugares, as situações dessas instituições ficam ainda piores, sendo que os conflitos entre os moradores de rua e também com os funcionários não são raros. Por outro lado incursões policiais nos “pedaços” são constantes, sendo que muitas vezes os pertences são retirados e jogados no lixo.

“No verão vem um monte de gente pra ca, tem uns hippies e tudo, até de outro país. Não deixo eles crescerem aqui não coloco respeito... eles que vão respeitar... E na fila do POP tem um monte desses agora no verão!” (Interlocutor 23)

“O assim, é foda toda semana vem a CONCAP com a polícia... Dai tem que deixar tudo arrumado aqui e tem uns que deixam tudo jogado... Eles vem e leva tudo, joga no caminhão do lixo o que tiver pela frente!” (Interlocutor 11)

Nota-se que as atividades institucionais, mediante as políticas públicas partem de um pressuposto que podemos denominar como assistencialista, sendo que há a justificação de uma postura de medicalização deste fenômeno (Varanda e Adorno, 2004). Sendo assim, configuram-se de forma a reduzir um problema social de grande complexidade por meio de “diagnósticos” específicos e, em muitos casos, partindo de preceitos higienistas, visando apenas a remoção dessas pessoas dos centros urbanos, ou dos locais de interesse econômico, despreocupando-se com o que lhes é proporcionado para sair da rua ou manter-se nesse espaço em melhores condições (Foucault, 1979). Percebe-se que os serviços de saúde, também tendem a trabalhar a partir desse enfoque reducionista.

No que tange a Atenção Básica de Saúde, e os Consultórios de Rua é nítido o não acesso dessa população aos serviços. Além do desconhecimento em relação aos direitos

um dos principais entraves é o auto preconceito que faz com que em muitos casos não se busque os serviços de saúde.

“Nem sabia que existia esse tal de consultório pra morador de rua... no postinho nem vou aqui da prainha nem vou, tem gente que vai e é enxotado na entrada! E também tenho vergonha de como to, as vezes fico com cheiro ruim e as pessoas sabem que moro na rua...” (Interlocutor 23)

“Eu fui uma vez ali no continente e me deixaram esperando... olhavam torno assim, tava quase fechando e não me chamavam pra nada... Ainda voltei uma vez, um dia não me deixaram entrar dizendo que tinha muita gente ai nunca mais fui” (Interlocutor 22)

O material desenvolvido pelo Ministério da Saúde para atenção a população de rua brasileira (Brasil, 2014) já apontava para a necessidade de abertura da rede assistencial, principalmente da Atenção Básica para o acompanhamento dessas pessoas, entretanto, nota-se ainda a necessidade de um avanço neste sentido. Entretanto é notável as narrativas que referem as necessidades de saúde, desde cuidados básicos na confecção e troca de curativos, até casos de doenças pulmonares, HIV/AIDS entre outros.

Dessa forma, percebe-se que a falta de uma atenção adequada no nível primário, faz com que os moradores de rua acessem os serviços e apresentem demandas de saúde apenas nas formas agudas, quando não conseguem mais conviver com a dor ou se acidentam, deslocam-se para unidade hospitalares para serem atendidos na emergência (Brasil, 2014).

“Quando eu to doente tento me virar, pego um remédio com um conhecido... só que as vezes, só quando to muito mau sabe quase morrendo eu vou na emergência... uma vez tive um acidente e o SAMU me levou... assim entra direto, quando vai direto eles pedem um monte de coisa até atende mas demora.” (Interlocutor 13)

“Eu vou no hospital, já foi negado atendimento porque eu tava sem documento e não tenho endereço... Depende de quem ta ali atendendo sabes...” (Interlocutor 21)

A expressão de gênero não heterossexual foi colocada como um entrave na forma de atendimento nos serviços de assistência e saúde, visto que parece ser a única dificultadora de acesso, pois a condição de ser morador de rua já lhes trás este um entrave neste sentido. Todavia foi possível perceber que atitudes preconceituosas dos profissionais que atuam nos serviço de saúde e assistência e de outros moradores de rua que compartilham os espaços, como chacotas e ofensas devido direcionadas para a expressão de gênero foram determinantes para aumentar o hiato entre essas pessoas e os serviços (Langa, 2002; Frangela, 2004).

“Isso não é levado em conta... eles devem achar que eu tenho AIDS só de ficar na rua já é motivo pra ficar assim sujo e acabado... Dai tu já viu tem medo até de chegar perto de ti. Olha lá é uma bicha, falou pra amigas uma guarda do posto de saúde. E uma outra que tava com ela disse assim: é bicha de rua vaza daqui!” (Interlocutor 21)

“Fui no POP e sentou um cara do meu lado... Não sei que é ele e já me olhou meio torto! Eu já perguntei pra ele o que ele queria assim sabe na cara... E ele ficou se rindo todo e falou: “ó a sapata ta brabinha, vai me bater...” (Interlocutor 23)

Neste sentido, pensar a situação de rua para pessoas LGBT, ou mesmo observando os aspectos das relações de gênero implicadas neste contexto de modo geral, é lidar com pessoas e histórias que são narradas e construídas nas condições mais vulneráveis que o ser humano pode experimentar a vida na rua. E, além disso, lidar com o sofrimento proveniente dos discursos de estigmatização, com base no preconceito pela condição atual, e com limitações e imposições causadas pelas identidades de gênero, que, muitas vezes, foram os motivos de rompimento com contextos violentos progressos. Sendo que essas violências continuam a bater nas suas portas invisíveis, pois o *habitus* heteronormativo, não é construído e reconstruído apenas dentro de casa, ele, principalmente na sociedade ocidental, é baliza para a construção e operação dos discursos que conformam e formam os diversos espaços de vivência, inclusive a rua.

Por outro lado, também é olhar para essas situações, que narramos a atribuímos como violentas, e conviver com pessoas que, por mais que tenham o peso da vida e de suas

experiências cotidianas, não poupam sorrisos, companheirismo, ajuda mútua, satisfação/insatisfação com sua situação atual e principalmente vontade de viver e continuar construindo suas trajetórias, dentro e/ou fora das ruas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste estudo, mas principalmente durante a fase de campo enquanto houve contato direto e constate com os interlocutores desta pesquisa, foi possível perceber que as relações de gênero estão intimamente relacionadas com o processo de desfiliação e quebra de vínculos familiares que culmina na saída de casa e direcionamento para as ruas. Entretanto, mais do que isso, os efeitos dos padrões impostos para a sexualidade, no caso a heteronormatividade, permeiam também *habitus* da rua fazendo com que pessoas lésbicas e gays também sofram discriminação por sua identidade de gênero e condição de morador de rua.

No entanto, cabe destacar que mediante ao machismo, que também se estabelece nas relações sociais no contexto da rua, uma hierarquização e relações de violência contra mulheres heterossexuais homens heterossexuais e que praticam sexo com outros homens, apesar da prática ser constante entre a população.

De modo geral, foi possível perceber uma cultura própria da rua, imersa em um cenário de liminaridade social e econômica. Os moradores de rua participantes da pesquisa apresentaram códigos próprios e regras no sentido de garantia de segurança contra os danos a que entendem estar submetidos. Embora seja uma população marcada pela pluralidade, tanto nas trajetórias quanto nos objetivos futuros, a situação atual de adversidades os convida a desenvolver novas alternativas, construindo a rua com um novo significado possibilitando novas formas de relação, que de se distanciam, mas ao mesmo tempo se inspiram em narrativas e discursos de outros grupos sociais, que em outrora fizeram parte. Nesse sentido, adentrar neste espaço, seja para o desenvolvimento de uma pesquisa, mas principalmente na condição de “novo morador de rua” requer um processo de negociação e reconstrução das identidades, a partir de narrativas e possibilidades de um contexto liminar.

Visto isso, a atenção à saúde dessa população suscita grandiosos desafios ao Sistema Único de Saúde, em especial a Atenção Básica, não apenas devido às condições de saúde precárias dessa população, mas também ao que tange a articulação das políticas

públicas que deem conta de abordar essa população a partir de suas necessidades, levando em consideração, além do contexto social e econômico necessidades específicas como as identidades de gênero, tendo em vista os princípios da universalidade, equidade e integralidade.

Nesse sentido, há necessidade de rever o enfoque das estratégias públicas e privadas ainda voltadas para ações de higiene social, por meio de ações coercitivas, com recolhimento de pertences, implantação de “estratégias anti-morador de rua” em viadutos e marquises, com a intenção de retirar a população das regiões centrais da cidade. Além disso, repensar as estratégias da assistência social, ainda voltadas para o assistencialismo e com cobertura insuficiente. Nesse caminho, que mediante o cenário político/ideológico passa a ser um desafio ainda maior, se espera que a população de rua possa significar esses cenários, entre ou extramuros, como locais de exercício de direitos e cidadania.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGAKI, S. S. et al. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In: SPINK, M.J.P. et al. *A produção de informação na pesquisa social: A produção de informação na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Cap. 3. p. 57-72.

BENTO, B. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo em Público. In: JIMÉNEZ, R. M. M. (editor). *Sexualidades transgressoras*. Barcelona: Içaria, 2002.

BOSI, M. L. M.; MERCADO, F. J. *Pesquisa qualitativa de serviços de saúde*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 1998.

BOURDIEU, P.. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.67-69.

BRASIL. *Constituição Federal Brasileira de 1988*. Título VIII – Da Ordem Social. Capítulo II – Da Seguridade Social. Seção II – Da Saúde. Artigos 196 a 200. Brasília, DF,

1988.

BRASIL. *Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. *Política Nacional para inclusão Social da População em situação de Rua*. Brasília, DF, 2009.

BRASIL. *Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil: ano de 2012*. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

BRASIL. *Saúde da população em situação de rua: um direito humano*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. *Saúde da população em situação de rua: um direito humano*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilizacao brasileira, 2003.

CARDONA, M. G.; CORDEIRO, R. M.; BRASILINO, J. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, M.J.P et al. *A produção de informação na pesquisa social: A produção de informação na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Cap. 6. p. 123-148.

CARRARA, S.; VIANNA, A. R. Tá lá o corpo estendido no chão...": a violência letal contra travestis no município do rio de janeiro. *Physis, SciELO Brasil*, v. 16, n. 2, p. 233–249, 2006.

COCHRAN, B. N. et al. Challenges faced by homeless sexual minorities: Comparison of gay, lesbian, bisexual, and transgender homeless adolescents with their heterosexual counterparts. *American Journal of Public Health*, American Public Health Association, v. 92, n. 5, p. 773–777, 2002.

DOWBOR, L. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUNNE, G. A.; PRENDERGAST, S.; TELFORD, D. Young, gay, homeless and invisible: a growing population? *Culture, Health & Sexuality*, Taylor & Francis, v. 4, n. 1, p. 103–

115, 2002.

ESCOREL, S. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Assistência Social. 2015. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?pagina=servlistagem>>.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979.

FRANGELLA, S. M. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo*. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

FRANGELLA, S. M. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo*. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.

GARCIA, M. R. V. Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao hiv/aids. *Temas em Psicologia*, Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 21, n. 3, p. 1005–1019, 2013.

GERGEN, K. J.; GERGEN, M. *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. [S.l.]: Editora do Instituto NOOS, 2010.

GIDDENS, A. *Sociologia*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIORGETTI, Camila. *Moradores de rua: uma questão social?*. São Paulo: Fapesp, Educ, 2014.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011. 255 p

GROSSI, M. P. *Identidade de gênero e sexualidade*. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1998.

HYDE, J. From home to street: Understanding young people's transitions into

- homelessness. *Journal of Adolescence*, Elsevier, v. 28, n. 2, p. 171–183, 2005.
- JESUS, J. G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2012.
- KENNEDY, M. R. Homeless and runaway youth mental health issues: No access to the system. *Journal of Adolescent Health*, Elsevier, v. 12, n. 7, p. 576–579, 1991.
- LANGA, E.N.B. *Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e exclusão: identidades em construção nas trajetórias e percursos*. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- LINCOLN, Y. S. *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications, 2000.
- LORENZI, C. G. et al. *Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento*. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Instituto NOOS, 2014.
- LUCCA, D. D. *A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua*. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MALLETT, S. et al. *Moving out, moving on: young people's pathways in and through homelessness*. [S.l.]: Routledge, 2009.
- MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- PATTON, M. Q. *Qualitative evaluation and research methods*. Beverly Hills, CA: SAGE Publications, inc, 1990.
- SANTOS, Manoel Antônio dos. Prostituição masculina e vulnerabilidade às dsts/aids. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 76-84, Mar. 2011.
- SÃO PAULO. *Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua: Caracterização Socioeconômica da População Adulta em Situação de Rua e Relatório Temático de Identificação das Necessidades desta População na Cidade de São Paulo*. São Paulo, SP, 2008.
- SPINK, M. J. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: BVCE, 2010.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, Cortez São Paulo, v. 2, p. 93–122, 2004.

UNGER, J. B. et al. Homeless youths and young adults in los angeles: Prevalence of mental health problems and the relationship between mental health and substance abuse disorders. *American journal of community psychology*, Springer, v. 25, n. 3, p. 371–394, 1997.

VARANDA, W.; ADORNO, R.C.F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, [s.l.], v. 13, n. 1, p.56-69, abr. 2004.

WARNER, M. *Fear of a queer planet: Queer politics and social theory*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

WHITBECK, L. B. et al. Mental disorder, subsistence strategies, and victimization among gay, lesbian, and bisexual homeless and runaway adolescents. *Journal of sex research*, Taylor & Francis, v. 41, n. 4, p. 329–342, 2004.

## APÊNDICE B - ARTIGO 2



## **TRAJETÓRIAS SOCIAIS: AS VIVÊNCIAS DE GAYS E LÉSBICAS MORADORES DE RUA DE FLORIANÓPOLIS (SC), 2016.**

*SOCIAL TRAJECTORIES: HOMELESS GAYS AND LESBIANS EXPERIENCES IN FLORIANÓPOLIS - SC*

### RESUMO

O presente trabalho apresenta a trajetória de lésbicas e gays moradores de rua do município de Florianópolis/SC, discutindo-as a partir das narrativas acerca das relações de gênero. A pesquisa foi desenvolvida nos meses de janeiro e fevereiro de 2016, com postura construcionista social, utilizando entrevistas individuais e registros provenientes da observação participante. A submissão constante a atos violentos e de discriminação, nas vivências das rua e antes dela, foi apresentado pelos interlocutores como um limitador para o exercício de suas expressões de gênero. Além disso, as identidades de gênero foram importantes no processo de desfiliação, tendo efeitos diretos nas vivências e possibilidades de narrativas no contexto da rua.

Palavras-chave: Moradores de Rua. Gay. Lésbica. Trajetória Social. Construcionismo Social.

### ABSTRACT

This article presents the history of lesbians and gay people homeless in the city of Florianópolis/SC, discussing them from the narratives about gender relations. The survey was developed in the months of January and February 2016, with social constructionist stance, using personal interviews and records from the participant observation. The constant submission to acts of violence and discrimination, in the experiences of street and before her, was presented by the interlocutors as a limiter for the exercise of their gender expression. Moreover, gender identities were important in the disaffiliation process, having direct effects on the experiences and possibilities of narratives in the street context.

Key-words: Homeless; Gay; Lesbian; Social Trajectory; Social Constructionism.

### INTRODUÇÃO

Na construção das cidades há distinção entre o espaço público e o privado. Os espaços públicos são organizados para receber as pessoas por um determinado tempo, ou

seja, são locais de passagem, de lazer, de comércio e serviços. O ambiente privado é construído para guardar a intimidade, seja no âmbito doméstico ou do trabalho.

Nesse sentido, o espaço público e o privado não são espaços “neutros” e dados em termos sociais/culturais. Do mesmo modo que acontece na arte, as formas dadas aos espaços públicos e privados são efeitos das construções sociais e relações de poder de um período (Lorenzi et al., 2014). Assim, há formas de expressão, comportamento, estilo, gestualidade, tipo de discurso que são privilegiadas, em função do que é mais valorizado pelos grupos hegemônicos (Fraser et al., 1997)

A discussão da construção, utilização e legitimação de discursos no espaço público e privado é central quando se trata da população de rua. Neste caso há uma junção dos âmbitos público e privado, na medida em que o espaço público é também o privado e vice-versa. Assim o cenário do morador de rua é o espaço público, todavia esse é negado a ele, mais do que a qualquer outro cidadão. Dessa forma, mais do que viver nela ele constrói novos sentidos para este cenário sobrevivendo aos desafios que a falta de previsibilidade e de constância impõe (Quintao, 2012).

A população de rua é compreendida como um grupo heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, utilizando logradouros públicos e áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Brasil, 2009). Sendo que os estudos sobre as relações de gênero e sexualidade com esta população ainda são restritos, sendo abordados no seu surgimento na pesquisa de campo, mas pouco como enfoque da pesquisa.

Em uma perspectiva ampliada, a sexualidade é entendida como resultante de aspectos sociais, intelectuais e emocionais dos seres humanos, justificando o conceito de gênero. Esse é entendido como entidade não uniforme ao longo da história variando entre diferentes sociedades, se constituindo em papéis sociais, modos de ser e agir, desempenhados pelas pessoas conforme sua condição, determinados por relações de poder presentes no cerne da estrutura social, portanto a identidade de gênero esta em constante construção tanto individual como nas relações sociais (Giddens, 2012; Grossi, 1998; Butler, 2003).

Na sociedade ocidental este padrão, uma norma, é retratado pela heteronormatividade, entendida como as instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas, às vezes contraditórias, passando despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais, percebida como um estado natural e também se projeta como um objetivo ideal ou moral (Berlant; Warner, 2002).

Os efeitos das narrativas construídas a partir desse padrão resultam em violências e discriminações nas trajetórias da população LGBT, sendo que essas não diferem na forma, quando comparado ao resto da população, mas sim no sentido, pois sua prática é justificada, de forma insensata, pela normalidade (Warner, 1993). Os atos discriminatórios são oriundos do preconceito concretizado pela homofobia, que é o medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais fundamentado na percepção de que alguém vivência uma orientação sexual não heterossexual (Jesus, 2012).

Destaca-se, mediante a intencionalidade deste artigo, que no serviço de saúde, ambiente familiar, escolar e laboral tradicional e heteronormativo os indivíduos que apresentam identidades de gênero “dissidentes”, geralmente sofrem repressão. Mediante a este contexto de legitimação social das violências contra esta população não são raros os casos de indivíduos que são expulsos de casa ou abandonam a casa da família por não seguirem o padrão heteronormativo (Garcia, 2013).

Segundo o último censo realizado com população brasileira de rua em 2008, o conflito familiar é um importante fator de ida para a rua. Conforme dados apresentados, segundo relato dos participantes, eles foram responsáveis por 29,1% das idas para a rua, ficando abaixo apenas do desemprego (29,8%) e alcoolismo/drogas (35,5%). Entretanto neste levantamento não foi questionado o motivo do conflito familiar e não houve questões que abordassem as relações de gênero, orientação sexual e identidade de gênero dos participantes (BRASIL, 2008).

Algumas pesquisas brasileiras com a população de rua têm trazido, de forma pontual, questões relativas à orientação sexual e gênero, demonstrando a presença constante de pessoas que se identificam como LGBT moradora de rua, assim como

homens que fazem sexo com outros homens (Escorel, 1999; Frangella, 2004; Lucca, 2007; Langa, 2012). Com destaque para o censo da população de rua, realizado pela prefeitura de São Paulo no ano de 2015, em que cerca de 10% dos entrevistados se identificam como LGBT (São Paulo, 2015).

Pesquisas realizadas no cenário internacional também identificaram a presença de pessoas LGBT entre a população de rua (Cochran et al., 2002; Kennedy, 1991; Unger et al., 1997). Sendo que esta situação está relacionada a maior propensão dos jovens LGBT serem expulsos ou saírem de casa de forma precoce, devido ao preconceito, tendo assim que viver nas ruas ou em abrigos quando não possuem uma rede de apoio (Hyde, 2005; Rew et al., 2005; Whitbeck et al., 2004; Dunne, Prendergast e Telford, 2002; Mallett et al., 2009).

Na literatura internacional também são descritas peculiaridades da população LGBT em situação de rua quando comparada com a que se identifica como heterossexual: maior frequência de violência (física e sexual) no ambiente familiar e na rua, após a saída de casa (Whitbeck et al., 2004); maior vulnerabilidade ao uso de álcool e substâncias ilícitas (Cochran et al., 2002); sofrem maior discriminação no contexto da rua, tanto pelos outros moradores como pela polícia (Milburn et al., 2006); apresentam maior número de parceiros sexuais (Cochran et al., 2002); e realizam com maior frequência a troca de alimentos, drogas, abrigo e/ou dinheiro por atividade sexual, sendo mais propensos a ingresso na prostituição (Whitbeck et al., 2004; Kruks, 1991; Pennbridge; Freese; Mackenzie, 1992).

Corroborando com os estudos norte-americanos, os dados do censo da prefeitura de São Paulo apontam que a população de LGBT em situação de rua no município apresenta maior vulnerabilidade que os heterossexuais. Segundo a pesquisa há mais pessoas LGBT exercendo a mendicância e atividades marginalizadas (prostituição, venda de drogas e roubo) quando comparadas com a população heterossexual. Além disso, há maior vulnerabilidade a acometimento por doenças sexualmente transmissíveis e tuberculose, como também ao uso de drogas ilícitas (São Paulo, 2015).

Assim, mediante as peculiaridades apresentadas, compreender a trajetória dessas pessoas é importante para entender seus processos vivenciais, experiências e necessidades. Para isso, neste trabalho será utilizada a perspectiva de trajetória social, a compreendendo

como discurso construído, forma de olhar que possibilita a compreensão de narrativas e construção de sentidos (Gergen; Gergen, 2010). As trajetórias sociais, contrárias a biografia, no que Bourdieu (1996b) chama de ilusão biográfica, podem ser compreendidas como uma maneira singular de percorrer e construir as narrativas no espaço onde se exprimem as disposições do *habitus*<sup>1</sup>, ou seja, que determinados deslocamentos ou sentidos implicam na exclusão de outras possibilidade de construir e narrar as trajetórias, sendo assim ela é única e situacional (Bourdieu, 1996).

Visto isso, este estudo objetivou compreender e discutir as narrativas sobre as trajetórias sociais de moradores de rua que se identificam como lésbicas e gays, do município de Florianópolis/SC.

## PERCURSO METODOLOGICO

Este é um estudo qualitativo, ou seja, um conjunto de práticas que englobam os sentidos atribuídos pelos indivíduos às experiências e vivências e aos contextos relacionais onde estão inseridas (Bosi; Mercado, 2007; LINCOLN, 2000). Construído a partir de uma postura construcionista enquanto suporte epistemológico e metodológico (GERGEN; Gergen, 2010; Lorenzi et al., 2014) entendendo que os discursos são expressados de formas diferentes dependendo do contexto em que os indivíduos estão inseridos, do local em que se situam, com quem falam, o que lhe foi dito anteriormente, qual a interação estabelecida (Spink, 2010).

A pesquisa foi desenvolvida em janeiro e fevereiro de 2016, nas ruas do bairro Centro, do município de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Conhecida no cenário nacional e internacional como cidade *gay-friendly*. A estimativa em 2008 é que a capital catarinense possuía 426 moradores de rua (Brasil, 2008a), sendo que não há uma estimativa oficial atualizada da população de rua da cidade, nem levantamento que possibilite a estimativa da população LGBT moradora de rua. A população de rua de Florianópolis, se concentra na região central do município, no bairro Centro e arredores,

---

<sup>1</sup> O *habitus* é um conceito de Pierre Bourdieu definido como “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e O *habitus* é um conceito de Pierre Bourdieu definido como “Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a percepção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para os atingir; objetivamente “regrados” e “regulares” sem ser de forma alguma o produto da obediência a regras, e, sendo assim, coletivamente orquestrados sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.” (BOURDIEU, 1983, pag.65).

em que se localiza grande parte dos comércios e serviços, com grande fluxo de pessoas durante o dia. Além disso, nessa região estão algumas das instituições de apoio para esta população (Florianópolis, 2015).

Mediante a configuração do campo de pesquisa, para levantamento de informações e seleção dos interlocutores para entrevistas, foi adotada uma postura etnográfica, ou como sugerido na postura construcionista, observação no cotidiano, em que o pesquisador participa e interfere no contexto investigado, com ênfase na análise das ações no cotidiano e não do cotidiano, para o desenvolvimento do estudo (Aragaki, et al. 2014). Deste modo, o pesquisador frequentou diariamente e em diferentes horário os espaços em que os moradores de rua se concentram, inicialmente com o intuito de adentrar ao campo, mediante a dificuldade de acesso aos diálogos e vivências compartilhadas, e posteriormente com o intuito de manter e reforçar os vínculos para o desenvolvimento da pesquisa.

Para registro das informações provenientes da observação no cotidiano, no contato direto do pesquisador com os cenários e interlocutores, no contexto das relações e fora dele foi utilizado o diário de campo. Neste foram registradas as percepções do pesquisador sobre os espaços, ações, expressões, também *insight*, inquietações, dúvida, angústias e sentimentos provenientes da interação, além de partes de relatos expostos durante as conversas informais (Cardona; Cordeiro; Brasilino, 2014).

Após a entrada no campo, em que o pesquisador passou a frequentar os espaços e as relações dos moradores de rua, também foi realizada a coleta de informações por meio de entrevistas individuais abertas (Minayo, 2007). O convite para as entrevistas foi realizado por meio de amostragem de conveniência, sem a pretensão de uma representatividade numérica, foram convidados moradores de rua que possuíam a experiência e vivência relacionadas ao que se desejava estudar (Patton, 1990). Ou seja, moradores de rua LGBT e/ou heterossexuais, que tivessem como motivo da saída de casa problemas familiares relacionados a questões de gênero. Não foram inseridos na pesquisa moradores de rua com idade inferior a 18 anos ou que possuíssem deficiência mental que impossibilitasse a entrevista.

Os cenários das conversas e entrevistas foram diversos, entretanto em geral foram realizadas nas calçadas, bancos e marquises. As entrevistas foram realizadas de forma

dialogada e os entrevistados foram convidados a contar sua trajetória social, sendo que como forma de direcionar a conversa o pesquisador utilizou-se dos seguintes tópicos: Motivos que o levou para rua; Processo da saída de casa e fixação na rua; Motivos que o mantém na rua; Efeitos da expressão de gênero nas relações no contexto da rua (entre os moradores de rua, com os não moradores de rua e com as instituições de apoio).

A opção pela entrevista individual se justifica pelo interesse em aprofundar a conversa em determinadas trajetórias, todavia neste trabalho esta ferramenta não é entendida como apetrecho para “coleta” de informações pré-existentes, mas sim de co-construção de discursos na interação entre pesquisador e participantes no momento da entrevista (Aragaki, et al. 2014). As entrevistas foram gravadas e após as coletas todas transcritas na íntegra para posterior análise.

Durante a fase de campo foi realizado contato com 28 moradores de rua, com esses o pesquisador conviveu durante o percurso do campo, realizando conversas informais que foram registradas no diário de campo, sendo que com 9 deles foi possível realizar entrevistas em profundidade.

A análise foi realizada por meio de imersão do pesquisador nas informações coletadas. Foram selecionadas quatro entrevistas, entre as nove realizadas, em que as trajetórias foram descritas de acordo com as narrativas apresentadas nas entrevistas e elementos oriundos dos registros no diário de campo. Nesta etapa também foi empregado o critério de conveniência (Patton, 1990), sendo selecionados apenas os moradores de rua que se identificaram como LGBT. A descrição das trajetórias foi balizada pelos tópicos utilizados na condução das entrevistas sendo que foi realizada a reflexão do pesquisador acerca dos sentidos construídos pelos moradores de rua debatendo com a literatura referente ao gênero e aos moradores de rua (Spink; Lima, 2004)

O presente estudo foi submetido e aprovado, sob o protocolo nº104963/2015, pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, conforme a Resolução CNS 466/12.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a imersão nas ruas do centro de Florianópolis, nos dois meses de contato constante com estes cenários, foram realizadas conversas com muitos moradores de rua.

Neste processo dialógico foram construídos significados sobre suas vidas e trajetórias os convidando a pensar, reconstruir e falar sobre suas vidas e experiências. Nesse sentido, colocar em diálogo constante as teorias, os registros das observações e conversas possibilitou a desconstrução de estigmas e estereótipos passando a entender alguns processos sociais que compõe, o que Langa (2012) denomina *habitus* da rua. Esse *habitus* não se trata de uma estrutura, ou estruturas unidirecionais, moldes que constroem moradores de rua, mas sim características sociais compartilhadas, que ao mesmo tempo em que constroem são reconstruídas por esses agentes em seus dia-a-dia.

Algumas conversas desenrolavam de forma fragmentada, com intervenções dispersas e fora do contexto, apresentando contradições explícitas ao direcionamento dos assuntos que explicitam as condições psicológicas, emocionais e físicas desses interlocutores, que proporcionaram ou foram proporcionadas, pelas vivências na rua, uso constante de drogas lícitas e ilícitas, adoecimentos sem atenção adequada entre diversos outros fatores. Entretanto, outras conversas foram extremamente fluentes, lúcidas e com detalhamento de acontecimentos recentes e dos primeiros anos de rua e de vida, tratando dos mais variados assuntos como relação com a família, religião, valores pessoais, sexualidade, orientação sexual, trabalho, estudos, relações afetivas entre outras. Dessa forma, este rico material permite olhares diversos para sua exploração e significação no campo científico, sendo que a opção feita neste trabalho foi a de usar a lente dos discursos sobre gênero e sexualidade.

Devido ao formato escolhido para construção deste artigo, que solicita um grande volume de informações acerca da trajetória social dos interlocutores, foram privilegiadas quatro trajetórias identificadas como sendo de interesse para o enfoque deste trabalho, ou seja, com narrativas de moradores de rua gays e lésbicas que explicitam os efeitos das diferentes expressões de gêneros nas suas trajetórias. Além disso, é importante destacar que esses moradores de rua tiveram contato com o pesquisador de forma a permitir uma maior interação, o que permitiu diálogos mais aprofundados possibilitando um detalhamento maior das narrativas.

Conforme explicitado, materializar essas histórias contatadas e recontadas pelos interlocutores não objetivam recriar uma biografia de suas vidas, todavia estes elementos narrados pelo pesquisador acerca dos discursos co-construídos durante a pesquisa de campo visam auxiliar na reflexão de como as relações de gênero estão implicadas em trajetórias

de pessoas LGBT que se encontram na rua atualmente (Gergen; Gergen, 2010). Para apresentar as trajetórias dos moradores de rua, conforme pactuado com eles, foram usados codinomes (“São José”, “Pomerode”, “Mineiro”, “Porto Alegre”) referentes a seus locais de moradia pregressa ou nascimento.

A primeira trajetória é da “São José”, nascida em São José, cidade da Grande Florianópolis, tem 26 anos, sexo feminino e identifica-se como sapatão/lésbica, mas prefere a primeira denominação, homossexual e negra. Constrói seu corpo e performance social com características masculinas, usa um “top” que lhe aperta os seios, como um “*binder*”<sup>2</sup> improvisado, parecendo que não os possui, tem cabelos curtos, olhos pretos, magra, baixa e sempre com roupas largas, camiseta regata, bermuda jeans e tênis esportivo. Como quase todos os moradores de rua, relata que usa frequentemente as mesmas vestes, exceto quando consegue alguma peça nova. Seus gestos e postura são viris e afirma que enfrenta qualquer um com palavrões, empurrões e, se necessário, parte pra luta corporal. Ela domina seu “pedaço”.

O controle dos “pedaços”, espaços em que há convivência de pessoas que pactuam das mesmas regras (Magnani, 2002), implica em uma relação de monitoramento constante dos acontecimentos e forma de agir das pessoas que o compõe, mesmo que de forma não perceptível. Sendo assim, há uma vigilância hierárquica, que se ramifica nas normas de regulação desses espaços, tendo efeito direto na performance dos moradores de rua. Ou seja, as relações de poder e controle, e a ordem do “pedaço” vão ser dominadas por corpos moldados, com características viris, independente da narrativa biológica dada ao corpo, sendo a expressão de gênero fundamental nessa relação (Foucaut, 1979).

Ela conta que desde os 5 até os 18 anos alternou a moradia entre a casa de familiares, em um bairro carente do município de São José, e um abrigo para crianças e adolescentes em Florianópolis, devido a morte de sua mãe quando tinha 4 anos, que por alguns anos também morou na rua. Lembra que passou a se relacionar com outras mulheres durante o período em que esteve presa por tráfico de drogas. Após a reclusão voltou para casa de sua avó, todavia por esta não aceitar suas relações com outras mulheres e consumo de drogas, que aumentaram após as vivências no presídio, decidiu morar nas ruas de Florianópolis, pois não queria incomodar sua família e não poderia voltar para o

---

<sup>2</sup> Veste feita com tecido elástico fechado com velcro ou zíper utilizado na região peitoral com o intuito de moldar os seios de forma que não fiquem proeminentes.

abrigo, por ter atingido a maioridade. Afirma que esta a 4 anos na rua, sendo que mantém contato pontual com familiares e com pessoas que conheceu nos período em que esteve no abrigo.

O processo que leva a desfiliação das pessoas que passam a morar nas ruas parece ser balizado por uma série de fatores sociais, econômicos e culturais, que mediante as narrativas construídas nos contextos influenciam as suas trajetórias (Escorel, 1999). A dependência em relação as drogas lícitas e ilícitas e problemas de ordem mental muitas vezes inviabilizam o convívio com os familiares e são destacados na literatura, todavia há um silenciamento no que tange os efeitos das relações de gênero dos moradores de rua, principalmente na literatura brasileira. Neste aspecto, cabe observar – principalmente quando tratamos da população LGBT moradora de rua que vivencia constantemente os discursos que operam as fobias de gênero na sociedade, logo nas instituições como família e escola – que essas relações podem estar intimamente relacionada com os conflitos familiares motivadores da ida para a rua (Bourdieu, 1998; Jesus, 2012).

A “São José” relata que desde que saiu de casa morou nas ruas de Florianópolis, mas pretende conhecer o Rio de Janeiro com seu amigo de marquise “Ceará” que já rodou alguns lugares do Brasil morando na rua. Referiu ter relações afetivas e sexuais com algumas companheiras de rua, mas espera sua companheira de prisão sair para ficarem juntas. Tanto nas ruas quanto no período anterior, afirma trabalhar na venda de drogas, nas ruas cuida de carros e mangueia quando necessita. Apesar das dificuldades cotidianas, como os conflitos com moradores de rua e não moradores, além das atitudes preconceituosas que vivencia, diz que tem a rua como um espaço em que se sente mais livre para expressar de sua identidade de gênero, ou “ser sapatão”, e consumo de drogas, sendo que não pretende voltar para a casa dos familiares.

A relação dos moradores de rua com o tráfico de drogas é constante, visto que a população em geral faz o uso de substâncias ilícitas. O acesso a esses espaços, geralmente nas comunidades carentes de Florianópolis, exige certa cautela e conhecimento progresso. Nesse sentido, a compra das drogas nas “bocas” é feita por determinados moradores de rua, geralmente homens, que fazem um levantamento de dinheiros nos “pedaços”, compram a drogas e cobram uma “taxa”, paga em droga. Entretanto, no caso da “São José”, considerando a sua performance masculina e também a vivência progressa com o tráfico, tem acesso as “bocas” e faz o repasse, diferente das outras mulheres e gays (Langa, 2012).

A segunda trajetória é da “Porto Alegre”, nascida em São Leopoldo, cidade da Grande Porto Alegre, em família de classe média, tem 27 anos, sexo feminino e se identifica como lésbica, homossexual e branca. Constrói seu corpo e performa a partir de características femininas, tem uma fala e atitudes reservadas. Tem olhos castanhos, quase sempre olhando para o chão, longos cabelos castanhos, sempre amarrados, pele clara, mas escurecida pelo sol e pela vida na rua, corpo emagrecido que sustenta uma calça jeans, camiseta azul, sem estampa, e nos pés sujos, chinelos gastos pelas longas distâncias que percorre para conseguir e vender os reciclados. Apesar disso, é cobiçada pelos moradores de rua, mesmo os que sabem de sua identidade de gênero, que além da cobiça fazem “piadas” com isso.

A possibilidade de construir uma existência homossexual para as mulheres na rua exigem resistência constante, isso porque, na rua a presença predominante de homens, que se identificam como heterossexuais, faz com que o corpos que possuem vagina sejam muito cobiçados. Além disso, é perceptível discursos que operam na lógica machista, objetificando o corpo feminino e entendendo o papel da mulher como de servidora do homem. Nesse sentido as mulheres lésbicas na rua, principalmente quando não performam características masculinas, são convidadas a ocupar um espaço em que sua identidade não importa, ou mais do que isso esta “equivocada” mediante sua “natureza” (Butler, 2003).

Relatou também que sempre soube de sua atração afetiva por mulheres, mas que pelos discursos conservadores de sua família manteve isso em segredo e até tentou relacionamentos com homens na adolescência. Quando formou-se no ensino médio, com 18 anos, referiu ter decidido conversar com os pais sobre sua sexualidade e deparou-se com uma intolerância que não esperava. Afirma ter sido estuprada por seu pai e seu tio, dias após a conversa, e mediante a situação fugiu de casa e da cidade para tentar uma vida nova em Porto Alegre.

O cenário pgresso da população LGBT moradora de rua se mostra imerso em narrativas de violência, legitimadas e naturalizadas no *habitus* hetenormativo (Vieira, 2015). No tocante da trajetória da “Porto Alegre”, a população lésbica é a que principalmente vivencia o chamado estupro “corretivo”, que com a justificativa, inconsequente, de mostrar a mulher como ser mulher, ou melhor, como ser mulher nos moldes da heteronormatividade e para servir ao homem, submete mulheres lésbicas a relações sexuais forçadas com homens, geralmente familiares. (Warner, 1993; Santos;

Araujo e Rabello, 2014; Braga, Angotti e Matsuda, 2014)

Embora com alguma dificuldade, em sua narrativa disse após a chegada à nova cidade conseguiu emprego em uma rede de supermercados em que trabalhou por algum tempo, nesse período conseguia pagar um quarto para morar, mas o que ganhava garantia o pagamento do espaço e comida. Nesse período sua família a procurou várias vezes e conseguiu contato. Referiu que ao ser dispensada do emprego decidiu vir para Florianópolis, com o intuito de impedir o contato da familiar, que lhe trazia péssimas recordações, e recomeçar uma nova vida. Com algum dinheiro que conseguiu da rescisão comprou uma passagem, pegou seus pertences e partiu. Quando chegou buscou emprego em alguns lugares, por cerca de três meses, tempo em que conseguiu pagar um quarto com seus rendimentos. Sem sucesso, foi dormir nas ruas da cidade. Informou que está a 7 anos na rua e desde então não tem mais contato com familiares e amigos antigos.

Mencionou que nas ruas, passou a usar drogas, principalmente para manter-se acordada durante a noite, com medo da violência, para “amortecer seus sentimentos” e muitas vezes fazia o uso em grandes quantidades para “apagar” e conseguir dormir. Referiu ter dormido só e acordar acompanhada várias vezes, principalmente no início de sua vida na rua e sofrer assédio constante dos homens moradores de rua, mas com o tempo foi conhecendo os outros moradores de rua e os lugares seguros para dormir. Desde que começou a residir nas ruas disse que trabalha com reciclagem, principalmente de papelão e latas, consegue se manter com os rendimentos, mas conta com ajuda para conseguir roupas, apesar de referir com orgulho que já conseguiu comprar algumas com dinheiro próprio. Ela afirma que a rua não se configura como o lar ideal para ela, pensa em sair assim que puder, entretanto, apesar das dificuldades, refere estar feliz com os caminhos que percorreu até o momento.

As trajetórias dos moradores geralmente se vinculam em algum momento com o uso de drogas, todavia, o olhar dado para essa relação, geralmente esta voltado para a o uso de drogas como motivo de ida para a rua. Entretanto, é possível perceber que, no caso das pessoas LGBT esse discurso pode, em algumas trajetórias, não fazer sentido, visto que o uso passa a ser feito a partir da ida para rua. Assim, na narrativa da “Porto Alegre” o uso pode ser entendido a partir de uma necessidade proveniente da insegurança de viver nas ruas, comum a toda a população de rua, todavia é perceptível que os discursos machistas, que além de colocarem a mulher na posição de fragilidade, convidam a uma relação de

hierarquia objetificação desses corpos para os homens e a serviço dos homens, estão de alguma forma relacionados neste cenário (Beck, 2011; Bourdieu, 1998).

A terceira trajetória é do “Pomerode”, nascido no vale do Rio Itajaí na cidade de Pomerode, tem 30 anos, sexo masculino, identifica-se como “viado” e gay, homossexual e branco. Cabelos curtos, louros, olhos azuis, pele avermelhada e surrada pelo sol, os pés sujos, em um chinelo velho, com a ponta dos dedos pretos e corroídos. Traja roupas justas e performa com características femininas, inclusive a entonação da voz.

Alega ser filho caçula, de quatro irmãos, de agricultores, muito religiosos e conservadores de um distrito rural da cidade e que ainda na escola começou a sentir-se atraído por outros meninos, todavia nunca soube como conversar sobre isso com a família. Segundo ele, tanto a família quanto as pessoas da comunidade sabiam que era gay, um constante motivo de chacota e agressões no decorrer de sua infância e adolescência. Contou que após anos de convivência com as violências, mesmo nunca tendo se relacionado como outros homens decidiu, com 20 anos, conversar com os pais sobre o sofrimento que passava escondendo sua sexualidade e pedir apoio para morar em outra cidade. Como resultado de sua conversa, disse que ouviu do pai que ele não o considerava mais como filho e que daquele dia pra frente não poderia mais entrar na casa deles. A mãe tentou mediar, mas foi agredida pelo pai. Segundo ele, ainda voltou a conversar com o pai e buscou ajuda dos irmãos, mas todos foram irredutíveis, assim juntou o que conseguiu em uma mochila, pegou alguns trocados de um esconderijo de seus pais e no mesmo dia da conversa partiu para Blumenau. Referiu que ficou perdido, pois nunca havia saído de sua cidade, mas com o passar do tempo foi conhecendo os moradores de rua e os lugares daquele novo lar, sendo que passou pouco mais de um ano em Blumenau, mas por convite de seu primeiro namorado, também morador de rua, veio para Florianópolis. Relatou que desde sua conversa com os pais, há 10 anos, nunca mais teve contato com seus familiares.

Na população de rua é possível perceber uma grande parte de pessoas provenientes dos interiores do Brasil, as cidades pequenas, ou melhor, as com baixa densidade populacional, marcam a vida das pessoas LGBT, pois nesses espaços em que, geralmente, o vínculo social construído entre os habitante é próximo, ou seja todos se conhecem. Além disso, os costumes conservadores, vinculados aos ensinamentos das religiões, exacerbam as relações pautadas em discursos machistas e heteronormativos. Nesse sentido, existir

nesses lugares enquanto pessoa LGBT é um grande desafio, e muitas vezes essa existência só é possível após a saída de casa, ou ainda, da cidade (Teixeira-Filho; Rondoni; Bessa, 2011).

Essa trajetória de saída, na maioria dos casos, parece transcorrer de uma forma que garanta suporte na saída de casa, nos casos das pessoas que vão estudar em universidades ou trabalhar em outras cidades, ou até mesmo estados. Aqui novamente são tangenciados aspectos econômicos, sociais e culturais, que irão contribuir na construção desses caminhos. Todavia, voltando para a rua, essas relações sociais interioranas pautadas em uma lógica heteronormativa podem ser entendidas como um potencializador na desfiliação das pessoas LGBT, e a depender do cenário e das possibilidades progressas dessas pessoas, tornar a rua um caminho.

A quarta trajetória é do “Mineiro”, nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, tem 32 anos, sexo masculino, se identifica como gay, homossexual e negro. Tem olhos pretos, sorriso largo, mas com poucos dentes, e os que têm estão muito comprometidos, é discreto, performa características masculinas, fala pouco, mas adora contar suas histórias. Em uma delas referiu ter sido “mal nascido”, pois é filho de mãe solteira, de família pobre e de periferia, criado pelos tios, pois sua mãe lhe abandonou quando tinha 2 anos. Relatou que o contato com as drogas, assim como, a autopercepção enquanto gay foram ainda na pré-adolescência, sendo que quando compartilhou com seus tios sua identidade de gênero foi entendido como louco e doente, com o objetivo de curá-lo levaram-no a igreja e até em uma curandeira da comunidade.

Apesar de ser amplamente discutida e mesmo após serem criados mecanismos legais que orientam ao não uso nem propagação da ideia de que a condição homossexual necessite de tratamento, a “cura” gay parece permanecer nos discursos heteronormativos de forma irredutível, o que deveras é preocupante. Essa narrativa de cura, ou seja, de uma “ajuda” geralmente sobrepõe e mascara atitudes fóbicas em relação a possibilidade de uma diversidade sexual e de gênero. Nesse sentido de crítica ao hábito contemporâneo de patologizar condições e comportamentos, ressalta-se a necessidade de um olhar atento quando se busca diagnósticos, ou mesmo características tratáveis para as pessoas que moram nas ruas. Nas duas situações, parece nada mais que uma forma cômoda de não olhar para as diversas construções e relações de poder da sociedade que possibilitam ou impossibilitam determinadas vivências (Sposito, 2012; Foucault, 1979).

Segundo ele, nada teve o efeito esperado pela família, e em certo ponto por ele, pois chegou a acreditar que tinha problemas de ordem mental. Conta que se sentia péssimo pela situação que era submetido, mas na adolescência ao ter contato com outros gays passou a se aceitar melhor e não mais conversou sobre isso com os familiares, levando uma vida secreta por algum tempo. Todavia, relatou que após a na saída da escola foi surpreendido por seu tio enquanto estava beijando o namorado, sendo que esta cena motivou a tentativa de homicídio, com golpes de faca quando ele chegou em casa. Ao relatar isso, me mostrou as cicatrizes na região das costelas e disse ter sido salvo por uma vizinha que entrou na casa gritando, segurou o tio e o levou para o hospital. Relembra que o episódio aconteceu quando ele tinha em torno de 16 anos e que teve acompanhamento do conselho tutelar no hospital, mas antes de receber alta fugiu pelo medo que sentia. Desde então vive nas ruas, inicialmente em Belo Horizonte, passando por São Paulo e Porto Alegre. Está há 6 anos em Florianópolis. Considera que as ruas da atual cidade, apesar de violenta e fria no inverno, são mais brandas que a dos outros lugares que já esteve. Atribui isso para a relação entre os moradores de rua, que apesar de agressiva não apresenta tanta agressão física quanto em outros lugares, assim como as ações da polícia que são menos ostensivas em Florianópolis. Entretanto afirma ter sido “mal tratado”, tanto por colegas de rua quanto por de pessoas que não moram na rua, que sabem ou desconfiam que ele se identifica como gay.

Do mesmo modo que foi apresentado na trajetória da “Porto Alegre”, os diversos tipos de violências fazem parte do cotidiano da população LGBT, sejam nas vivências da rua, ou mesmo nos lugares em que viviam antes. O que chama atenção são os diferentes sentidos construídos e ações desenvolvidas, a partir de racionalidades fóbicas, nos corpos que se identificam como lésbica ou gay. Nesse sentido, podemos significar essas diferenças a partir da própria racionalidade da dominação masculina, pois se os corpos com vagina são entendidos como frágeis e devem servir aos desejos masculinos, serão convidados a ocupar o lugar da submissão, serão assediados e, se necessário, forçados a fazer o que o lugar que lhes é atribuído solicita, mesmo que de forma punitiva visando um “ajuste” ao que norma sugere. Por outro lado, os corpos com pênis, que nesta lógica deveriam ocupar o espaço da virilidade e domínio em relação as mulheres, mas principalmente na provação aos outros homens, ao não performarem dessa maneira a manter o *status quo*, serão convidados a ocupar o lugar do traidor, justificando, mediante está lógica, um convite ao “ajuste” por meio da punição severa, sendo o homicídio uma narrativa possível (Bourdieu,

1998).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao co-construir as trajetórias das pessoas LGBT moradoras de rua, ou melhor, a trajetória dos gays e lésbicas moradores de rua do município de Florianópolis/SC que, durante o período de campo desta pesquisa se identificaram a partir dessas identidades e se dispuseram a contar histórias sobre sua vida foi possível recontar vivências imersas em fobias de gênero e violências de todos os tipos.

As vivências narradas por essas lésbicas e gays moradores de rua certamente se assemelham a de muitas outras pessoas LGBT, que neste exato momento, estão sendo submetidas a relações e atos violentos, causando ou não sua expulsão ou fuga de casa, pelo medo de uma atitude extremas ou em decorrência delas.

Nesse sentido, frente ao silêncio da literatura em relação as discussões sobre a população LGBT de rua este trabalho se coloca como estímulo ao desenvolvimento de pesquisas que possam cada vez mais dialogar com essa população no cenários das ruas para que suas vivências e necessidades também passem a ser vistas, significadas e se tornem demandas de interesse da sociedade civil organizada e das instituições públicas.

## REFERENCIAS

ABREU, D. **Pessoas em situação de rua, uso de drogas e o consultório de rua.** Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ARAGAKI, S.S. et al. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões de realidade. In: SPINK, M.J.P. et al. **A produção de informação na pesquisa social: A produção de informação na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Cap. 3. p. 57-72.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade.** São Paulo: editora 34, 2011. 383 p.

BERLANT, L.; WARNER, M. Sexo em Público. In: JIMÉNEZ, R. M. M. (editor). **Sexualidades transgressoras.** Barcelona: Içaria, 2002.

BOSI, M. L. M.; MERCADO, F. J. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** São Paulo: Papius Editora, 1996.

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 1998.
- BRAGA, A. G. M.; ANGOTTI, B.; MATSUDA, F.M. **Das violências reais e simbólicas: a violência sexual contra mulheres no Brasil**. 254. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, 2014.
- BRASIL. **Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua**. Brasília, DF, 2008.
- BRASIL. **Política Nacional para inclusão Social da População em situação de Rua**. Brasília, DF, 2009.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilizacao brasileira, 2003.
- CARDONA, M. G.; CORDEIRO, R. M.; BRASILINO, J. Observação no cotidiano: um modo de fazer pesquisa em psicologia social. In: SPINK, M.J.P et al. **A produção de informação na pesquisa social: A produção de informação na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Cap. 6. p. 123-148.
- COCHRAN, B. N. et al. Challenges faced by homeless sexual minorities: Comparison of gay, lesbian, bisexual, and transgender homeless adolescents with their heterosexual counterparts. **American Journal of Public Health**, American Public Health Association, v. 92, n. 5, p. 773–777, 2002.
- DUNNE, G. A.; PRENDERGAST, S.; TELFORD, D. Young, gay, homeless and invisible: a growing population? **Culture, Health & Sexuality**, Taylor & Francis, v. 4, n. 1, p. 103–115, 2002.
- SCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- SCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- FLORIANÓPOLIS. **Secretaria Municipal de Assistência Social**. 2015. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/semas/index.php?pagina=servlistagem>>.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1979.
- FRANGELLA, S. M. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de uma rua em São Paulo**. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.
- FRASER, N. et al. **Justice interruptus: Critical reflections on the "postsocialist" condition**. London: Cambridge Univ Press, 1997.
- GARCIA, M. R. V. Diversidade sexual, situação de rua, vivências nômades e contextos de vulnerabilidade ao hiv/aids. **Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia, v. 21, n. 3, p. 1005–1019, 2013.
- GERGEN, K. J.; GERGEN, M. **Construcionismo social: um convite ao diálogo**. [S.l.]:

Editora do Instituto NOOS, 2010.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GROSSI, M. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. [S.l.]: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1998.

HYDE, J. From home to street: Understanding young people's transitions into homelessness. **Journal of Adolescence**, Elsevier, v. 28, n. 2, p. 171–183, 2005.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2012.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2012.

KENNEDY, M. R. Homeless and runaway youth mental health issues: No access to the system. **Journal of Adolescent Health**, Elsevier, v. 12, n. 7, p. 576–579, 1991.

KRUKS, G. Gay and lesbian homeless/street youth: Special issues and concerns. **Journal of Adolescent Health**, Elsevier, v. 12, n. 7, p. 515–518, 1991.

LANGA, E. N. B. **Pessoas que habitam as ruas em Fortaleza nos circuitos da vulnerabilidade e exclusão: identidades em construção nas trajetórias e percursos**. 2012. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. London: Sage Publications, 2000.

LORENZI, C. G. et al. **Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Instituto NOOS, 2014.

LORENZI, C. G. et al. **Construcionismo social: discurso, prática e produção do conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Instituto NOOS, 2014.

LUCCA, D. D. **A rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua**. Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MALLETT, S. et al. **Moving out, moving on: young people's pathways in and through homelessness**. [S.l.]: Routledge, 2009.

MILBURN, N. G. et al. Discrimination and exiting homelessness among homeless adolescents. **Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology**, Educational Publishing Foundation, v. 12, n. 4, p. 658, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. Beverly Hills, CA: SAGE Publications, inc, 1990.

PENNBIDGE, J. N.; FREESE, T. E.; MACKENZIE, R. G. High-risk behaviors among male street youth in hollywood, california. **AIDS Education and Prevention**, Guilford Publications, 1992.

QUINTAO, P. R. **Morar na rua: há projeto possível?** Dissertação (Mestrado) — Universidade de São Paulo, 2012.

REW, L. et al. Sexual health risks and protective resources in gay, lesbian, bisexual, and heterossexual homeless youth. **Journal for Specialists in Pediatric Nursing**, Wiley Online Library, v. 10, n. 1, p. 11–19, 2005.

SANTOS, T. N.; ARAUJO, B. P.; RABELLO, L. R. Percepções de lésbicas e não lésbicas sobre a possibilidade de aplicação da Lei Maria da Penha em casos de lesbofobia intrafamiliar e doméstica. **Bagoas**, Natal, v. , n. 11, p.101-119, 2014.

SÃO PAULO. **Pesquisa Censitária da População em Situação de Rua**: Caracterização Socioeconômica da População Adulta em Situação de Rua e Relatório Temático de Identificação das Necessidades desta População na Cidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2008.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: BVCE, 2010.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas, Cortez São Paulo, v. 2, p. 93–122, 2004.

SPOSITO, S. E. Psicologia, Sexualidade e Religião: Ligações Perigosas. **Revista de Psicologia da Unesp**, São Paulo, v. 1, n. 11, p.100-104, 2012

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A.; BESSA, J. C. Reflexões sobre homofobia e educação em escolas do interior paulista. **Educ. Pesqui.**, [s.l.], v. 37, n. 4, p.725-741, dez. 2011.

UNGER, J. B. et al. Homeless youths and young adults in los angeles: Prevalence of mental health problems and the relationship between mental health and substance abuse disorders. **American journal of community psychology**, Springer, v. 25, n. 3, p. 371–394, 1997.

VIEIRA, M. **“Quero poder existir”**: contornos da violência simbólica contra orientações sexuais não binárias entre universitários LGBT da Universidade Federal de Santa Catarina. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Departamento de Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

WARNER, M. **Fear of a queer planet: Queer politics and social theory**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1993.

WHITBECK, L. B. et al. Mental disorder, subsistence strategies, and victimization among gay, lesbian, and bisexual homeless and runaway adolescents. **Journal of sex research**, Taylor & Francis, v. 41, n. 4, p. 329–342, 2004.



**APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE  
E ESCLARECIDO**





**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Saúde  
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "Sentidos construídos sobre expressão de gênero entre os moradores de rua do município de Florianópolis, SC, Brasil". A presente pesquisa está associada ao projeto de mestrado de Dalvan Antonio de Campos, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina.

Este trabalho pretende compreender os efeitos das diferentes identidades de gênero, em suas diversas interfaces, na trajetória de vida dos moradores de rua com ênfase nos aspectos relacionados a saúde. Para isso, durante a fase de campo da pesquisa, você será entrevistado uma vez, de forma individual e reservada, para conversarmos sobre sua trajetória de vida.

Lembramos que durante a entrevista alguns aspectos de sua trajetória de vida podem lhe trazer lembranças desagradáveis. Nesse sentido, o pesquisador realizará a condução da entrevista visando minimizar as consequências preservando sua integridade. Durante os procedimentos de coleta você sempre estará acompanhado por um dos pesquisadores que lhe prestará a assistência necessária e lhe esclarecerá qualquer dúvida sobre o projeto. Além disso, você poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Caso opte em deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo.

Ressaltamos que os pesquisadores serão os únicos a ter acesso as informações das entrevistas e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo, todavia sempre existe a possibilidade, mesmo que remota, da quebra do sigilo involuntário e/ou não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei. Informamos também que os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros e/ou publicados revistas científicas, entretanto mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

O desenvolvimento deste projeto de pesquisa possui grande relevância social e acadêmica, principalmente no tocante do conhecimento e reconhecimento dos efeitos das expressões de gênero trajetórias progressivas e nas vivências presentes dos moradores de rua. Dessa forma, sua participação nesta pesquisa é de suma importância para que o campo científico, a sociedade em geral, o estado e seus servidores tenham a possibilidade de acessar narrativas que ultrapassem o preconceito e a invisibilidade que a população de rua enfrenta em seu cotidiano possibilitando ações para melhoria da qualidade de vida dessa população.

Informamos que a legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Ressaltamos que você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, mas, em caso de despesas com transporte e/ou alimentação, decorrentes da participação da pesquisa,

você será ressarcido integralmente pelos pesquisadores. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

Em caso de necessidade, a qualquer momento que julgar necessário, você poderá contatar o coordenador da pesquisa, Prof<sup>o</sup>. Rodrigo Otávio Moretti Pires, através do telefone de número +55 (048) 3721-4869, pelo e-mail: [rodrigo.moretti@ufsc.br](mailto:rodrigo.moretti@ufsc.br) ou ainda presencialmente na Sala 130 do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, no Centro de Ciências da Saúde localizado na Rua Delfino Conti, Bairro Trindade, Florianópolis, Santa Catarina. Poderá também contatar ou dirigir-se ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) no Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SCCEP 88.040-400, ou pelo e-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br), ou ainda pelo número: + 55 (48) 3721-6094.

O pesquisador responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Duas vias deste documento, que possui duas página, estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável, lembre-se de guardar cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_

---

Assinatura do(a) participante

---

Assinatura do pesquisador responsável (Prof<sup>o</sup> Rodrigo Otávio Moretti Pires)